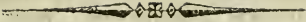
THEATRO

DE J-B. S. L. A. GARRETT.

TOMO I.

LISBOA,
ANNO II. (1822.) NA IMPR. LIBERAL.
Rua Formosa N. 42.

A QUEM LER.

Conheço perfeitamente a difficuldade d'uma composição drammatica. Empregando a maior parte de minhas horas vagas (unicas, que dou a versos, e similhantes passatempos) neste ramo de poesia, que por inclinação amei sempre, e por estudo cultivo; versando, quasi desde a infancia, com *nocturna*, e *diurna* mão os theatros Gregos, e Francezes; tenho de sua leitura constante colhido (quando menos) o conhecimento perfeito da difficuldade do genero.

Lendo Sophocles, e Eschylo, Euripides, e Aristophanes; ajudando-me no pouco conhecimento da lingua Grega das boas traducções Latinas; e Francezas, e sobre tudo da erudita, e ingenhosa obra do P. Brumoy; adquiri o gôsto do theatro classico, e das bellezas magestosas, e simplices da Melpomene d'Athenas, com o do sal acre, e travessos risos de sua galhofeira Thalia.

A tragedia Grega singela, e vigoroza em Eschylo, magestoza, e sublime em Sophocles; só em Euripides decai alguma couza em certa affectação de *moralizar*, que depois em Roma estragou Seneca, (*) e mais posteriormente em Paris *ammaneirou* algumas vezes Voltaire.

(*) Ou quemquer que é o auctor das tragedias dêste nome.

Na commedia Grega, simplez *caricatura* ao principio de diversas personagens, mais vaga, e incerta no seu caminho de apperfeiçoamento, admirei a viveza dos ditos picantes, a ingenhosidade da imitação *ridicula*; porêm mais nada. E não tendo outro escriptor, senão Aristophranes; até pela fallencia de comparação, foi indetermidado o meu conceito.

Não conhecia eu estas differenças nos meus principios: e o sentimento da admiração era o unico da minha alma quando comtemplava taes maravilhas.

A scena Romana não me offereceu senão Plauto, Terencio, e Seneca; ou, mais exactamente algumas cópias desfiguradas dos originaes Gregos, que tendo largado o *palio* de Athenas, vestírão a *toga* do Lacio, que se lhes desageitava nos hombros desaffeitos.

Voltei-me ao theatro das linguas modernas, que não só colhêrão o bejo ás bellezas, e primores Gregos; mas souberão crea-las novas. Na tragedia a Sophonisba de Trissimo, e a Castro de Ferreira; na comedia Gil Vicente, Prestes, e Ariosto com outros na Italia, e Hespanha, appresentão as primicias da moderna scena, que, ora moldada no classico Grego, ora no genero Romantico, formão uma terceira especie, d'ambas participante tantos esmeros, e prodigios veio depois a dar ao theatro das linghas vivas.

Alem de longa, fòra bem superiôr ás minhas fòrças a analyse das peças drammaticas do riquissimo theatro Francez: do não tam rico, mas quasi tam extenso Inglez, e Hespanhol; e final mente do novissimo, porêm talvez superior a todos, o Italiano.

Ninguem ignora que a conservação, e appuro do genero classico se deve á França, e principalmente a Racine, Voltaire, e Crebillon: mas poucos quererão conceder que Mafei, e Alfiéri o sublimou, e appurou amda mais que todos elles. Todos sabem que o genero Romantico, filho de Shackespear formou uma classe distincta, e separada, que, supposto irregular, e informe, tem com tudo bellezas proprias, e particulares, que só nelle se achão.

Todas estas observações tenho eu encontrado nos philologos modernos, e em todos, ou quasi todos os cursos de litteratura. Mas o que me não lembro de ler é que este genero Romantico, combinando-se com o classico, dando-se, e recebendo mutuos soccorros, formassem um genero novo, cujos caractheres, são bem salientes, e cuja belleza incontrastavel. Segundo a minha opinião são classificaveis nelle Corneille, e Ducis em quasi todas as suas obras, Schiler (*) em algumas, e os modernos auctores Inglezes, e Hespanhoes em todas.

No que toca á especie commica, não se póde com exactidão dizer o mesmo. Pois de certo em França, desde o *Menteur* de Corneille, até quasi ao nosso tempo (em que Diderot, os seus *drammas*, e os seus imitadores, fazendo um co-

---

(*) O theatro Alemão não fez uma eshola sua: quasi todo elle é Inglez; pouco neste genero *misto*; e por ventura nenhum no *classico*. O que se diz da scena tragica, não direi eu da commica, em que o não julgo cousa alguma absolutamente.

mo schisma theatral, confundirão algum tanto os generos) a commedia tem constantemente sidó regular, e classica. Não diremos porêm o mesmo da Ingaterra, e Hespanha; em que os generos tragico, e commico, por muito tempo *ammalgamados*, e confundidos, mal começão a tomar seus distinctos, e separados logares nas scenas das duas nações. Mais classica se conservou a commedia Italiana, supposto seu maximo esciiptor, Goldoni muito propenda para o genero Romantico.

Em Portugal, se passar-mos os antigos, não sei contar senão J-B. Gomes; pois dos outros todos creio, que affoutamente se poderá dizer que não valem o trabalho de contá-los. Será isto defeito, e falha nossa. Não teremos nós *la tette drammatique*, como os Franceezes *l'epique*? = Não sei responder; mas nem por isso deixo, e deixei desde que me entendo, de forcejar por encher, quanto em mim fosse, o vazio do nosso theatro. Serão talvez baldados os meus esforços: paciencia:

Eu desta glória só fico contente,
Que a minha terra amei, e a miuha gente.

Assim dizia um dos maiores poetas, e philosophos Portuguezes; e assim digo eu, o minimo delles, mas não inferior em desejos, e vontade ao grande, e immortal Ferreira.

Começo a publicação dos meus ensaios drammaticos por uma tragedia, e uma farça, ambas feitas, e represntadas ultimamente. Outras tinha eu demais antiga data; mas, sobre careçe-

rem de grande emenda, e lha não podêr eu fazer por agora; accresce demais a analogia destas com as presentes ideias, e o meu conceito (talvez errado) de sua melhoria.

Tanto a tragedia, como a farça são obra, uma de dez, outra de dous dias. Não são desculpas de prevenção, nem estudados meios de captar benevolencia. E'um facto testimunhado pelas pessoas, que as representárão, e por mais algumas.

A sociedade de curiosos, que as levárão á scena, e que tanto applauso lhes grangeárão do mais escolhido público de Portugal recebêrão pouco, e pouco as porções da peça, que se hião fazendo para os ensaios; e todos os membros dessa sociedade sabem quantas vezes se compunha na vespera, o que no outro dia se tinha de ensaiar.

O exito feliz d'uma empresa atrevida conduz sempre a novos atrevimentos. Assim a tragedia como a farça recebêrão na scena um acolhimento, que eu não esperava, nem podia nunca imaginar. Contínuas instancias de amigos, e conhecidos, e até de desconhecidos, me resolvêrão a final, a publicá-las. Por ventura irei agora desenganar esse mesmo público; e appresentandolhe estes fracos ensaios, sem o prestigio da scena, e desajudados da poderosa magia de actores excellentes, mostrar-lhes toda a pouca realidade de seu merecimento, e faze-los envergonhar de seus applausos.

Não importa: a tenção está formada: hão-de sahir á luz, ainda que seja forçosa a operação *cesareana*. Na publicação da farça só me

embaraçava uma cousa ; e era o consentimento do meu amigo, o Sr. P. Midosi, que tanto, ou mais que eu, havia trabalhado nella. Tendo porêm convindo em correr-mos aventuras de auctor; ambos sahimos a público, tanto mais animados, quanto, em caso de desfortuna nos podêmos mutuamente imputar o mau exito da empresa.

CATÃO,

TRAGEDIA.

Representada pela primeira vez em Lisboa, no Theatro do Bairro-Alto em 29 de Septembro Anno 1. (1821.)

ACTORES.

Prologo.

CATÃO.
BRUTO.
MANLIO.
PORCIO.
SEMPRONIO.
DECIO.
JUBA.

Senadores, Guardas, Lictores.

Logar da scena-Uttica.

PROLOGO. (*)

Hoje, invocando as musas Lusitanas,
Calçando com mão tremula *o* cothurno,
Venho timido expor nas scenas patrias
Hum caso atroz da memoranda Roma.

Da Lybia ardente nos torrados plainos
Arquejando vereis a liberdade;
Vela-heis, moribunda soluçando,
Espirar sobre a areia; e inda de longe
Fitar no extremo olhar o Capitolio.
Honra, valor, virtude, esfôrço, e gloria
Tudo acaba com ella nesse instante:
Algozes, ferros, asperas cadeias
Da miseranda Roma algemão pulsos.
Mas da patria infeliz o negro opprobrio
Catão não o ha de ver; morre primeiro.
Ve-lo-heis, esse homem, o maior dos homens,
D'homem, de pae, de cidadão deveres

(*) Recitado pelo author na primeira representação.

Desempenhar Romano, e morrer homem,
Ve-lo-heis tranquillo desafiar a sorte;
E ainda nos momentos derradeiros
Fazer no solio estremecer tyrannos,
Pasmar a terra, e envergonhar os numes,

Da malfadada Roma unica esp'rança
Bruto vereis tambem: n'alma agitada
Ver-lhe-heis luctar c'o a patria a natureza;
Mas a patria vencer. Odio execravel,
Desesperado horror na voz, nos labios
Lhe vem do coração troar vingança.
Um dia inda virá que o braço ardido
Quebre d'um golpe os ferros do universo.
Heroismo, e valor, terror, e espanto
Só vereis neste quadro sanguinoso.
Envolta em negro luto a lyra austera
Só troa sons de morte, e de vingança:
Em vez dos ais d'amor pullulão, fervem
Os ais, filhos do horror nas duras chordas.
Ternura, encantos de delicia, e mimo,
Oh! não os espereis: só falla a patria
Em corações, que a patria só conhecem.
Romanos estes são; mas vós sois Lusos:
E de Romano a Portuguez que dista?
Forão livres aquelles; vós sois livres:
Cidadãos; vós o sois: homens; sois homens:
Pelos campos da gloria, e liberdade,
Onde o Tybre correu, corre hoje o Tejo.

Escrava é Roma!... Italia malfadada!
Oh! que ideias de magoa, e de vergonha
Não excita este nome! Italia em ferros!
A patria dos Catões, dos Brutos, Cassios!
Oh nodoa nos annaes da humanidade!

Oh! quem podesse á historia do universo
Arrancar essa pagina d'infamia!

Mas não; não recordemos taes memorias:
Ou, se as lembrarmos, lembre-nos o exemplo
E atalhemos o mal na origem delle.
O ferro de Catão... (Não o de Bruto...)
Tambem sabem menea-lo os Portuguezes.

E tu, sexo gentil, delicias, mimo,
Afago da existencia, e encanto della,
Oh! perdoa, se a patria te não deixa
O primeiro logar em nossas scenas:
Não esqueceste, não; porem ciosos
São nossos corações de liberdade:
Onde impera a belleza, amor só reina;
Foge, onde reina amor, a liberdade.

E vós, vós todos, assemblea illustre,
Oh! não; não attenteis do vate aos erros.
Arte ingenhosa, lucidos talentos
No limitado espirito fallecem;
Foi só meu coração quem fez meus versos:
Por elle julgai só. Louvor, e applauso,
Nem os quero de vós, nem os supplico:
Não me levou a empreza tão difficil
O louco amor de passageira gloria.
Vêde expirar Catão: dentro do peito
Guardai desse Romano alma, e virtudes.
Se o conseguem meus versos, se me é dado
Esse premio alcançar de meus trabalhos;
Audaz, affouto, satisfeito, e pago
Ao resto irei da Europa, e do universo
Louvor, censuras desprezar sem medo.

CATÃO,

TRAGEDIA.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

BRUTO, MANLIO.

BRUTO.

Sei tudo, e tudo ouvi sobejas vezes;
Nem quero ouvi-lo mais. O ceo, que a Roma
Nos pôz columna extrema em seus desastres,
Não quer prantos de nós: valor, constancia,
Virtude, exfôrço, os unicos remedios
São dos males da patria. Lamenta-la,
Chora-la em ocio vil é ser covarde,
E' não ser cidadão, não ser Romano.

MANLIO.

Mas ouve...

BRUTO.

Tudo sei : que escrava é Roma ;
Que o baixo povo, que o mais vil senado
Folga entre os ferros que lhe doira o crime.
Que Cesar victorioso tantas vezes
Ao carro triumphal leva execrando
As Romanas virtudes manietadas ;
Que essa prole bastarda de Quirino,
Degenerados netos dos Fabricios,
Espurios filhos, infezado sangue
Dos Fabios, Quincos, dos Scipiões, dos Brutos,
Essa turba infiel vendeu contente
Braços, e coração, virtude, e gloria
A trôco d'oiro vil ; que impera ovante,
Que exulta Julio sobre a patria em cinzas,
E sobre o deshonrado Capitolio
Ousa dictar os fados do universo,
E em fim d'hum povo rei ser . . . Não, amigo :
O termo baixo, e vil, termo execrando
Entre os labios não cabe d'um Romano.
Sei tudo ; e tudo n'alma impresso em fogo
Continuamente me lacéra o peito :
Mas ao pêzo da sorte inda não curvo.
Tenho no peito coração Romano ;
E em quanto a espada do tyranno Cesar
M'o não souber varar . . . não cedo a Cesar

MANLIO.

Tua nobre constancia admiro, e louvo ;
E comigo o universo : mas tu mesmo,
Bruto, o confessas ; só a nós, e a poucos,
A poucos mais os deuses reduzírão
Da triste liberdade os defensores.
Nos quasi abertos, derrocados muros
D'Uttica só nos resta amparo debil.

Por suas brechas sem conto a cada instante
Nos entra a escravidão, nos foge a patria.
Nossas tropas, reliquias ja cançadas,
Já do infeliz Pompeu...

BRUTO.

E d'um tal nome
Não te basta a memoria deshonrada
O esquecido valor a excitar n'alma?
Inultos manes, veneranda sombra,
Victima infausta da traição mais barbara!
E o vil, que ousa Romano appelidar-se,
Será, Manlio, será?...

MANLIO.

Será da patria
O tyranno oppressor.

BRUTO.

Elle! Primeiro
Ha de Catão morrer.

MANLIO.

Dois golpes juntos
No seio maternal soffrerá Roma.

BRUTO.

Que soffra mil, e que não seja escrava.

MANLIO.

Ah Bruto! e de que serve o nosso exfôrço?
Nós poucos, ja sem fôrças que nos resta?
A' patria agonisante, e quasi extincta
Que podemos fazer?

BRUTO.

Morrer com ella.

MANLIO.

Mas...

BRUTO.

Basta: a aurora a despontar começa.

Pallida, e triste nos conduz a medo
O dia, o dia por ventura extremo
Da nossa liberdade! Oh Roma, oh patria!
Ceos, que o raio guardaís, no mundo ha crimes,
Que os de Cesar igualem? Ha malvados,
Cujo horror se emparelhe ao d'hum tyranno?
Sim, Manlio, o dia chega; e junto em breve
O senado será: delle dependem,
Elle decidirá nossos destinos.
Teus receios ante elle, os teus temores,
Tua prudencia poderás expor-lhe.
Eu, simples cidadão, tenho hum só voto;
Amigo aconselhei-te a ser Romano;
Romano não te posso ouvir mais tempo.

SCENA II.

MANLIO *so.*

Romano! Ideias vans! Já não existe
Essa gloria, esse nome tam famoso.
Tua feroz virtude embalde intenta
Erguer das cinzas a defunta Roma:
Punhal terrivel de civís discordias
O seio lhe rasgou, cortou-lhe as fôrças.
Roma não vive ja: Cesar triumpha;
Potencia infausta lhe sustenta o throno;
Indomavel podèr o escuda, o ampara;
Tudo lhe cede: e nós mesquinhos restos
Ao furor escapados de Pharsalia,
Insensatos ousamos... (Ah! debalde)
Pelo phantasma vão da liberdade
Sacrificar as preciosas vidas!..
Porèm Sempronio chega. Alma insidiosa!

E inda fia Catão d'homens como este
Fazer Romanos, e salvar a patria?

SCENA III.

MANLIO, SEMPRONIO.

SEMPRONIO.

Fallaste com Catão? Que te disse elle?
Seu nobre exfôrço, amigo, que medita?
Como pretende ás victoriosas tropas
De Pharsalia, do Egypto, e do universo
Na impetuosa torrente oppor barreiras?
Como intenta salvar-nos? Que lhe resta
Para a defeza d'Uttica em ruinas?
Da extincta liberdade que esperanças
Conserva ainda?

MANLIO.

As de morrer com ella,
E c'o a patria exhalar o extremo alento.
Incapaz de torcer, firme, indomavel,
Não vê, não ouve, não attenta a nada;
E entanto cresce o mal; e a cada instante
Foge o remedio.

SEMPRONIO,

Um resta.

MANLIO.

E qual?

SEMPRONIO.

A Cesar
Ir ao encontro; suspender-lhe o ferro;
Salvar a propria vida, e junto ao throno
Seguir os fados do universo inteiro.

MANLIO.

Mas Catão?

SEMPRONIO.

Ah! Catão... E esperas delle
Que attenda ao bem commum, que os sonhos deixe
Da apparatosa, van philosophia;
Que o orgulho dos systemas sacrifique?

MANLIO.

Não, Sempronio; sua alma não conheces:
Não o dirige o orgulho; homem mais simples,
Mas singello, mais chão, menos fastoso,
Que ostente menos, menos se conheça,
E o valor saiba das virtudes suas,
Não creárão os ceos, nem o aureo tempo
Viu de nossos avós na antiga Roma.

SEMPRONIO.

Eu conheço Catão: suas virtudes,
Como tu aprecio; mas que importão,
Que nos podem fazer suas virtudes?
Cesar, amigo, Cesar formidavel,
Que a fortuna encadear soube a seu carro,
E com ella a victoria; que escoltado
Marcha d'immensas, d'aguerridas tropas,
Que á excepção deste pouco da Numidia,
(De poucos palmos de torrada areia)
Ve curvado a seus pés o mundo inteiro,
Cesar em pouco tempo...

MANLIO.

E' necessario
Expor com energia ante o senado
A crise perigosa, em que hoje estamos.
Em breve aqui se ajunta: em vivas còres
Convem pintar-lhe o estado miseravel
Da patria, e nosso; o abysmo onde a arrastamos,

Se, para não quebrar nossa virtude
Não dobra um pouco ao pêzo da fortuna.
Taes são minhas tenções.

SEMPRONIO.

E pensas, Manlio,
Que ante esses homens, que a cegueira illude,
Que em Catão vêm seu deus, que existem nelle,
Que o falso brilho deslumbrou da gloria,
Que o vão, que o louco amor d'uma chimera,
A que chamárão patria, e liberdade,
Antepõe a seus proprios interêsses,
A's honras, á ventura, á mesma vida,
Que ante homens taes minhas tenções exponha,
Que lhe allegue razões, que elles não ouvem?
Fôra imprudencia, e de nenhum fructo o risco.
Antes ver-me-has, unindo-me a seu voto,
De suas illusões vestindo a máscara,
Enthusiasta orador da liberdade
Clamar, bradar vingança, guerra, e fogo,
Ostentar Marcio ardor, Romana audacia,
E de mim affastar quaesquer suspeitas.
Nem mesmo aqui, nem mesmo a qualquer outro
Que tu não fosses, Manlio, a quem d'ha muito
Alem do sangue uniu sancta amizade,
Minhas ideias imprudente ousára
Patentear descuidoso. Em ti confio
No segredo que exigem.

MANLIO.

Nem duvides:
Minha prudencia ha muito te é notoria.

SCENA IV

SEMPRONIO *so.*

Miseravel! tua alma incerta, e vaga
Entre o medo fluctua, entre a esperança;
Nem sabe o que deseja. Ah! não: taes homens
Nem de grandes acções, nem grandes crimes
Capazes fez a avara natureza.
Meus designios porém... Cesar... ah! cumpre
D'um homem, que aborreço, e que detesto,
Desse Catão, desse idolo de nescios
Vingar-me em fim. O plano está formado;
Executa-lo resta. Alma rebelde,
Tu me opprimes c'o pèzo aborrecido
Dessas tuas virtudes! Quanto eu dera,
E te podesse ver um crime n'alma!
Mas, de Numidia o principe aqui chega;
Com elle Porcio vem. Que odio execravel
Me excita este mancebo! Como affecta
Do pae o tom sentencioso, e grave,
A pomposa virtude, o olhar austero!
Cumpre dissimular, fingir com elle.

SCENA V.

SEMPRONIO, PORCIO, JUBA.

PORCIO.

Alfim te encontro: ha muito te buscava.

SEMPRONIO.

Eis-me, ó Porcio.

PORCIO.

Abracemo-nos, amigo,
Abracemo-nos, sim, em quanto é dado,
Em quanto somos livres. Ah! Sempronio,
Por ventura á manhan nossa amizade
Desta sorte exprimindo, nos seus braços
Verá cada hum de nós misero escravo.
Mas, que digo? A' manhan! Talvez, amigo,
Este sol, que desponta, a vez extrema,
Venha acclarar de Roma a liberdade.

SEMPRONIO

Confias pouco nos supremos deuses:
Teu venerando pae, suas virtudes
Inda nos restão.

PORCIO.

Ah! meu pae não ousa
Só por si decidir nossos destinos.
Suas nobres tenções, sua firmeza,
Não podem vacillar hum só momento;
Morrerá, porém livre: mas nem todos
Com a alma de Catão os ceos dotárão.

JUBA.

E quem tão vil será?

PORCIO.

Não sei; mas vagão,
Entre os soldados, entre os chefes mesmos
Murmurios, dissenções. Por esta causa
Neste humilde logar meu pae ajunta
Essas tristes reliquias de Pharsalia,
A que ainda senado appelidamos.

JUBA.

Todo o esplendor da fastuosa Roma,
Toda a sua pompa, gloria, e magestade
Menos lustre, e fulgor, menor relêvo

Dera ao Senado. que a presença augusta
Do sublime Catão. Sua virtude,
Sua virtude só torna sagrado,
Legitíma, redobra em preço, em número
Esse pouco que resta de Romanos.
Sua virtude só no peito, n'alma,
Dentro nos corações imprime, e grava
Respeito, adoração; nutre, avigora
A constancia, o valor, a audacia nobre.
Ella só nos da patria moribunda
Inimigos crueis terror diffunde.
A seu rigido aspecto Cesar mesmo,
Cesar á frente d'invenciveis tropas
Dessas tremendas, aguerridas hostes,
Que os povos do universo aos pés lhe acurvão,
Cesar triumphador treme, e vacilla.
Ah! se em vez de me dar barbara patria
Nos torrados sertões da Africa adusta,
Me outorgassem os ceos nascer Romano!
Se como tu, podésse, ó caro Porció,
Chamar-lhe pae... Ah! não; maior ventura
Não podem numes conceder na terra.

PORCIO.

Teu coração, amigo, te compensa,
Nova patria te dá. Nascer Romano
E' gloria só quando estremados feitos,
Quando a severa, rigida virtude
O sacro-santo nome desempenhão.
Do vicio a nodoa, as máculas do crime,
Não as podem lavar do Tybre as aguas.

SEMPRONIO.

(*á parte.*) (*alto.*)
Não posso ouvi-lo mais. Porcio, eu te deixo.
Não tarda que o senado aqui se ajunte:

Antes que unidos venhão nossos fados
Decidir d'uma vez, quero inflamma-los,
E, um por um, excitar suas nobres almas.

SCENA VI.

PORCIO, JUBA.

PORCIO.

Por seus labios o ceo lhes falle ao peito.
Mas tu, Juba, calado, e pensativo,
Fitas no chão os olhos carregados!
Que meditas?

JUBA.

Ah! Porcio, declarar-te
De minhas reflexões receio a causa.
Um secreto, cruel presentimento
Me faz desconfiar dêste Romano.
Illudo-me talvez....

PORCIO.

Grande virtude
E' a prudencia, amigo; mas não dêmos
A vans suspeitas attenção funesta.
Assás, principe, assás nos sobrão causas
De dor, e de afflicção; em vão tentamos
Dissimular o horror de tantos males;
Embalde os olhos ao clarão fechamos
Do raio, que fulmina, e que ja troa
Sobre as nossas cabeças. Todo o esfôrço,
Toda a virtude de Catão não basta
O pêso enorme a sustentar do fado.
E que póde elle só contra a torrente
D'um povo inteiro, uma nação de escravos,

Que ao jugo correm submetter-se humildes?
Em Uttica encerrado, triste chefe,
D'um exército froxo, destroçado,
Quasi incapaz de merecer tal nome;
Que póde elle esperar, que nos sobeja
Dessa van sombra de senado, e Roma?

JUBA.

De teu augusto pae recorda, ó Porcio,
A maxima sublime. E'nos vedado
Dos decretos do ceó sondar o arcano.
Talvez... quem sabe!...

PORCIO.

Não, querido amigo;
O mais tenue vislumbre de esperança
N'alma não me entra ja. Cada momento
Vejo esse monstro, que em sua ira os deuses
Nas entranhas de Roma produzírão
Para rasgar-lhas parricida filho,
Para no sangue maternal cevar-se;
Esse monstro, esse barbaro tyranno
Nossos muros entrar, e entrar com elle
Ferros, escravidão, ludibrio, e morte.
Morte! Ah! não penses, Juba, que a receio.
Um filho de Catão, Porcio, um Romano
Olha contente alevantar-se o golpe,
Que á patria o sacrifica, o faz eterno.
Mas, eu sou filho, Juba; e a natureza
E'mais forte que Roma Ah! resta ainda
A coroar o horror de tantos crimes
A morte de Catão. Tam negra ideia
Não; não me é dado sem terror fitá-la.
Como podeis juntar, supremos deuses,
Tantas virtudes, com desgraças tantas?
Como soffreis que a barbara fortuna

Ouse ... Mas, se o soffreis, se ao crime os raios
Retendes froxos na tardia dextra;
Maior que ella, e que vós seja a nossa alma;
Seja maior que a magoa o soffrimento;
De attormentar-nos se envergonhe o fado;
E se cumpre ceder, cahir c'oa patria,
Caiamos sim, mas homens, mas Romanos.

Fim do Acto Primriro.

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

Catão, Manlio, Bruto, Sempronio, *Senadores*, etc. etc.

Catão.

Padres de Roma, augustos senadores,
Da patria moribunda unico apoio,
Quanto ainda fólgo de vos ver unidos,
De contemplar em vós esses conscriptos,
Que de sobre o tremendo Capitolio
Repartírão os fados do universo,
E aos reis vencidos, ás nações prostradas
Derão c'o a espada leis, c'o as leis virtudes!
Permiti, que a minha alma se demore
Nestas ideias de passada gloria:
Ah! por ventura pela vez extrema
Se me outorga ante vós o recordá-las,
E a derradeira vez góso a ventura
De olhar-vos juntos, e vos ver Romanos.
Sim, ó padres, assás gloria, e renome
Coube a nossos avós; maior nos cabe,
(Não duvideis) maior nos cabe ainda.
Neste humilde logar, entre estes muros,
Quasi cercados d'inimigas armas

Sobre nossas cabeças cada instante
Vendo troar da tyrannia os raios,
Sem accurvar ao pêso do infortunio,
Unidos inda pela voz da patria;
O senado de Roma é mais augusto.
Esta patria, ésta Roma o seu destino
De vós espera agora; a vós só toca
Decidir de seu fado. Cesar chega;
Um exército, (sim: o horror do p'rigo
Dissimular não cumpre a vossos olhos,
Nem diminuir o pêso do sacrificio)
Um exército forte, victorioso,
Formídavel o segue. Escassas, poucas
São nossas fôrças; debeís os repairos,
Attenuados os muros. Que nos resta?
Que nos convem fazer? Como devemos
Trattar esse homem temerario, ardido,
Ambicioso, insaciavel? A fortuna
De seus crimes té qui proteje a infamia.
Desculpai-me se avívo as vossas chagas,
Se os horrores vos lembro de Pharsalia.
Este dia infeliz lhe accurvou Roma,
E a morte de Pompeu, o Egypto, e Nilo.
Juba, Scípião cahírão por seu ferro.
Sobre os areaes ardentes da Numidia,
Ensopados, fumando em fresco sangue,
Inda arqueijão talvez Romanos corpos.
A cubiça d'imperio, que o devora,
Que lhe incha o coração, lhe ralla o peito,
Té as mesquinhas, torridas areias,
Estes queimados, infructuosos plainos
Da Lybia nos inveja. Agora, ó Padres,
Dizei: qual é vossa alma, as tenções vossas?
Inda ousais defender a liberdade?

Firmes inda em morrer, primeiro que ella,
Inda ousais preferir a morte honrada
Ao jugo, á escravidão? Ou já cançados,
Fatigados do pêso do infortunio,
Baixos os corações, curvos á sorte,
Dispostos vos sentis a... Bruto falle.

BRUTO.

Eu voto a guerra; e a guerra só nos cumpre.
Que! duvidar na escolha um só momento
De morte, ou ferros, de ludibrio, ou gloria,
Homens, Romanos, senadores podem?
Nada nos resta mais (bem sei) que a espada:
Amontoadas legiões Cesar comanda:
Mas a espada, que temos, é Romana,
Mas as legiões, que o seguem, vis escravos:
E póde um cidadão tremer ante elles?
Poucos somos, mas livres, mas ousados;
No furor da peleja, quantas vezes
Um só braço bastou a decidi-la?
E quantas um só golpe venturoso
Longas victorias desmentiu n'um dia?
Uma vida tem só, como os mais homens,
(Se tal nome lhe cabe) esse tyranno.
Cesar..... Ah! co'este nome em vossos peitos
Não ferve a indignação, não pulla o odio?
Não ouvis esses manes insepultos,
Cujos honrados, venerandos corpos,
Pasto deixado nos areaes da Lybia
Forão aos monstros do aspero deserto?
Não lhe ouvis os clamores de vingança?
Mais de metade do senado augusto,
De que vós só restais, lá jaz com elles;
E este mesmo senado inda duvida,
Pausado agita; frio delibera

Sobre a causa da patria... Ah não, ó padres;
Não vale em lances taes razão, prudencia:
Só produz o enthusiasmo as acções grandes.
Ei-los, nossos irmãos, sagradas victimas,
Ei-los, bradando de Pharsalia ainda!
Que as chagas roxas do rasgado peito
Nos appontão, nos mostrão, nos excitão.
Vêde-a, do gram Pompeu a sombra inulta,
Vêde-a, como nos fita despeitosa,
Como a troar da maldição os raios
Quasi prompta.., Ah! mas vós, vós sois Romanos.
Em vossos corações ja vejo a patria,
Ja leio em vossos olhos a victoria.
Ah! corramos amigos, Que mais resta?
Que temos a esperar! A gloria, o' padres:
Não esperemos que o inimigo ousado
Venha em nossas muralhas atacar-nos;
Nós mesmo iremos; nós, o ferro em punho,
Por entre essas indomitas phalanges
Longa abriremos sanguinosa estrada,
Senão para a victoria, que nos foge,
A' gloria ao menos de espirar Romanos.

CATÃO.

Bruto, esse furor não é Romano.
Cumpre exfôrço, valor, constancia rigida,
E não temeridade. Entre as virtudes,
E o vicio occulto, que lhes veste a máscara,
Pôz eterna barreira a natureza.
Se a venda das paixões nos cega os olhos,
Seus termos, seus limites confundindo;
Vicios, virtudes indiff'rente abraça
O espirito agitado; e em seu delirio
Crimes perpetra por acções de gloria.
Distingui-los, amigo, e a face augusta

Da virtude estremar do vicio occulto,
Obra é só da razão: só della nasce.
O nobre enthusiasmo, o patriotismo.
Que audaz mas firme, ardido mas prudente,
Raios não troa, mas não teme os raios,
Prigos não busca, mas não teme os prigos.
Este valor, amigo, esta ousadia
Foi o dos Brutos, dos Scipiões, dos Fabios,
Este é só da razão, só é Romano.
Esses honrados companheiros nossos
Por tanta cicatriz ennobrecidos,
Que a espada tantas vezes empunhárão,
Tanto sangue esparsirão por seguir-nos,
Por defender da patria a sancta cauza;
De suas vidas acaso a mesma patria
Não confiou á nós cuidado, e guarda?
E ousaremos assim por vão capricho
A' nossa gloria van sacrifica-los?
E entre as cohortes do feroz imigo
Jr nós mesmos, mais barbaros do que elle,
Tingir-lhe as lanças de Romano sangue?
E Roma que dirá? E o mundo inteiro
Não clamará que barbaros, que insanos,
Só nos guiou frenetico delirio?
Que mais de nossa gloria cubiçosos,
Do que fieis á della, a nossa morte
A de mil cidadãos custára a Roma?
Que prodigos do sangue de seus filhos,
Vaidosos, sem piedade o derramámos
Por fazer nossa queda mais brilhante?
Não, padres, não vos cegue a falsa pompa
Dèsse heroismo vão: sejamos homens;
Que homens somos, primeiro que Romanos.
Manlio, os teus sentimentos livremente
Expõe agora.

MANLIO.

A grandes desventuras
Nos reservárão despiedosos fados.
Infeliz quem, no choque tumultuario
De civis dissenções, o pôz a sorte
Ao mui difficil leme do govêrno.
Nesse arriscado, perigoso empenho
E' dos desastres o menor a morte.
Das marulhosas vagas açoutada
Vacilla a nau do estado; e é fôrça em breve,
Se lhe não accalmar contrario vento,
Nas sorvedouras syrthes affundir-se.
Embora empregue sabedoras artes
O piloto infeliz; que hão-de imputar-lhe,
Hão-de fazer-lhe da desgraça um crime.
Erra de orgulho, falha de vaidade
Quem presume guiar com mão certeira
O tropel desvairado, e tumultuoso
D'uma revolução. Rebenta subito
Em turbilhões torrente impetuosa,
Que arrastra, e leva planos, e projectos;
E c'o homem que os urdiu, os roja ao abysmo.
Confeço, o'padres; timida a minha alma
Não fita sem horror tam negras scenas.
Pela patria morrer sei que é virtude;
Mas pede Roma a caso a nossa morte?
Pode-lhe ella atrazar um só momento
A inevitavel quéda? O nosso sangue,
No mar da escravidão gota invisivel,
Adelgaçar-lhe os ferros, que a agrilhoão?
Derrubando as columnas vacillantes,
Que o edeficio ruinoso escorão
Da Lacia liberdade; essas ruinas
Não desabão mais presto ao precipicio?

Co'a nossa morte Cesar satisfeito
Hade a espada embainhar, depor o sceptro?
Ser-lhe-hão degraus para descer do throno
Os cadaveres nossos? Não, o' padres;
De taes futuros não me illude a esp'rança.
Pesa a severa mão d'alta justiça
Sobre o orgulhoso collo dos Romanos:
Da nossa liberdade o altar cruento
Na alheia escravidão foi cimentado;
Livres, fomos lançar grilhões ao mundo,
E as temerosas aguias desferírão
O vôo assustador do Capitolio
Ao sôpro da ambição. São esses ferros,
Com que os povos da terra agrilhoámos,
Que hoje revertem para os pulsos nossos.
Tarde ou cedo reduz justo castigo
Povo conquistador a povo escravo.
Quem atropela as leis da natureza
Não deve os foros seus gosar tranquillo.
E sempre, ... Mas, o horror de nossos crimes
Basta de recordar; cumpre ameigar-lhe,
E não exacerbar da patria as dores.
Cesar vence, e triumpha; e ao mundo inteiro
Uttica resta só. E Uttica póde
Salvar o mundo? Não. Alligeirar-lhe
A certa escravidão? Sim; póde, e deve.
No naufragio geral uma só taboa,
Que se possa afferrar, conduz ás vezes
(Embora moribundo) á praia o nauta;
E o que fiou dos braços vigorosos
Experto nadador sua esperança,
Mais vezes inda cança, esvai-se, e morre.
Toca-vos escolher. Voto, que a Cesar
Se envie legação, paz se proponha;

Vejamos se um trattado póde ainda
As reliquias salvar da liberdade;
Ou antes, embotar á tyrannia,
Pouco que seja, o gume assacalado:
E'morta Roma, sim., morta de todo:
Aos filhos orphãos salve-se-lhe ao menos
Um retalho sequer da patria herança.

BRUTO.

Acabaste?

MANLIO.

Acabei

BRUTO.

Ves este ferro?
Romanos como tu igual resposta
De mim só levão.

CATÃO.

Temerario, um ferro
Arrancas nestes sitios! Ao senado
Este o respeito? Assim a magestade
Acatas da republica? Lictores,
O insensato expulsai; não mais profane
Tam sagrado logar.

MENLIO.

Eu lhe perdôo.

CATÃO.

Mas não perdoa Roma. Nas cohortes
Sirva raso peão, em quanto ainda
O castigo cabal dar a seus crimes
A'curia não appraz.

BRUTO.

Humildo ob'deço
A's vozes de Catão.

CATÃO.

A's do senado.

BRUTO.

O senado? . , . . Pois sim; que me castigue.
Tudo póde tirar-me; a mesma vida,
Menos do coração alma Romana.

SCENA II.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, *Senadores*, &c.

MANLIO.

Inpetos juveniz: alma de fogo
O cerebro lhe escalda.

CATÃO.

Manlio, agora
Ja nos não ouve Bruto . . . As razões tuas. . .
Eu tãobem sou Romano, . . mas sou homem;
Responderei sem ferro. Tu pertendes
A ti proprio illudir-te. Queres inda
Do precipicio ás bordas escarpadas
Não lhe ver todo o horror. Ja vais de rôjo
Pelo despenhadeiro, e cuidas inda
No meio da cahida segurar-te?
Enganas-te: é forçoso ás fauces delle,
Ou de salto atrevido alem transpor-se,
Ou sem recurso baquear-lhe ao centro.
E' uma, é uma só a liberdade,
Indivisivel sempre; se um só ponto
Roubar-lhe intentas; eila que te foge
Para mais a não ver. Roma (tu dizes)
Não quer a nossa morte: não por certo.
Porém que ideia fórmas tu da vida?
Vivem acaso em ferros os Romanos?
Não morre o homem quando vive o escravo?
E quem te diz que o orgulho d'um tyranno,

Que imagina, um dom seu deixar viver-te,
Não hade nu'm momento de capricho
Da dadiva enfastiar-se, e num só golpe
Do ferreo sceptro reduzir-te ao nada?
E vida tal appreciá-la podes?
Tam precaria, miserrima existencia
Vale o momento de morrer com honra?
Votas, que a Cesar legação se envie:
Quero que a acceite, quero que inda possas
Co'esse phantasma vão d'um vão trattado
Salvar isso, que chamas as reliquias
De nossa liberdade. Que cegueira!
Libras sobre a palavra d'um tyranno
De liberdade esp'ranças! Tu confias
Thesouros de valôr nas mãos do avaro.
Que fé pode guardar quem fés quebranta?
Que trattados manter quem leis despreza!
Roma não tinha leis quando Tarquinio
De cidadãos Romanos fez escravos?
Phantasmas esses são de liberdade,
Que, nem phantasmas, mais do que horas durão.
Todo o veo da illusão se rasga em breve,
Cai-lhe o postiço manto mal seguro,
E em todo o horror da morte se descobre
Da escravidão o livido esqueleto.
Não: de remedios taes eu não confio:
Ou liberdade, ou morte: eis o meu voto.

SCENA III.

CATÃO; MANLIO; SEMPRONIO, PORCIO; *Senadores.*

PORCIO.

A's portas da cidade se appresenta
Embaixador de Cesar: pede audiencia.

SEMPRONIO.

De Cesar!

MANLIO.

Ei-lo a paz que vem pedir-nos.

CATÃO.

Ou traga guerra; ou paz: entre, e se escute.

SCENA IV.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, *Senadores.*

MANLIO.

Queres ouvi-lo?

CATÃO.

E por que não?

MANLIO.

Discorda
Condescendencia tal dos teus principios.

CATÃO.

Principios meus! Os da razão só tenho.
E' dever escutar aos homens todos.
Enthusiasta não sou: e da virtude
Anda sempre mui longe o fanatismo.

SCENA V.

CATÃO, MANLIO, SEMPRONIO, DECIO.

MANLIO.

E' Decio o embaixador.....

CATÃO.

Decio: que vejo!
Um senador Romano! Oh vista indigna!

DECIO.

A Catão saudar Cesar envia

CATÃO.

Catão não vejo aqui, vejo o senado.
Eu Cesar não conheço.

DECIO.

Invicto, e grande,
Triumphador do mundo a ti me envia.
Suas hostes emfrente destes muros
O signal só aguardão da peleja,
Antes o da victoria. Mas prezando
De Catão as virtudes, Cesar treme
De ficar vencedor a vez primeira.
No accurvado universo és tu somente
Quem ao podêr resiste do seu braço.
Por tal competidor d'orgulho ufano
Teme acabar sua gloria n'um triumpho.
Triumphar de Catão, Cesar deseja
Mas não co'a espada. Generoso outorga
Aos companheiros teus por teu respeito
Amnistia geral; dadiva tanta
Por condicções só tem, Catão amigo.

CATÃO.

Diceste?

DECIO

Disse.

CATÃO.

Julio nada envia
A dizer ao senado?

DECIO.

Nada.

CATÃO.

Parte.

DECIO

Mas......

CATÃO.

Ja to disse: eu Cesar não conheço.

DECIO.

Catão, ouve um momento. Os teus amigos
Queres sacrificar? Queres tu mesmo
Desafiar do vencedor as iras?
Quando elle generoso vem propor-te
A desejada paz, nem ouvir queres
As condicções.....

CATÃO.

As condicções são éstas.
Desarme as legiões, deponha a purpura,
Abdique a dictadura, á classe torne
De simples cidadão, e humilde aguarde
Do senado a sentença. Então eu mesmo,
Quamto inimigo fui, cordeal amigo
Seu defensor serei: por elle em Roma
Minha voz pronpta sempre aos infelizes
Heide erguer, supplicar; e de seus crimes
O perdão alcançar, volvê-lo á patria.

DECIO.

Mas ve que.....

CATÃO.

Nada vejo.

DECIO.

Acaso ignoras
Quem César nomeou á dictadura?
Qua o senado deRoma? .....

CATÃO.

Esse senado
E'vil rebanho de mais vis escravos;
Nem ás margens do Tybre existe Roma.
Eu, e os que vês, nós somos o senado;
E em nossos corações é que está Roma.
Dizei, ó padres, ao tyranno Cesar
Votais a guerra, ou paz?

TODOS (*excepto Manlio*)

Guerra.

CATÃO.

Ouviste?

DECIO.

E vós, que vos chamais os paes de Roma,
Os dias de Catão, em nada os tendes?
Tam preciosa vida .....

CATÃO.

A minha vida
E'a vida de Roma; e os meus dias
Vinculárão os ceos aos dias della.

SEMPRONIO.

E com que audacia tu, com que suberba
Contas assim tam certo co'a victoria?
Com tal despejo, tão seguro fallas,
Como se a todos nós já sobre o campo
Víras extinctos, ou em ferros víras.
Ja supplices nos cres aos pés de Cesar?
Ja por escravos teus nos imaginas?

De nossas fôrças quem te disse o estado?
Temos armas, e braços de sobejo,
Que essas suberbas legiões rechassem.

CATÃO.

Um Romano, Sempronio, nunca mente.
Decio, não temos nada: debeis, poucos,
Moribundos soldados nos defendem.
Frageis muralhas entre nós, e a morte
Intermeião apenas. Pouco resta.
Para a espada de Cesar. Mas não julgues
Tam facil assim mesmo essa victoria.
Em quanto aqui não resfriar de todo
No sangue de Catão, de Roma o sangue;
Em quanto a dextra a segurar um ferro,
Em quanto os labios a bradar vingança
Ne deixarem os ceos.... só, desvalida
Não ficará de Roma a liberdade.

FIN DO ACTO SEGUNDO.

ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

BRUTO, DECIO.

BRUTO.
Não aporfies mais: eu não recebo
Mensagens d'um tyranno.

DECIO.
Se souberas
O que encerra esta carta....,

BRUTO,
Emcerre embora
Os thesouros do mundo. Eu não a acceito.

DECIO.
Bruto, dá-me attenção: do teu amigo.....

BRUTO.
Amigo tu!

DECIO.
Outrora mo chamavas.

BRUTO.
E quanto me enganei!

DECIO.
E eu que esperanças
Não concebia das virtudes tuas!

BRUTO.
Tufallas em virtudes!... tu!...,

DECIO.

E pensaẽ
Tu, de Catão discipulo orgulhoso,
Que avara a natureza os seus thesouros
Só os gastou com vosco, e aos outros homens..

BRUTO.

Homens!... Homens sois vós?

DECIO

Mui falsa ideia
Fizeste da virtude; amena, e doce,
Não aspera, selvagem, desabrida
A creárão os ceos: ao peito humano
Foi dadiva, e mercê, não foi castigo:
Nem é de fera o coração do homem.

BRUTO.

E eu, por que homem sou, não quero ouvir-te.
Essa arte insidiosa, enganadora,
Parto da escravidão, e da baixeza,
Que eloquencia chamais, ignoro-a, odeio-a;
Não a sei praticar, não quero ouvi-la.
Quando nossos avós, austeros guardas
Da patria liberdade, se oppuzerão,
A que artes Gregas na severa Roma
Ousassem metter pé; esses Romanos
Bem lhe entrevião males encubertos
Na apparente belleza. Vãos enfeites
Natural formusura abafão, cobrem
Da singellez da candida verdade.
Poetas, oradores destruírão,
Effeminárão o viril aspecto
Da Romana virtude. Aos homens todos
Lhes deu um livro só a natureza,
O proprio coração.

DECIO.

E nesse livro
Achas ferocidade uma virtude?

BRUTO.

N'uma palavra só; questões deixemos;
Essa carta é de Cesar? Não a acceito.

DECIO,

Vê o que fazes :librão nesta carta
Talvez futuros fados dos Romanos.

BRUTO.

Como!

DECIO.

Ouve: de Catão (bem o conheço)
Temes a rigidez? Poís bem: a elle
Vai tu mesmo levá-a: elle que a leia.

SCENA II.

BRUTO SO'

A Catão.... esta carta... E eu recebi-a!...
Não me illudes, escravo: ei-la, que a rasgo.
Que faço!... ella de Roma encerra os fados.
Que importa! encerre os fados do universo.
E'd'um tyranno: rasgo-a.

SCENA III.

BRUTO, CATÃO.

CATÃO.

Bruto?

BRUTO.

Oh deuses!

CATÃO.

Que fazias aqui ?

BRUTO.

Eu . . . esta carta . . . .
Não a quiz . . . resisti . . . foi quasi á fôrça . . .
Começada a resgar . . . . .

CATÃO.

A estes sitios
Como ousaste voltar ? com que licença ?

BRUTO,

Ordens do centurião . . . . .

CATÃO.

Que carta é essa ?

BRUTO.

Decio . . . . .

CATÃO.

Decio !

BRUTO.

De Cesar . . . . .

CATÃO.

Que ouço !

BRUTO.

Ah . . . .

CATÃO.

Dá-ma.
(*le*)

» *Cesar a Bruto. O coração não soffre*
» *Occultar-te mais tempo o arcano* (oh deuses !)
» *Dos vinculos . . , que me unem* (ceos !) *a Bruto.*
» *Tu . . . és . . . meu filho . . . saberás o resto*
» *Nos braços paternaes . . . vem , vem , meu filho ,*
» *Ajudar-me a reinar sobre o universo.* »

(*silencio longo*)

BRUTO.

Perfido! mente. Eu filho d'um tyranno!
Este sangue...

CATÃO.

E' de Cesar (*silencio*)

BRUTO.

E' Romano... (*quer ferir-se cam a espada*)

CATÃO.

Filho!.., Tu és meu filho... (*tirando-lha*)

BRUTO.

Pae!... Não; outro
Deuses, deuses crueis! não podeis dar-mo.

CATÃO.

Sim, sim; eu sou teu pae: de tenra infancia
Como a filho (e que filho!) te amei sempre.
Eu te formei essa alma de Romano,
Que lagrimas... oh! lagrimas de gôsto
Me faz verter agora. De teus dias
O segredo occultei, em quanto o pude.

BRUTO.

Que! filho eu sou?....

CATÃO.

De Cesar. (*silencio*)

BRUTO.

Dá-me o ferro.
Dêste sangue uma gota, uma só gota
Não, não deve ficar sobre o universo.

CATÃO.

Basta: meu filho és, filho de Roma,
Teus paes são estes:

BRUTO.

Cesar...

CATÃO.

E' um monstro.

BRUTO.

Mas....

CATÃO.

Não é crime o acaso. Ouve-me, Bruto.
Ninguem ao despontar da juventude
Annunciou talentos mais brilhantes,
Do que Julio mancebo. Na sua alma
De Romana grandeza, de virtudes
Desenvolvia o germe esperançoso.
Que tam mal prosperou, que tanto soube
Illudir-nos, cegar-nos. O perverso
Só se valeu dos lucidos talentos;
Que em dom fatal lhe deu a natureza,
Para os fazer servir a seus projectos
D'avareza, ambição, de tyrannia.
Em quanto a van grandeza de sua alma
Nos fascinava os olhos; entretanto
Que de suas virtudes mentirosas
Nos deslumbrava a candidez fingida;
Manhosa serpe no dobrado peito
A peçonha nutria de seus vicios.
No refalsado coração lhe ardia
A negra tocha de execraveis crimes.
Do popular favor ja precedido,
Caro a patricios, a plebeus, e a grandes,
O idolo de Roma era então Cesar.
Todos nelle agouravão firme esteio
Da patria, que d' então ja começava
A baichar de valor, cahir de gloria.
Confeço: eu proprio me ceguei com elle:
Amei-o... amei-o tanto como a filho.
Como a meu coração, minha pousada
Franca sempre lhe foi... E o monstro... o monstro
Fingia amar-me; parecia, ao vê-lo

Nomear-me seu pae tam docemente,
Que me adorava o perfido.— Servilia....
Oh lembrança de magoa, e de tormento!
Servilia, minha irmã por essas eras
Dava mate ás bellezas mais falladas
Da capital do mundo. Pura, e simplez
Sua alma era mais candida do que ella.
O coração, que o rosto debuxava,
Era a mesma innocencia. Viu-a o perfido;
Viu-a; attractivos tantos o prendêrão.
Sem dó de mim, sem mágoa da innocente,
Intentou seduzi-la, e deshonrá-la.
Poupa-me o resto... A timida donzella
Inexperta cahiu no laço indigno.
Dêsse horroroso amor tu foste o fructo;
E a victima infeliz nas ancias cruas
D'algoz remorso definhou em breve.

BRUTO.

E elle?

CATÃO.

Abandonou-a.

BRUTO.

E tu?

CATÃO.

Eu pude
Vencer comigo o não morrer de pejo.

BRUTO.

E esse monstro é meu pae?

CATÃO.

Gerou-te.

BRUTO.

Oh deuses!

CATÃO.

Deves-lhe o dom mesquinho da existencia.

Eu fui quem te eduquei; tu és meu filho.
Para os foros de pae ha mais deveres;
E quem nunca os cumpriu, pae não é esse.

BRUTO.

Mas... filho delle...

CATÃO.

Filho és só de Roma.

BRUTO.

Devo...

CATÃO.

Ser cidadão

BRUTO.

Elle....

CATÃO.

Um tyranno

E' algoz. não é pae.

BRUTO.

Oh Roma, oh Roma!

CATÃO.

Aonde vais?

BRUTO.

Aonde?

Vou desafiar de Cesar os furores;
Vou lançar-me por entre as hostes suas;
Procurá lo; buscar-lhe á espada o gume;
Guiar-lha ao coração, mostrar-lhe o peito,
Onde deve ferir: o sangue impuro,
Que delle recebi, elle que o verta;
E, se o crime o fez pae, o crime extinga
O titulo odioso, o nome horrivel.

CATÃO.

E Roma?

BRUTO.

Ah! Roma....

Manda-te que vivas.
Catão em nome della é quem to'ordena.
Adeus.

SCENA IV.

BRUTO *so.*

Ordena-o Roma... sim: eu vivo.
Mas este sangue... Oh sangue abominavel!
Em sacrificio á morte estás votado.
Um de nós... negra ideia!... Oh natureza,
Quando a patria folgar... Ah! geme embora.

SCENA V.

BRUTO, SEMPRONIO, JUBA.

JUBA.

Viste Decio?

BRUTO.

Ochalá que nunca o vira,

JUBA.

Porque?

BRUTO.

Não sei: adeus.

SCENA VI.

SEMPRONIO, JUBA.

JUBA.

Que enigma encerra
Este ditto de Bruto? Ah! talvez....

SEMPRONIO.

Tudo

Te faz desconfiar! Principe, deixa,
Deixa uma vez o genio suspeitoso.
Não; não vacilles mais: quanto te hei ditto
E' certo; bem o vês. Trama insidiosa
Em Uttica se fórma. Esses malvados
Do dia ao fenecer querem as portas
Abrir ao dictador; e no tumulto
Catão assassinar. Da vil perfidia
Os covardes authores bem ao certo
Não os conheço. Que imprudente eu fôra
Em circunstancias taes fazer patente
Ao senado, a Catão minhas suspeitas;
Principe, bem o vês. Desconfianças,
Incerteza cruel acabarião
De desunir de todo os pobres restos
Da agonisante Roma. Tu conheces
De Catão a franqueza. Em meio aos prigos
Nada sabe temer, nada receia.
A politica sua aberta, e franca
E' tal como a sua alma: os seus projectos
Patentes sempre são. Ignora, odeia
Essa que chamão arte de govêrno.
Mas ah! quam mal os deuses collocárão
Neste universo d'hoje homem tamanho!
Os seculos de crime, em que vivemos,
Nem delle dignos são, nem elle é delles.
Cercada de arteficios, de maldades,
E' fôrça que a virtude lhes succumba;
Se arteficios tambem (Que os ha com honra)
Não souber cautellosa oppor-lhe a tempo.

JUBA.

Perdoa-me, Romano: ah! de tua alma
Outrora eu duvidei. Tuas virtudes,
Injusto, appreciá-las não as sube.

Amigo, tens razão: por tua bôca
Falla a prudencia. Ah! dize-me, acconselha-me
O que devo fazer; de que maneira
Cumpre atalhar a barbara perfidia?
Minha espada, meu braço, as minhas tropas,
Tudo está prompto: falla.

SEMPRONIO.

Antes de tudo,
Inviolavel segredo é necessario.
Nem Porcio, nem Catão, ninguem o saiba;
Ou baldamos trabalho.

JUBA.

Mas, . . .

SEMPRONIO.

Depende
Todo o exito daqui. Dá-me a tua dextra:
Ninguem . . .

JUBA.

Morre comigo o meu segredo.

SEMPRONIO.

Pois bem. As portas velão do Occidente
Soldados teus. Romano algum com elles
Não vigia esta noute. Mal comece
A engrossar-se o crepusculo da noute,
Caladamente com tuas tropas marcha
A embuscar-te detraz daquelles combros.
Que á esquerda vês não longe da cidade.
Dalli, quando seguras avançarem
Do dictador as hostes, repentino
A rectaguarda subito lhe certas:
Em tanto nós á frente os atacamos;
E o que julgão victoria inevitavel,
Ser-lhe-ha talvez miserrima ruina.

JUBA.

Amigo, amigo! oh ceos! que grão ventura!
Se Roma eu posso libertar ainda;
Se os dias de Catão salvo ditoso;
Se esse monstro, esse horror da natureza,
Esse tyranno Cesar posso eu mesmo
C'o este braço immolar aos patrios manes!
Oh! meu pae, oh! dirige o golpe ardido,
Leva-lho ao coração dêsse malvado!
Holocausto d'asperrima vingança,
Oh Cesar, eu te voto ás sombras negras
Do averno... que os tormentos ja prepára,
Das furias, que os açoutes ja sacodem...
Vamos, amigo vamos...

SEMPRONIO.

Mais prudencia,
Mais sangue frio é necessario, ó principe:
Porcio para aqui vem: disfarça, occulta;
Ou perdido verás...

JUBA.

Nada receies

SCENA VII.

SEMPRONIO, JUBA, PORCIO.

PORCIO.

Caro principe...

JUBA.

Amigo

PORCIO.

Em fim os deuses

Decretárão de Roma; e o fado iniquo
Aos dias de Catão... Ideia horrivel!
Oh! não; não te verei dia de magoa:
Não tenho coração, que soffra tanto.
Antes que ouse attentar aos dias delle,
Primeiro neste peito a morte crua
Hade ensaiar o golpe. Sim, primeiro...
Sim venerando pae; ao reino escuro
Eu te irei esperar: meus tristes olhos
Não te hão-de ver no instante derradeiro
Fitar ainda a moribunda Roma;
Nem ja por entre os labios descorados
Ainda sussurrar da patria o nome,
Principe, um não sei que me diz ao peito
Que este adeus é talvez o derradeiro,
Que me é dado dizer-te. O' meu amigo,
Cá te deixo inda mais do que a minha alma.
Um pae, Juba, e que pae! Oh! não o deixes;
Oh! não o desempares um momento.
Tu conheces Catão: sua alma nobre
Não se deixa vergar; seus pulsos livres
Não soffrerão grilhões; e o braço firme
Primeiro ao coração... caros amigos,
Oh! se podeis, rettende-lhe esse golpe;
Oh! lembrai-vos de Porcio nesse instante;
Recordai-vos da patria... Ah! que essa patria
E'quem mo rouba, é quem mo sacrifica.
Não, tyranno; que és tu... oh Cesar, Cesar!
Oh malvado! este ferro inda é Romano.
Juba, Sempronio... adeus.

JUBA.

Não, caro Porcio;
Não vejas de tam perto esses horrores.
Tenho esperança ainda... E tu, Sempronio

Comigo não a tens?

SEMPRONIO.

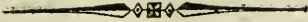
Principe!

JUBA.

Amigo,

Tão bem um não sei que me diz ao peito,
Que hão-de nossos destinos melhorar-se,
E que ainda de todo os sanctos deuses
De sobre nós a dextra omnipotente
Despiedados, crueis não retirárão.

PORCIO.

Inutil esperança!

JUBA.

Os ceos são justos.

PORCIO.

São justos! Ah! são justos; e a virtude
Abandonão assim; assim do crime
Escrava a deixão soluçar nos ferros!
Oh deuses, se quereis que vos adorem,
Se incenços de mortaes, se humildes rogos.
Se victimas quereis, se altares, templos,
Fazei-vos conhecer, mostrai-vos numes:
Amparai a virtude, e aos vossos raios
O impio descore só, trema o malvado.

FIM DO TERCEIRO ACTO.

ACTO QUARTO.

SCENA I.

Manlio, *Soldados*, *alguns presos*, *&c.*

Manlio.

Oh cúmulo de horror! Oh gente indigna!
Restava inda ésta nodoa ésta vergonha
Para enxovalho nosso! Roma! oh Roma!
Ahi tens os teus heroes. Catão, são esses;
Ei-los, da liberdade os defensores!

SCENA II.

Bruto, Manlio, *soldados*.

Bruto.

Perfidos!.. Ah! covardes!,. Mas tu, Manlio!
Tu com elles tambem!... Não me enganava,
Não me illudia eu. Indigno, agora,
Agora nós veremos se essa espada
Como a lingua tu sabes...

Manlio.

Bruto, ainda
Essse louco furor não moderaste?
Impetuoso mancebo, enfreia as iras;
Sê homem uma vez.

SCENA III.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, *soldados*,

CATÃO.

Filhos de Roma,
Que é isto? que fazeis? que intento é o vosso?
Rebelles vós, traidores os Romanos!
Manlio, Bruto, fallai: que insania é esta?
O traidor onde está? quem é? dizei-mo.

BRUTO.

O traidor?... esse infame....

CATÃO.

Bruto!....

BRUTO.

E' Manlio.

CATÃO.

Manlio eu conheço: basta; não insultes
Com vil suspeita um senador Romano.
Mas, Sempronio onde está? Juba? meu filho?

BRUTO.

Não sei: eu no tropel embaralhado
De fugitivas tropas, dos rebeldes,
De combatentes, mortos, de feridos;
Nada vi, nada sei; só sei que a espada
Sobejos imolou á liberdade.
Só vi covardes peitos, que ferisse.
A vingança, o furor, a ira, as furias
Só para o ferro me deixárão olhos.
Rapido foi o choque, mas cruento;
Jaz socegado emfim: os vis traidores,
E de Cesar as tropas, que os seguião,
Ou salvárão co'a fuga as torpes vidas,
Ou presos jazem, ou no campo mortos.

CATÃO.

Manlio, mas tu!... tu emmudeces? falla.
Mata-me esse silencio.

MANLIO.

O meu silencio!....
Ah! deixa-mo, Catão! Oh! não desejes
Ve-lo quebrado.

CATÃO.

Que! Porcio? meu filho?..
Acaso?...

BRUTO.

Porcio! Combateu comigo;
E combateu Romano. A sua espada
Ao meu lado mil golpes desferia,
Que invejára Scipião.

CATÃO.

E Juba?

BRUTO.

Juba....
Não me lembra de o ver.

CATÃO.

Que escuto!.. Manlio,
O principe?....

MANLIO.

Ah! não falles nesse monstro;
Foi traidor como um barbaro.

BRUTO.

Elle!... O sangue
Não desmente das obras. Um tyranno,
Quando deixa de o ser, é sempre escravo.

CATÃO.

Ceos, guardaveis-me ainda o golpe accerbo
Para o meu coração!... Fado inimigo,
Não; não consegues abalar-me o peito.

E Sempronio?

MANLIO.

Pois que? Ignoras inda
Que o author da traição foi esse infame?

BRUTO.

Sempronio! Ha poucas horas a mim mesmo
Se me gabou que ousára no senado
A Decio desafiar, e que....

CATÃO

Apprende,
Bruto, dahi a conhecer os homens.
O valor verdadeiro não se uffana.
Não blasona atrevido. A espada cinge:
Mas só no campo de que a tem se lembra.

MANLIO.

Ah Catão! dize agora; que esperanças
De Roma tens ainda?

CATÃO.

Eu tenho as mesmas.

MANLIO.

As mesmas!

CATÃO.

Sim; as de morrer com ella.

BRUTO.

Mas primeiro imolar ao negro averno
Em holocausto, perfidos, tyrannos.

CATÃO

Vingança! E para que? que dás á patria
Nesse holocausto inutil?

BRUTO.

Tu lhe chamas
Inutil? O atro sangue d'um tyranno
Sobre o altar esparzido á liberdade
Inutil póde ser? A mão ditosa

Que o ferro embebe no malvado peito,
Que lhe descose as perfidas entranhas,
E vai ao coração buscar-lhe a vida,
Para cortar-lhe o fio negregado,
Não é mão d'um heroe? Ha sacrificio,
Que appraza mais aos deuses justiçosos?
Oh! que ha vingança, que tambem é numen.
Da liberdade a arvore não cresce,
Se a não regar dos despotas o sangue.
Embora a plantes, não lhe vês o fructo:
Hade te ir definhando a pouco, e pouco,
E da heivada raiz hão-de brotarlhe
As parasitas plantas, que mui breve
Gigantes cresceráõ, e hão-de assombrar-te.
Vingança! — Eu sempre vi esses Romanos,
Raios da patria, esmeros de virtude,
Imitados por ti, por ti citados,
Sempre os vi abrazados de ira sancta,
O cutello da lei brandindo ao crime,
Ferir sem dó, e derramar sem pena
O sangue dos malvados, que attentavão
A' magestade augusta da republica.
Mais nomes não direi: Bruto....

CATÃO.

E que sangue
Bruto esparziu? qual foi sua vingança?
De sua voz aos brados formidaveis
Fugiu de Roma a tyrannia, o crime.
E essa voz, que troou no Capitolio,
E que hade eterna ressoar no mundo,
Que os vis Tarquinios expulsou de Roma,
Os braços não armou, não ergueu ferros
Para lavar dos despotas no sangue,
Os crimes desses monstros. Sua espada

Só desembainhou para affasta-los,
E não para feri-los: nesses tempos
(Eras ditosas, que não mais veremos!)
A Romana altivez, o nobre orgulho
Perdóava generoso, e desdenhava
De enxovalhar o ferro em sangue indigno.
Sangue correu então; mas qual? Seu proprio,
Seu proprio ás mãos do algoz jorrou na terra,
Quando os filhos indignos sacrifica
A' merecida pena, á morte justa.
Mas privado juiz não foi, nem delles.
O cutello das leis é que os imola.
Um tyranno é sem dúvida na terra
O malvado maior; mas nem por isso
Te é livre de julga-lo, e de puni-lo.
Tens magistrados, leis, e tens algozes.
Se daquelles usurpas os direitos,
Criminoso és tambem. E o negro officio
Do ultimo assumir, julga-lo accaso
Acção condigna a um cidadão Romano?
E que fructo da patria ao bem resulta
Com lhe ficar um despota de menos?
Vanglorioso do golpe, que vibraste,
Cuidas que o monstro feneceu com elle?
Enganas-te; as cem frontes dessa hydra
Se reproduzem sempre, e dobrão, crescem.
Por uma, que decepas, mil te surgem;
Mal, que julgavas extinguir de todo,
Então se agrava mais.

BRUTO.

Pois que? serenos
Veremos desabar no abysmo a patria?
E indifferentes, no meio a seus desastres,
Tranquillos a veremos affundar-se

No mar da escravidão? Anciada embora
Supplices mãos estenda aos filhos caros;
Que esses filhos virtuosos não se atrevem
A perpetrar um crime pôr salva-la.
E' virtude (confesso) que me admira,
Que ja mais conheci.

CATÃO,

Na tua idade
Respeitão-se os anciões, ouve-se, e apprende-se.
Mancebo, escuta. Libertár a patria,
Votar-lhe (se é preciso) a propria vida.
Não é mais que dever; grande heroismo,
Acções de gloria, nisso não as vejo.
O homem, que assim obrou, foi homem d'honra,
Cumpriu sua obrigação. Mas outros meios
Tem de empregar mais certos, mais seguros
Quem se abalança a impresa tam difficil,
Se baldos não quer ver cuidado, e riscos.
Corte pela raiz á tyrannia;
Aos seus concidadãos mostre a vereda,
Que ao alcaçar conduz da liberdade,
Não coberto de espolios sanguinosos,
Mas puro sempre, e candido como ella.
Salve-os das convulções, da crise horrivel,
Que as populares commoções arrastão.
Moderação, e paz reine em seus labios:
Generoso perdoe, austero puna;
Mas pelo orgão da lei, mas só com ella.
Os pendões hastear da liberdade
Nas ameias da horrifica discordia,
Grito amotinador alçar aos povos,
Para os deixar no cahos da anarchia
Mutuamente, e á porfia destruir-se;
E' querer lacerar o seio á patria.

Fiz-lhe lançar aos pulsos esses ferros;
Salvei-lhe para os golpes dos lictores
A infame vida, que anhellavão todos
Arrancar-lhe á porfia os meus soldados.
Essa vida... Ah! não sabes quantos crimes
Tens a lavar no sangue do malvado!
Porcio...

CATÃO.

Meu filho!..

JUBA.

Assassinou-o o barbaro.

CATÃO.

Respiro, oh ceos! traidor não foi meu filho.

BRUTO.

Infame! e ousaste ao meu amigo...,

MANLIO.

E' elle:
Ei-lo aqui moribundo to conduzem.
Que miseranda vista! oh! que espectaculo
Para os olhos de um pae.

SCENA V.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, SEMPRONIO, JUBA, PORCIO, *Soldados*.

CATÃO.

Oh! vem, meu filho,
Nos braços de teu pae morrer com honra:
Vê dos olhos paternos, vê correr-me
Estas lagrimas doces; não de pena,
Meu Porcio, não de dor, mas de saudade.
Morres homem, meu filho, e morres livre.
Oh! não te pese de deixar a vida.

Que te fica na terra? que perdeste?
Um mundo indigno, baldo de virtudes,
Farto de crimes; solidões juncadas
De mortos, moribundos, de assassinos.

PORCIO.

E.. o.. pae.. que.. eu deixo.. eu.. morro.. adeus.

CATÃO.

Sim, morre;
Que vives para gloria. Oh! caro filho,
Sobe, alma venturosa, á eternidade.
Este meu pranto.... Não taxeis, amigos,
De fraqueza a minha alma: eu não me pejo
De mostrar que sou homem. Filho! oh! filho!
Teu pae em breve.... Adeus!... Levai-o, amigos.

BRUTO.

Não; esse corpo do heroe não deve
Sahir de nossa vista, antes que o sangue
Corra do matador. Manlio, soldados,
Dizei, dizei-o, vós?

CATÃO.

Basta... Sempronio,
Eu ja fui pae, e sou Romano ainda.
Vês aquelle cadaver? é meu filho.
Tu mo roubaste... Seduziste o principe,
Traidor quizeste com algoz perfidia
Impio acabar co'a patria moribunda.
Todos quantos ahi vès pedem tua morte;
Pedem teu sangue as leis, e a natureza.
Mas eu posso absolver.... Roma não póde.
O pae perdoa, o cidadão não deve.
Malvado, treme: a espada da justiça
Sobre a tua cabeça está pendente.
Dos crimes ao maior, pena a mais crua
Nós a devemos, filhos de Quirino.

Morra; sim, morra para sempre o perfido.
Tirai-lhe esses grilhões, abri-lhe as portas.
Pésa-lhe a liberdade? aos ferros corra:
Para Roma expirou, com Cesar viva.

MANLIO.

Oh virtude!

JUBA.

Oh sentença d'um Romano!

SEMPRONIO.

Triumphaste de mim: essa grandeza
Inda é maior que o odio, que te eu tenho.
(*Retira-se o cadaver de Porcio*)

SCENA VI.

CATÃO, BRUTO, MANLIO, *Soldados*.

MANLIO.

Mas duvido que possas impedir-lhe,
Que o furor dos soldados....

CATÃO.

Um Romano!
Em sangue tal não enxovalha a espada.
Lictores, de Sempronio o vil castigo
Annunciai ás cohortes; e intimai-lhe
Que é não ser cidadão, frustar-lhe a pena.

BRUTO.

Oh meu pae! a teus pés deixa prostar-me;
Deixa adorar em ti....

CATÃO.

Ergue-te, filho:

Eu fiz o meu dever; não te accostumes
A admirar com espanto uma acção boa.
Faze hábito da honra, e da virtude:
E só te admirarás de ver hum crime.

FIM DO ACTO IV.

ACTO QUINTO.

SCENA I.

Catão, *Lictores. etc.*

Catão.

Ainda não é tempo. Oh lá! de pressa
Manlio se chame aqui: alguns momentos
A sós me cumpre conversar com elle.
Ide.

SCENA II.

Catão *so.*

Catão.

Convem dizer-lhe os meus intentos,
Confiar-lhe as tenções minhas, e projectos.
Timido sim, porèm honrado é Manlio,
Prudente, e cautelloso. Sem receios
Descançarei tranquillo. Ei-lo que chega.

SCENA III.

Catão, Manlio.

Catão.

Manlio, ouve-me attento. A tua dextra

Em pinhor do segredo.

MANLIO.

Ei-la.

CATÃO.

Romanas

São inda éstas mãos. Não, meu amigo?

MANLIO.

E duvída-o Catão?

(ouve-se dentro o brado da sentinella)

CATÃO.

Não; não duvída.

MANLIO.

Pois bem: falla: eu te escuto.

CATÃO.

Ouviste agora

A voz da sentinella?

MANLIO.

Ouvi. que importa?

CATÃO.

Quando uma hora mais tiver corrido,
Ouvi-la-has outra vez; mas esse brado,
Eu não o heide ouvir.

MANLIO.

Não te percebo.

Porque?

CATÃO,

Porque terei morrido.

MANLIO.

Tu!

CATÃO.

Sim.

MANLIO.

Pois que! perdêste ja de todo
Aquellas esperanças?....

CATÃO.

Não: nem perco.
Vês esta espada? Nella só as tinha.
Não me serviu a libertar a patria;
Serve para morrer.

MANLIO.

E tu pertendes
Cometter esse crime!... Tu!

CATÃO.

E accaso
Julgas um crime o subtrahir-se a crimes?

MANLIO.

E quaes são esses crimes, que pertendes
Evitar com tua morte? Por ventura
São os de Cesar, são os dos Romanos,
Que a Cesar vendem liberdade, e patria?
Morrendo, impedirás que se perpetrem?
Bem o sabes que não.

CATÃO.

Sobre esses crimes
Só me resta gemer: assaz contra elles
Luctei de balde.

MANLIO.

Então....

CATÃO.

Co'a minha morte
Só este coração, só a minha alma
Quero salvar ao crime.

MANLIO

A ti! Mas como?
Queres livre morrer como um Romano;
Foges a escravidão; heroismo, e gloria
A um animo vulgar fôra esse feito.
Mas homem, como tu, deixar cegar-se

De fanatismos taes! São crime os ferros:
(Dizes tu) mas de quem? Do miseravel,
Que entre gemidos soluçando os roja?
Ou do fado serão? Crimes do fado,
Então nós é que havemos de levá-los?
Sem criminosos ser, punir-nos-hemos?
Se os ceos o querem; se o consentem deuses;
O homem fraco.....

Catão

Não faças tam pequeno;
Nem tanto abatas o homem: Pouco vale,
Se escravo das paixões; fraco se deixa
Ir ao sabor das ondas do destino.
Mas o homem, que tal nome desempenha,
Que é digno desse titulo sagrado,
O varão forte, que o revez encara
D'avessos fados; que lhe apara os golpes
No adamantino escudo da virtude;
Que arca por arca lucta c'o infortunio,
E consegue atterra-lo: oh! esse é grande;
Esse não teme; desafia a sorte:
C'o pavez da innocencia acobertado;
Firmo no pedestal da fortaleza,
Caia o ceo, trema a terra; immovel fica;
O universo vacilla; e elle não treme:
Desaba o mundo, e impavido o comtempla,
Sem medo a queda, reverter-se aos cahos.
Por certo não é crime o ser escravo;
Só desventura grande; mas, podendo
Espedaçar os ferros vergonhosos;
Não o fazer, é vil baixeza indigna,
E' covardia, e a covardia é crime.
A natureza, que nos deu a vida.
Deu-nos direitos, que gozar com ella;

Deveres nos impoz. Perder aquelles,
Postergar estes, e prezar ainda
O dom mesquinho de existencia inutil,
Nem o póde mandar a natureza,
Nem do contrario os numes agravar-se.

MANLIO.

Mas dadiva do ceo nos foi a vida;
E o ceo hade approvar? . . .

CATÃO.

E eu morro accaso,
Quando a minha alma eterna assim liberto
Dos vinculos do corpo? Se esta essencia,
Que da vida ás funções em nós preside,
Porção da divindade, é pura essencia
De espirito immortal; não obro um crime,
Não renuncio á dadiva celeste,
Se livro de baldões, se a vis opprobrios
A salvo denodado. E, se ao contrario,
Combinação fortuita do acaso
Me formou a materia; se a minha alma
Morredoura, e mortal, como o meu corpo.
Só para o mundo vive, e só no mundo;
Então mais livre ainda em dispor della...

SCENA IV.

CATÃO, MANLIO, JUBA.

JUBA.

Catão, accode, vem . . . Subitamente
As cohortes de Cesar assaltárão,
Furiosas investem nossos muros.
Já tudo é confusão, tudo desordem.
Nossos poucos soldados cada instante

Aos golpes diminuem do inimigo.
Rares sobre as muralhas já se avistão
Da liberdade os tristes defensores;
Do dictador as hostes bem conhecem
Nosso misero estado; audazes correm
Seguras da victoria. Ah! vem ao menos
Com a tua presença (se é possivel)
Anima-los ainda: vem; ou cedo
Em Uttica verás....

CATÃO.

Não verei nada.

JUBA.

Como?

CATÃO.

Principe, vai; vê se apprestadas
Estão no pôrto as naus, se a levar ferro
Promptas como eu mandei. Faze que embarquem
Todos nossos amigos: vai: só resta
Este unico remedio; preciosos
Estes momentos são; parte.

JUBA.

Obedeço.
Mas....

CATÃO.

Vai, principe: adeus, adeus.

SCENA V.

CATÃO, MANLIO.

CATÃO.

Não posso
Deixar de enternecer-me... a vez extrema
Que vejo os meus amigos sobre a terra.

Manlio, tu sabes quanto te amei sempre...
Has-le sobreviver-me, has-de inda, amigo,
Ver Roma escrava... ver a nossa patria,
Essa patria, que tanto me ha custado!
Vê-la-has em ferros, gemerás sobre ella.
Oh! quando desparzíres essas lagrimas
No sepulcro de Roma... então recorda-te
Lembra-te de Catão... (*silencio*) E'morta Roma.
E'morta Roma... E eu sou vivo ainda!
Começa a envergonhar-me esta fraqueza.
Morrer!... Mas eu receio acaso a morte?
Não, por certo: não vejo na minha alma
Nem a menor saudade da existencia.
Tranquillo sinto o coração no peito;
Pausado o sangue pelas veias corre.
Porção da divindade, assaz viveste
No carcer deste corpo: vai unir-te
A'immensidão do ser na eternidade.
Catão .. a tua hora derradeira,
Ei-la, oou... amigo, adeus.

(*quer ferir-se*)

MANLIO.

Que fazes!

SCENA VI.

CATÃO, BRUTO, MANLIO.

BRUTO.

Oh meu pae! oh desgraça! oh fado! oh numes!
Dentro d'Uttica já.... Foi-se a esperança.
Morreu quanto inda havia de Romanos:
Ficamos nós... nós só. Tropel d'escravos
E o tyranno, a montões affluem, correm,

Innundão a cidade... O'pae! oh! dize
O que resta fazer,

CATÃO.

Mui differentes
São os nososs deveres: Bruto deve
Para a patria viver; mancebo ainda,
Póde vir tempo, em que salva-la possa.
Catão, velho, e cançado, e a Roma inutil,
Só lhe resta morrer.

BRUTO.

Morrer!

CATÃO.

Sím.

BRUTO.

Morre;
Mas eu não vivo.

CATÃO

Vives;que eu to ordeno,
Que o mandá Roma,

BRUTO.

Embora. Os ceos que o mandem,
Que o decretem os numes; Bruto deve
Onde espírar Catão, morrer com elle.

CATÃO.

Brúto... meu filho... filho! oh! que este nome
E'de todos os nomes o mais doce.
Peja vez derradeira um pae te falla;
E tu não has de ouvír as vozes delle?
Minha estrema vontade ha-de o meu filho
Desprezar do seu pae? o ultimo rôgo,
Ja feito sobre as margens do sepulcro,
Has-de esquecê-lo tu? Catão supplica,
Pede Catão; e Bruto não o attende!
Meu filho, vem; recebe no teu peito

O adeus da saudade... o adeus da campa,
Que só vai terminar na eternidade.
Este abraço de morte inda é Romano;
Estas mãos, que te apertão, não tem ferros;
Meu filho, adeus... Sê virtuoso sempre:
Não podes ser Romano... mas sê homem.
Roma extinguiu-se... resta-te a virtude.
Ja não tens patria... mas tens honra ainda.
Recorda-te de um pae, que te amou sempre;
Para chora-lo não, que morreu livre;
Mas para te lembrar de seus conselhos,
Para segui-los sempre: adeus. Amigo,
Tu roubaste-me a espada: não venceste:
Inda tenho este ferro. (*fere-se*) Oh Roma! oh patria!
Não tenho mais que a vida; ei-la recebe-a.
Vamos ao menos juntos ao sepulcro.

MANLIO.

Oh ceos!

BRUTO.

Oh numes!

MANLIO.

Espiraste, o'Roma!

CATÃO.

Amigos, oh! meus ultimos... momentos...
Não mos façais amargos... Por piedade...
Essa dor... a meus olhos... occultai-a...
Deixai-me ao menos... espirar.. com honra..

BRUTO.

Oh meu pae!

MANLIO.

Meu amigo! que velhice,
Que estremos dias me guardava o fado!
Oh!

SCENA VII.

Catão, Bruto, Manlio, Decio, *Soldados etc.*

Decio.

Salve-se Catão, se é tempo ainda.
Do imperador as ordens se executem.
Do amigo vencedor nos braços venha
Esquecer... Mas, que vejo... tu...

Catão.

Ja... na... da,..
Tenho.. que.. receâr.. de.. suas.. iras..
Nem.. de.. seus.. beneficios.. Mas.. amigos..
Vós,. me trahis.. Porque.. vedar-me.. o sangüe.
Deixai-me.. eu.. sei.. morrer.. oh Roma!...
(fazendo o ultimo exforço)

Manlio.

E'morto,..
Com a patria nos labios. Oh! que patria
Lhe fadastes, ó ceos!....

Bruto.

Comtempla, barbaro;
Contempla a tua obra. Le, preverso,
No horror daquella chaga os teus delictos.
Colhe, escravo, esses louros sanguinosos,
Leva-os a teu senhor: dá-lhe, que o beba,
Na taça da ambição aquelle sangue.
C'um parricidio mais orna-lhe a gloria.
Que mais quer, que lhe falta? Esse malvado
Porque não vem gosar do seu triunpho?
Venha, venha rever-se no seu crime;
Venha, venha folgar sobre o sepulcro
De Catão, e de Roma.... Quer mais sangue?

Resta-lhe o meu . . . Pois venha derramá-lo;
Eis desarmado o peito . , . A sède apague ,
Farte o atroz coração.

DECIO.

Lembra-te, Bruto,
A carta . . .

BRUTO.

Que vieste recordar-me ?
Sabes o que diceste ? Mal conheces
Que sentença de morte proferiste.
Eu!..Elle!..Não!..Porque!.,Sim monstro, barbaro!
Sangue ! Oh sangue d'horror ! Mas, vès aquelle ?
Gota, a gota cahiu sobre este peito ;
Aqui no coração, ei-lo aqui todo,
Este ferro . . . este ferro precioso
E' legado d'um pae . . . Pae ! oh que nome !
Meu pae . . aquelle foi . . matou-mo elle.
Mas vive o filho . . e o filho hade vingá-lo.
Filho . . do crime . . ja não temo crimes. . .!
Roma ! . . patria ! Catão ! meus paes são estes,
Remorsos ! . . Ensinou-me a despreza-los
Esse, a quem devo . . Devo só vingança,

FIM DO ULTIMO ACTO.

CARTA

*Ao meu Amigo, o Sr. * * * sobre a Tragedia Catão.* (*)

Que conceito formo do meu *Catão*? E' a pergunta mais fóra do commum, que se tem feito. — Se imitei muito o de Addisson, e que juizo faço deste drama? Menos difficil é que a primeira, porêm não me custa por ventura menos a responder a uma do que á outra. Tinha protestado conservar um perfeito silencio sobre este famoso author, e sua mais famosa peça, por que não julgasse alguem, que o severo dos meus reparos provinha de rivalidade, ou presumpção. Mas em fim quebro o protesto, e vou satisfazer-te. A tragedia ja está no prelo, e cedo poderás combinar as minhas reflexões com ella; pois, supposto a viste representar, só com meditado estu-

(*) Esta carta nunca esperou sahir a lume, nem sahiria nunca, se me não constasse que algumas pessoas, attentando talvez simplesmente na similhança do titulo, havião asseverado que a minha tragedia não era mais que uma traducção da de Addisson.

do se póde bem decidir de cousas drammaticas ; e a scena illude muito, e preoccupa demais com seus prestigios para nos deixar reflectir com a madureza, e socêgo necessarios, que só no silencio do gabinete se podem conciliar.

O que me paréce do meu Catão ? — Com toda a franqueza, que me conheces, e sem a orgulhosa modestia de certos authores, que se humilhão todos para que os louvem mais, com a sinceridade de amigo : *parece-me bem*, *e mal*. Góstо de algumas cousas, desgósto de outras.

Pelo que são regras principaes de *unidades*, *exposição*, *nexo*, *e desfecho*; (*) cuido te-las desempenhado. Em quanto ao resto, não direi com tanta affouteza; e cousas ha mesmo, de que muito desconfio.

Mui difficil me era não só o desenho dos caracteres, mas a sustentação delles. Para appresentar uns poucos d'homens verdadeiramente Romanos, e fazer no meio delles sobre sahir o actor principal, era forçoso suar muitas vezes, e desanimar algumas. Bruto, Porcio, e Manlio, todos virtuosos, e virtuosos como republicanos, a cada momento se me tornavão Catões, e fazião por consequencia divergir os raios do interêsse drammatico, que eu só no unico protagonista queria, e devia concentrar. Distingui-os quanto pude, exforcei-me em caracterisa-los por differentes temperamentos, e genios; e puz peito em separa-los assim, ja que a historia, e a verdade mos tinhão unido tanto.

(*) Não sei traduzir d'outra maneira o *denouement* Francez.

Como hei de responder á tua segunda pergunta sobre Addisson; na analyse succinta, que de sua tragedia te faço, irei conjunctamente respondendo á primeira, segundo me lembrar, sem ordem, nem systhema, que sobre improprios da familiaridade de uma carta, me darião constrangimento, e incómmodo, que seguramente creio não quererás dar-me.

Desde que me entendo alguma cousa, e comecei a abrir livros de bellas lettras, ouvi sempre fallar no *Catão* de Addisson, como em um prodigio da scena, e por ventura a primeira peça do theatro moderno.

Na encyclopedia, formaes palavras, se diz. — *Son Caton est le plus grand personage, e sa piece est la plus belle, qui soit sur ancian theatre.* Cesaroti, e infindos outros fallárão pela mesma boca. O proprio Voltaire, que lhe nega o fôro de *tragedia*, não deixa de lhe chamar um *chef-d'oeuvre.*

Ouvia eu, e lia todas estas cousas, e cada vez me dobrava o desejo de ver tam gabada peça, sem jámais a poder haver á mão pela summa raridade dos bons livros entre nós, e infinita escacez, principalmente de todos os que não são Francezes. Obtive alfim uma traducção Franceza meia verso, meia prosa, mas tam má, pelo que me pareceu, que o meu conceito então ficou cem vezes áquem do que havia imaginado. Li-a depois na versão do nosso Manoel de Figueiredo (bom homem, e de bastantes luzes, mas de nenhum talento poetico, e perfeitamente ignorante até das mais simples leis do metro) e fiquei peior. Consegui finalmente o original; e supposto mudei bastante do primeiro juizo, não foi absolutamen-

te, nem o podia ser, porque no contexto, e fundo do dramma, original, e traducções erão a mesma cousa.

Antes de fazer as minhas reflexões, transcreverei as do eruditissimo Schlegel, que pela maior parte com ellas se combinão, e, com grande satisfação minha, até com ás que antes de ler á sua grande obra, (*) eu havia feito.

» Addisson, que era mais *bel-esprit*, do que poeta, detteu-se a expurgar a tragedia Ingleza, e a submette-la ás pertendidas regras de Aristoteles. Dever-se-hia esperar, que tam erudito homem, como elle era, necessariamente buscaria avizinhar-se á tragedia Grega: não sei se teve algum'hora essas intenções; mas é certo porêm que o fructo dos seus esforços não foi mais que uma tragedia moldada, e enfeitada á Franceza. O *Catão* é uma obra fraca, e de gêlo, quasi nua de acção, e que nunca toca o animo com a mais pequena fôrça.

Addisson, fazendo uma composição timida, e accanhada, restringiu de tal sorte um grande quadro historico, que para encher o panno, houve mister introduzir-lhe cousas absolutamente estranhas. Recorreu aos amores da *tarifa*; e nesta peça se contão seis *paixões* (ou namoros); a saber: as dos dous filhos de Catão, a de Marcia, de Lucia, de Juba, e de Sempronio. Catão, como bom pai de familias, não póde ter-se a final que não arranje, e conclua dous matrimo-

(*) Curso de litteratura drammatica.

nios; e entre tantos amantes, não ha nenhum (sem exceptuar mesmo Sempronio, que é o *malvado* do dramma) que não participe o seu pouco de simplesinho. Catão poderia talvez relevar tudo isto: mas quasi nunca obra, nem entra em acção; apenas se mostra para se fazer admirar, e morrer depois.

Poder-se-ha pensar que a stoica resolução de matar-se, tomada assim sem paixão, e sem internos conflictos, não seja favoravel assumpto para uma tragedia: mas não ha assumpto nenhum, que por sua natureza seja desfavoravel, e tudo depende da maneira porque se tratta. Um vão escrupulo sobre a unidade de logar forçou Addisson a deixar de fóra a Cesar, unico caracter digno de fazer contraste ao de Catão: e nesta parte muito melhor que elle andou Metastazio.

O stylo de Addisson é simples, e puro, mas sem fogo poetico. O *jambo* não rymado, (*) de que usa, dá ao dialogo mais liberdade, e uma fórma menos *de convenção*, que se não acha na maior parte das tragedias Francezas; mas essas tem ás vezes uma eloquencia firme, e concisa, onde jámais não chega o *Catão* de Addisson.

Este célebre author, para preparar o feliz accolhimento d'uma obra, que tanta fadiga lhe havia custado, pôz em armas toda a milicia do *bom gosto*, todos os criticos grandes, e pequenos, e á frente de todos Pope. *Catão* foi por toda a parte acclamado por um *chefe d'obra* sem par.

(*) E' o nosso verso sôlto, ou *branco*.

E' em que fundárão elles taes asserções? Na regularidade da fórma? Mas os poetas Francezes ha mais de um seculo, que a ella se havião sugeitado, e a despeito deste grilhão, tinhão conseguido effeitos muito mais poderosos, e patheticos. — No espirito politico? Um só discurso de Bruto, ou Cassio em Shackespear mostra mais alma Romana, mais energia republicana, que toda a tragedia de Addisson. Duvido que similhante peça produzisse jámais uma impressão viva, e profunda. »

Tal é o conceito de Schlegel sobre esta tam affamada obra. O meu, como levo ditto, não differe muito do delle, mas alguma cousa differe. Schlegel tem o defeito de todos os escriptores, que são escravos de suas proprias ideias, e do systhema, que elles mesmos fabricárão: o que muitas vezes os força a dizer cousas, que n'outro reprovarião; e de que não tem, nem dão outra causa, mais que a necessidade imperiosa de serem coherentes.

Lembrar-te-has que muitas vezes lamentámos isto em Madame de Stael, e Chateaubriand; e que pensámos ser muito principal origem do grande merecimento de Cicero, e Rosseau a sua incerteza ingenua (ou muito artificiosa) nesta parte.

O que Schlegel diz sobre a *regularidade classica* mal entendida, que Addisson pertendeu, e pensou dar ao seu dramma, é exactissimamente certo. O genero *romantico*, de que Shackespear foi o creador entre os seus, e que era o proprio da scena Ingleza, tem grandes defeitos, mas grandes formosuras: falta-lhe a belleza da simplici-

dade, e regular elegancia, mas sobeja-lhe á do ornato, e enfeites ingenuos, com quanto demasiados. O genero *classico* tem outras qualidades, e caracteres, entre os quaes em primeiro logar, a regularidade, e simplicidade. O *mixto*, que principalmente se deve a Voltaire, (*) e a Ducis, participa das bellezas d'um e d'outro, e sem cahir nos defeitos do *romantico*, afformoseá visilmente o *classico*. Zaira, Tancredo, Alzira, Othelo, e o Rei Lear (de Ducis) provarão, melhor que todas as theorias, esta verdade.

Em qual dèstes tres generos escreveu Addisson? Em nenhum. A sua tragediá é um arremèdo infeliz do gòsto Francez, tem todos os defeitos do affeminado daquelle theatro, sem ter nenhuma de suas bellezas. Seis namoros! Racine, e Crebillon, que forão os mais excessivos neste ponto, nunca se attrevèrão a tánto. Mas Racine pelo menos soube liga-los sempre, e faze-los dependentes da acção principal, quando elles mesmos não erão essa acção; Crebillon as mais das vezes o fez, supposto com muito menos arte, e essa menos fina, e delicada. Mas no Catão de Addisson são verdadeiramente — verbos de encher; tanto tem elles com a acção capital, como os nossos antigos *graciosos* das operas do Judeu com

(*) Quando no prefacio dèste livro toquei igual materia, esqueci nomear este grande tragico na frente dos que no genero *mixto* escrevèrão. Peço desculpa de tal desleixo, que só é devido, [illegible] que rascunhei aquellas linhas.

Medea, e Jason. Demais a mais tem a habilidade de occupar quasi sempre a scena, e deixar raras vezes apparecer sobre ella o principal actor, e acção. A traição de Sempronio, e Syphax é motivada por namôro, as mortes de Sempronio, e Marco por namôro, toda a *intriga*, ou nexo do dramma por namôro; Catão entrettem-se tam bem com todos estes namoros; e mata-se a final (depois de dormir o seu pouco na scena,) sem se saber verdadeiramente por que; pois não apparece uma causa immediata, qual deveria ser a chegada de Cesar, mas simplesmente a da ruina geral da liberdade, que desde o primeiro acto existia, e que por tanto desde o principio devêra ter produzido o seu effeito, e morto Catão (que éra a catastrophe) acabar logo a *peça*. Esta suspenção da catastrophe, que é o nexo da acção, uma das origens do interèsse, e uma das mais difficeis regras tragicas na sua execução, falha, e falta absolutamente na tragedia Ingleza.

Eu não exigiria, como Schlegel, que Addisson mettesse a Cesar no seu dramma, nem farei depender dessa circunstancia a belléza principal delle. Tambem li a peça de Matestazio, e ahi vi isso; mas não me agradou. Por ventura, se hoje escrevesse a minha tragedia, o faria eu; mas não me lembrou então o verdadeiro modo de o fazer bem; e por isso o não fiz.

No que eu em grande parte discordo de Schlegel é no severo conceito, que fórma do stylo de Addisson. Convenho que sobejas vezes é frio, e desanimado; porêm muitas é sublime, e elevado, como ao genero cumpria. O monologo do quinto acto é uma obra-prima de poesia, tanto nas

ideias, como no stylo; assim ella fosse dramma-tica, e propria da scena; mas infelizmente cai-lhe ao justo a sentença d'Horacio:

Sed nunc non erat his locus.

O muito que me affastei de Addisson, da simples comparação dêstes reparos com o meu dramma o pódes colher. A personagem de Bruto, que é a segunda na minha tragedia, não apparece na delle; eu não tenho damas, nem *namoricos*; a exposição, o nexo, a catastrophe da minha peça são outras absolutamente, &c. &c. Approveitei-me porêm d'alguns pensamentos felizes, e sublimes, que não são poucos em Addisson. O número todavia dos que imitei não é excessivo, digo *dos que imitei*, porque traducção, não a fiz eu de um só verso Inglez.

Para formares melhor ideia; transcrever-te-hei aqui os logares todos, de que fallo, com a traducção litteral; e combinando-os com os correspondentes no meu dramma, poderás conhecer com exactidão o que digo.

Acto I. Scena I. (Addisson's Cato)

The dawn is overcast, the morning low'rs.
And heavily in clouds brings on the day,
The great, th' important day, big with the fate
Of Cato, and of Rome.

Cuberta a aurora está, a manhã fusca,
E pesada de nuvens traz o dia,
Dia grande, e importante, que em seu seio
De Catão, e de Roma encerra o fado.

N. B. A palavra *big*, que no texto Inglez significa neste logar *pejado*, não era traduzivel senão por este circunloquio.

O logar correspondente na minha peça é na scena 1. do 1. acto, na falta de Bruto.

» A aurora a despontar começa:
» Pallida, e triste nos conduz a medo
» O dia, o dia por ventura extremo
» Da nossa liberdade. »

Acto I. Scena II.

Let us once embrace,
Once more embrace, while yet we both are free.
To morrow should we thus express our friendship,
Each might receive a slave into his arms.
This sun, perhaps, this morning sun's the last,
That e'er shall rise on Roman liberty.

Deixa que inda uma vez nos abracemos,
Mais uma vez, em quanto somos livres.
Nossa amizade se amanhan quizermos
Desta sorte expressar, receberemos
Cada um de no's nos braços um escravo.
Este sol, por ventura, este sol de hoje
E' já o derradeiro, que só deve
Nascer para a Romana liberdade.

Conresponde a esta passagem a seguinte na scena 5 do I. acto:

» Abracemo-nos, amigo,
» Abracemo-nos sim, em quanto é dado,
» Em quanto somos livres, &c. »

Até o fim desta falla de Porcio, cujos outros versos são todos imitados de Addisson.

Acto I. Scena II.

My father has this morning call'd together,
To this poor hall, his little Roman senate,
(The leavings of Pharsalia).

Meu pae em esta humilde . pobre salla
Seu pequeno senado de Romanos
(Rellquias de Pharsalia) hoje convoca.

Dêstes versos são paralellos estoutros, na mesma scena 5. do I. acto :

» Por esta causa
» Neste humilde logar meu pae ajunta
» Essas tristes reliquias de Pharsalia,
» A que ainda senado appelidamos. »

Acto I. scena II.

Not all the pomp, and magesty of Rome
Can raise her senate more than Cato's presence.
His virtues render our assembly awful,
They strike with something like religious fear,
And make even Caesar tremble at the head.
Of armies flush'd with conquest. Oh, my Portius!
Could I but call that wond'rous man my father.

Toda a pompa de Roma, e magestade
Não poderia alçar tanto o senado ,
Quanto a presença de Catão o eleva.
Suas virtudes tornão formidavel
Nossa assemblea, ellas quasi imprimem
Um medo religioso, e a Cesar fazem

Tremer á frente dessas mesmas tropas,
Suberbas de conquistas. Oh meu Porcio!
Pudesse eu chamar pae á tam grande homem!

A imitação desta passagem é no acto I, scena 5 do meu dramma:
» Todo o esplendor da fastuosa Roma
» Toda a sua pompa, gloria, e magestade, &c. »
Até o fim da falla de Juba.

Acto II. Scena 2.

Fathers, we once again are met in council:
Caesar's approach has summon'd us together;
And Rome attends her fate from our resolves.
How shall we treat this bold aspiring man?
Success still follows him, and backs his crimes;
Pharsalia gave him Rome, Egypt has since
Receiv'd his yoke, and the whole Nile is Caesar's.
Why should I mention Juba's overttrow;
And Scipio's death? Numidia's burning sands
Still smoke with blood. 'Tis time we should decree
What course to take. Our foe advances on us,
And envies us ev'n Lybia's sultrey desarts.
Fathers, pronounce your thoughts: are they still
To hold it out and fight it to the last? (fix'd
Or are your hearts subdu'd at length, and wrougth
By time, and ill success, to a submission?
Sempronius, speak.

Inda em concelho, o' padres, nos juntamos:
De Cesar a chegada é quem nos une,
E Roma o fado seu de no's espera.
Como devemos no's trattar esse homem

Audaz, emprehendedor? Ainda o segue
E proteje os seus crimes a fortuna.
Pharsalia lhe deu Roma; o Egygto cede
Desde então ao seu jugo, é o Nilo é delle.
Porque mencionarei de Juba a queda,
A morte de Scipião? De sangue fumão
As queimadas areias da Numidia.
E' tempo de assentar qual mais devemos
Seguir estrada. Sobre no's caminha
Nosso inimigo, e nos inveja mesmo
Estes da Lybia torridos desertos.
Padres; pronunciai os vossos votos.
Fixos em persistir são elles inda,
E em pelejar até o fim constantes?
Ou vossos corações já submettidos,
Cançados pelo tempo, e desfortuna,
Estão á servidão? Sempronio, falla.

O logar, em que imitei alguma cousa esta falla é no acto II, scena I.:

» Padres de Roma, augustos senadores,
» Da patria moribunda unico appoio, &c. »

Acto II. scena II.

My voice is still for war.
Gods! can a Roman senate long debate
Wich of the two to choose, slav'ry or death!
No, let us rise at once, gird on our swords,
And at the head of our remaining troops
Attack the foe, break through the thick array
Of his throng'd legions, and charge home upon
(him.

. . . .

. . . . . . The corpse of half her senate
Manure the fields of Thessaly, while we
Sit here delib'rating in cold debates,
Or wear them out in servitude and chains.
Rouse up; for shame! our brothers of Pharsalia
Point at their wounds, and cry aloud — To battle!
Great Pompey's shade complains that we are slow.

O meu voto está inda pela guerra.
Deuses! po'de um senado de Romanos
Debater longamente sobre a escolha.
De escravidão, ou morte? Não; ergamo-nos,
D'uma vez; empunhemos as espadas,
E á frente dessas tropas, que nos restão
O inimigo attaquemos; pelo meio
Das espessas fileiras avancemos
De suas legiões amontoadas,
E do golpe sobre elle carreguemos.
. . . .
Os corpos de metade do senado
Servem de adubo aos campos da Thessalia,
Em quanto aqui no's outros assentados
Em frias discussões deliberamos
Se á honra nossas vidas votaremos,
Ou se havemos de em ferros consumi-las.
Despertai; que vergonha! Os irmãos nossos
De Pharsalia as feridas nos appontão,
E altamente nos bradão — A' batalha!
A grande sombra de Pompeu lamenta
A nossa lentidão; e a no's d'entorno
Inultos manes de Scipião volteião.

Assemelha-se a esta na minha peça a falla de Bruto na scena I. do II. acto:

" Eu voto a guerra ; e a guerra só nos cumpre.
" Que ! duvidar na escolha um só momento, &c. "

Acto II. scena II.

Let not a torrent of impetuous zeal
Transport thee thus beyond the bounds of reason.
True fortitude is seen in great exploits
That justice warrants, and that wisdom guides :
. . . .
Are not the lives of those that draw the sword
In Rome's defence entrusted to our care ?
Should we thus lead them to a field of slaughter,
Might not th'impartial world with reasen say,
We lavish'd at our deaths the blood of thousands,
To grace our fall, and make our ruin glorious ?

Não te deixes d'um zelo impetuoso
Transportar da torrente alem dos termos
Da razão. O exforço verdadeiro
Nos grandes feitos, que a justiça apoia,
Que a prudencia dirige, é que se mostra.
. . . .
Daquelles que de Roma na defeza
Desembainhárão as espadas suas,
Ao nosso cuidado confiadas
As vidas não estão ? Se nós do campo
Da mortandade assim os conduzirmos,
Imparcial não poderá o mundo
Dizer, e com razão, que nós de tantos
Co'a nossa morte o sangue esperdiçámos
Para ornar nossa queda, e mais gloriosa
Fazer nossa ruina ?

Corresponde a esta passagem a do acto II., scena 2:

» Bruto, esse furor não é Romano, &c. »

Acto II. scena IV.

. . . . Bid him disband his legions,
Restore the commonwealth to liberty,
Submit his actions to the public censure,
And stand the judgment of a Roman senate.
Bid him do this, and Cato is his friend.

. . . .

. . . Tho', Cato's voice was ne'er employ'd
To clear the guilty, and to varnish crimes,
Myself will mount the rostrum in his favour,
And strive to gain his pardon from the people.

As suas tropas despeça, á liberdade
Restitua a republica, submetta
Suas acções á publica censura
E a decisão aguarde do senado,
Obre assim, e Catão é seu amigo.

. . . .

Nunca a voz de Catão foi empregada
Em crimes palliar, ou salvar culpas,
E com tudo heide eu mesmo em favor delle
Subir aos rostros, forcejar, por peito
Para alcançar o seu perdão do povo.

Na minha tragedia acto II, scena 3 são paralelos os versos;

» Desarme as legiões, deponha a purpura. &c. »

Estes são, meu amigo, os logares, que de Addisson imitei; digo, que imitei de proposito;

porque, se em alguns outros me encontrei com suas ideias, e expressões; effeito foi do assumpto, e não por determinada intenção. Não repares nos maus versos da traducção litteral, que puz ao pé do original Inglez. Exforce-me por ser exacto, e fiel; e essa vontade me não deixou ser bom metrificador.

E aqui tens com toda a sinceridade quanto sei, e posso responder ás tuas perguntas, remettendo te, sobre Addisson a R. Cumberland, e aos outros muitos, que sobre este assumpto escrevêrão; e sobre a minha peça, a esses senhores sabichões do Mondego, que tudo entendem, tudo sabem, de tudo mofão, mas nada fazem.

Sou de todo o coração

Teu muito amigo

Lisboa 13 de Março, anno II.
(1822.)

J. B. S. L. A. Garrett.

O CORCUNDA POR AMOR,

FARÇA.

Representada pela primeira vez em Lisboa no theatro do Bairro-alto em 29 *de Septembro,* *anno I.* (1821)

ACTORES.

O Doutor Lapafuncio,	lettrado.
D. Carangueija,	sua mulher.
D. Carlota,	sua filha.
Eleutherio,	amante da ditta.
Augusto,	amigo d'Eleutherio.
Barrigudo,	procurador de causas.

Logar da scena — Lisboa.

O CORCUNDA POR AMOR,

FARÇA.

SCENA I.

Escriptorio de lettrado.

DOUTOR LAPAFUMCIO.

(*Sentado, e remechendo papeis*)

DOUTOR.

Em fim, não me entendo com estas cousas. Rapazinhos, rapazinhos! Ca gente de bem, gente do meu tempo, e da minha laia não serve para isto. Peguem nessa canalha, que ahi anda pelas ruas a gritar — viva a constituição, viva o diabo que os leve; peguem nesses biltres todos, e fação lettrados do seu panno. Oh tempos do meu tempo! Sancta chicana, que me infiavas cruzios nesta algibeira, como contas em rosario! Cotas, vistas, jure-jurando, estou doente, peço os dias da lei... Oh que boa cousa! E entretanto corria a chelpa, dormia a demanda, e as partes pingavão. Ora digão-me, Srs. reformadores do mundo: que hade ser da dignidade do fôro, sem a grande arte da *chicana*? Nada de ferias; causas todas summarias; jurados;

e sobre tudo... Isto é que eu não posso levar á paciencia!... querer compor as partes amigavelmente!

SCENA II.

DOUTOR, BARRIGUDO *entrando.*

DOUTOR.

Amigavelmente!.. amigavelmente Sr. Barrigudo! e os libellos, as contraditas, as... Sr. Barrigudo, acabou-se a justiça; está tudo perdido, perdido. Amigavelmente, homem!....

BARRIGUDO.

Está, está o mundo perdido. Foi-se a justiça. Pois não me deitárão fóra do meu emprêgo?

DOUTOR.

A V. m.? o procurador mais honrado que vírão as audiencias desta côrte! V. m. que nunca vendeu as suas partes por menos de tres mil, e duzentos! Então, diga-me, porque?

BARRIGUDO

Ora porque? por uma ninharia. Por sumir uns documentositos de cacarácá, que, a fallar a verdade, não me derão de interêsse mais que quinze moedas.

DOUTOR.

Quinze moedas! E por quinze moedas se deita a perder um homem de bem! Patifes... Quantos conheço eu, que pella ridicularia d'uma sentençasita injusta tem levado mil cruzados? Ora isto! E então, se um pobre homem chucha os seus pintetes assim por cousa de mais polpa, aquidelrei que é ladrão! Ora pois Sr. Barrigu-

do, console-se; tenha fé nos Austriacos.

BARRIGUDO.

O' Sr. doutor, que é isso dos *Estrickios*?

DOUTOR.

Eu tambem não o sei lá muito bem; parece-me que são os *Alamões*; mas ahi nesses jornaes..

BARRIGUDO.

Jornaes! Pois V. m. consente essa peste em sua casa?

DOUTOR,

Eu! deus me livre! E'o meu amigo, o Sr. D. Gargamilho, que os le, e me dá as novidades; que eu, cá por mim; apello eu! Periodicos! nada. Se fosse a nossa Gazeta antiga! Isso sim; isso é que era papel!

BARRIGUDO.

E de *mata-morrão.*

DOUTOR.

Sim senhor; mas que papel! que papelão! Que novidades de mão cheia!

BARRIGUDO.

E é verdade; que até trouxe a do *homem das botas.*

DOUTOR.

A do homem das botas? Isso é nada, meu amigo. Mas as dos morangos no mez de Maio em Copenhague, com as mais frescas noticias da Laponia, da Scandinavia, e do isthmo de Panamá! Que gôsto, que erudição! E aquella immortal folha do dia 16 de Septembro! Oh meu rico Sr. Barrigudo! estes infames papeluchos d'agora cheirão-me a um desaforado libertinismo. Mas que quer V. m.? E'bem feito: derão-lhão a liberdade de imprensa; agora peguem-lhe com hum trapo quente

BARRIRUDO.

Isso é o menos, meu doutor. Mas a lei dos *ce-raes*! De sorte que eu não sei la muito bem o que isto é; mas não me cheira; hade ser cousa má por fôrça.

DOUTOR.

Eu estou na mesma, sr. Barrigudo. Nunca achei no *Pegas* similhante nome. Modernices, modernices! Alguma poucavergonha encuberta, alguma heresia rebuçada contra a nossa sancta religião!

BARRIGUDO.

Tem carradas de razão, meu doutor. Tudo está perdido. Mas vamos ao que serve. Tenho a propor-lhe certo arranjo, que me parece que lhe hade servir.

DOUTOR.

Diga, e em poucas palavras; que tenho que sahir.

BARRIGUDO.

Certo rapaz, meu vizinho, moço de bom porte, e de muito juizo, chegado á pouco da *aoersidade*, e formado ea nas *defficuldades* do escriptorio pertende vir practicar com V. m.

DOUTOR.

Convenho; más primeiro que tudo, é elle cá dos nossos?

BARRIGUDO.

Se é dos nossos! Está claro que sim. Aliás como me atreveria eu a propo-lo. E'um moço guapo: ainda não lhe ouvi fallar uma só vez em constituição; e tem huma zanga decidida a tudo quanto cheira a isso. Olhe meu dou-

tor; aquillo por la não está tam mau como o pintão. Dizem-me que na *novercidade* temos muita gente boa; e ca da sucia.

DOUTOR.

Bom: nesse caso póde dizer-lhe que appareça logo. Está visto; o moço tem juizo. Adeus, amigo.

BARRIGUDO.

Adeus, meu doutor.

SCENA. III.

DOUTOR, CARANGUEIJA, CARLOTA.

CARANGUEIJA.

Eis-aqui, senhor Lapafuncio, o fructo da sua condescendencia. A senhora sua filha está louca, e louca varrida.

DOUTOR.

Que dizes, mulher? Que é isso?

CARANGUEIJA.

Pois não encontrei esta descarada lendo no *Lastro da Lusitana*, e decorando uma *odia* ao 24 de agosto, que vem no *Portuguez refregerado*! Olha, meu Lapafuncio; quando tal vi, fiquei de raiva intanguida com hum faniquito; que não sei como a não esganei.

CARLOTA.

Por piedade, meu papá, digne-se ouvir-me.

DOUTOR.

Não lhe posso conceder vista, senhora Lambisgoia. Com que, V. m. atreve-se a ler similhantes papeletas! Pobre de mim! Oh vergonha dêstes cançados annos! Diga quem lhe deu esse i -

fame papel ?

CARLOTA.

Meu papá, eu não julgava que a minha curosidade era criminosa. André, nosso moço muitas vezes me tem trazido estes, e outros escriptos, cuja leitura me instruia. e recreava.

CARANGUEIJA.

Que te disse eu, meu Lapafuncio ? A rapariga está perdida; ja sabe *retholica*, tem muita *falsofia*, e até se quer meter a *pliticca*.

DOUTOR.

Senhora Carlota, venha ca; seja ditto uma vez para sempre. Você de hoje em diante está prohibida de ler escriptos, sejão de que natureza forem. Se se quizer divertir, aqui tem na minha livraria a collecção completa da nossa sancta mãe *Gazeta* de feliz memoria. Tem a *Navalha de Figaro*; a *Atalaia contra pedreiros livres*; o *Segredo revelado*, *os Sebastianistas*; e as obras de *Melgaço*.

CARANGUEIJA.

Mellaço á rapariga, que é tam quente !

DOUTOR.

Qual mellaço, senhora Carangueija ? Você parece-me que tambem perdeu o juizo. Melgaço, senhora, era um escholastico peripatetico.

CARANGUEIJA.

Inclesiastico pateta ! misericordia, senhor ! Bem mostra que foi estudante: se V, m. não tivesse ido á *nobrecidade*, trattaria a religião de outra maneira, e teria mais respeito aos *inclesiasticos*.

DOUTOR

Mulher, você faz-me perder a paciencia.

CARANGUEIJA.

Cale-se, cale-se. Tratte de dar melhores *inxemplos*, a sua filha. Ja é tempo de tomar juizo, *seu* velho potrozo.

DOUTOR.

Sim senhora, serei, serei potroso: eu lhe farei o ditto verdadeiro O' Gertrudes, Gertrudes? De hoje em diante, a minha cama para o quarto da livraria.

CARANGUEIJA.

Ande, ande, metta-se nisso; e depois queixe-se. Olhe, Sr. Lapafuncio; isso vinha do ceo.

DOUTOR.

Cale-se, tonta: lembre-se que está diante de sua filha.

CARANGUEIJA.

Veja se me tapa a bôca. Heide fazer publicos os seus desaforos. Ah meu tempo, meu tempo! As cousas andavão de outro modo: um bom capellão governava a casa, cuidava de tudo, arranjava as cabeças, dirigia as consciencias, etc. etc. Agora! pois não? Os bons costumes forão-se: e o respeito perdeu-se a tal *incessio*, que o bom do nosso confessor, Fr. Patricio de S. Mamede (aquelle sanctinho!) entra, e sai nesta casa, sem que ninguem lhe beje cousa alguma.

CARLOTA.

Mamam, permitta que me retire ao meu quarto: São horas de vir o mestre de musica; e eu ainda não estudei a lição.

CARANGUEIJA.

Sim, sim; retira-te; e avisa-me quando elle chegar; quero fallar-lhe, e adverti-lo que não continue a ensinar-te aquelle maldito hymno, *constru-*

cional. Que peste de musica! que nogenta composição!

(*affecta d'entoar o hymno*)

SCENA IV.

CARANGUEIJA, DOUTOR.

DOUTOR.

Senhora D. Carangueija, trattemos dos nossos arranjos; eu pertendo que Carlota case com o meu amigo, o doutor Pancracio, homem chão, e ca dos da minha tèmpera, verdadeiro pé de boi. Convem que V. m. disponha a rapariga; e eu vou concluir os ajustes. Avise Carlota que logo que chegue o meu amigo doutor, não comece com os seus costumados destemperos, nem abra a boca sôbre acontecimentos politicos. O meu futuro genro é homem de mão cheia, e tem odio a tudo quanto cheira a *jacobinice*, *e pedreirada.*

CARANGUEIJA.

Sim, senhor, sim senhor; tudo se hade fazer. Mas diga-me meu queridinho: (*pondo-lhe a mão pela cara*) inda estamos arrufados? Inda quer ir dormir para a livraria? ande, (*chega-se para elle*) diga, meu doutorsinho?

DOUTOR.

Leva rumor, senhora D. Carangueija! Basta de tolices; vamos ao que serve: tratte de fazer o que lhe dice; e quanto ao resto, ca lhe fica *pirolo a vencer.* (*aparte*) Safa com a tal aventesma!

SCENA V.

Rua.

ELEUTHERIO, AUGUSTO.

ELEUTHERIO,

Aquelle que acolá anda a passear .... Eu ja vi aquella *lata*. E'o Augusto ... mesmo como quem o vê. Oh Augusto! oh lé!

AUGUSTO.

Quem diabo me chama? Oh maldito! olha que *gota*, com que eu venho embarrar?

ELEUTHERIO

Ora tu em Lisboa! Quando chegaste? com quem vieste? que tal foi a patusca da jornada?

AUGUSTO,

Optima; grazinou-se por essa estrada, que foi tudo c'os diabos: então que tens por cá feito?

ELEUTHERIO.

Por cá! (*rindo-se*) Lisboa, isto está *pindarico*! Môças, touros, theatros, Marrare, sucia, e mais sucia.

AUGUSTO.

O' Eleutherio, dize-me; que sobre-escripto é esse, que trazes no chapeo? ja hoje, quando desmontei, vi dessas quizilias ahi pela rua, Que peta é essa?

ELEUTHERIO.

Isto? isto é o *laço da constituição.*

AUGUSTO.

Pois sim: nunca me *cabularão* no tal laço. Isso é laço, comque toda a corcundage hade engaņar a boa gente. Então como vamos de *petis-*

cos? Ja pilhaste namòro? *Pinpa-se, ou não se pimpa*?

ELEUTHERIO.

Ora valha-te os diabos. Pois não ando embeiçado com um *peixão*, mesmo *peixarrão*!

AUGUSTO.

Tu? ahahaha! Demais a mais namorante! Sabe-o ella? Appósto que não; que tu sempre tiveste esse bom costume.

ELEUTHERIO.

Se o sabe! essa é boa! Tu não sabes que as môças de Lisboa entendem pelo ar isto de namôro, mesmo antes de elle começar? Ha 15 dias que trabalha o telegrapho.

AUGUSTO.

E dá ella *cavaco*?

ELEUTHERIO.

Cavaquissimo.

AUGUSTO.

Bem entendido; para *honra*, *e casamento*.

ELEUTHERIO,

Ora embirro: hade ser o que der o jògo.

AUGUSTO.

Não: tu pelo que vejo, é que estás cahido, mesmo como hum pato. Vamos, vamos; confeça, meu *pingoleta*.

ELEUTHERIO.

Gósto, gósto: lá isso é verdade: morro pela pequena.

AUGUSTO.

Morro pela pequena. (*arremedando-o*) Fóra tolle! morro pela pequena. Estou a ver que ja lhe fizeste a tua declaração *em forma*.... A proposito, quantas grozas de sonetos lhe ferraste ja?

ELEUTHERIO.

Sonetos! versos a môças! Pois julgas-me tão asno?

AUGUSTO.

Ora anda lá; isto de poetas, em estando namorados, vai tudo raso com versalhada. Mas olha, Eleutherio: lembra-te daquelle conselho do Tolentino:

Vále uma vara de fita,
Mais que a Iliada de Homero.

ELEUTHERIO,

Deixa-te d'asneiras, vamos ao que importa. Tu has-de servir-me no meu namôro.

AUGUSTO.

Muito boas noutes, Sr. Eleutherio; assim em ar de brincadeira — *Alcovitantibus nobis* —

ELEUTHERIO.

Não é isso; não te faças camello. O caso é este. Eu namóro uma rapariga bella, esbelta, e gallante; e o que mais é, rica.

AUGUSTO.

Rica! rica! Oh que formusura, que divindade! Ai, meu Eleutherio! parece-me que vou ser teu rival. Que pechincha para um Sr. estudante! Dize-me; quem é essa Tagide gentil? Quem é o ditoso papá?

ELEUTHERIO.

Ahi é que está o *busilis*! O pae é o mais encarquilhado ginja, o mais embirrento casmurro, que tem Lisboa. E' um lettrado velho, um doutor da universidade, que deus haja, d'antes da reforma, e demais a mais, corcunda como todos os diabos.

AUGUSTO.

E a menina tambem padece da tal *intumescencia dorsal*?

ELEUTHERIO.

Nada: antes é liberalissima.

AUGUSTO.

Liberalissima! salve deus tal logar. Mulher liberalissima! E tu queres casar com ella?

ELEUTHERIO.

E porque não?

AUGUSTO.

Pobre homem! Não sabes que mulher liberal faz o marido corcunda? quando não seja por traz.... não sei se me percebes?

ELEUTHERIO.

Deixa-te de graças; vamos ao que importa.

AUGUSTO.

Sim: que isto que eu digo é um pau por um ôlho. Bagatellas, bagatellas.

ELEUTHERIO.

Adeus! não me *repiniques* a conversa. O velho, a mãe, toda a gente da casa, e toda a gente que vai a casa, são corcundas, corcundissimos; menos a rapariga. Ora eu, rapaz, vindo de Coimbra ha pouco tempo, com fama de liberal; como hei-de introduzir-me em similhante casa? Para isto é que eu quero o teu conselho?

AUGUSTO.

Bom remedio: vai practicar com o doutor.

ELEUTHERIO.

Isso ja eu tentei fazer. Até untei as mãos a um *rabula*, procurador de causas, que conheço, para me introduzir com o ginja. Mas o maldito antiquario, em sonhando que eu sou liberal,

põe-me pela porta fóra; e então fico peior que d'antes. Ora dize tu: em elle olhando para esta *lata*, em sabendo que me formei este anno..

AUGUSTO.

O muito que poderá dizer é que és *pedreiro livre*, *jardineiro*, *carbonario*; ou tudo junto, que inda é melhor.

ELEUTHERIO.

Mas, homem, que hei-de eu fazer?

AUGUSTO.

Ande ca, *su* toleirão: sempre lhe quero mostrar que sou seu amigo. Em fim andámos ambos com a roupeta: va. Voce, faça-se corcunda. Tire-me essa garatuja do chapeo..... Mas não; deixe-a estar, que nos é precisa. Com o velho sempre corcundissimo; diga-lhe a tudo que sim; e deixe correr a demanda, Agora eu hei-de immortalizar-me na farça; aqui ninguem me conhece; vou despir esta cazaca, e farei de teu creado. O mais fica por minha conta. Mãos á obra, e toca a espatifar o negocio.

ELEUTHERIO.

Oh meu caro Augusto, que obrigações te não devo eu!

AUGUSTO.

Cale a bôca, su pedaço d'asno. Com que eu faço isto para o servir a você, ou para me divertir a mim? E'bem camello: ande dahi; vamos.

ELEUTHERIO.

Vamos.

SCENA VI.

Escriptorio.

CARLOTA *so.*

Ora a livraria de meu pae sempre é bem curiosa cousa. Boa leitura para aconselhar a uma rapariga de dezoito annos! Mas este meu novo amante, quem será elle? Pelo geito parece-me cousa de Coimbra. O caso é que eu gósto delle. São estudantes, são atrevidos, são peti-mètres; todas dizem o mesmo, mas todas gostão do seu estudantinho.

SCENA VII.

CARLOTA, ELEUTHERIO, AUGUSTO.

AUGUSTO.
(*Defora, batendo á porta*)

CARLOTA.
Quem é?

AUGUSTO.
Um servil creado desta illustre casa.

CARLOTA.
Quem procura?

AUGUSTO.
O sapientissimo Sr. doutor Lapafuncio Geba Simões da Boa morte.

CARLOTA.
Não está em casa.

AUGUSTO.
Não importa: temos ordem de esperar por elle.

CARLOTA (*abrindo*)

Entre.

AUGUSTO.

Liberalissima prole do mais corcundissimo progenitor, meu liberassimo, e agora, por seu respeito, encorcundizado amo, o senhor....

CARLOTA.

Que vejo! E' o mesmo. Senhor, V. m. nesta casa? Onde se vem metter....

ELEUTHERIO.

Adorada Carlota, amor é quem me aqui traz; e amor nada receia. Os sentimentos, que há muito te consagro, me fizerão buscar este estratagema para poder.... sim para que nós.... que vós.... e que....

AUGUSTO

(*arremedando-o*)

E que elles.... Minha senhora, o rapaz, *quer dizer amor*, e *não lhe chega a lingua*, eu lhe ponho tudo em pratos limpos. Este moço morre pelos seus bellos olhos; as suas vistas são puras, e innocentes: é morgado na sua terra. Ora olhe-lhe para aquella veronica. Não lhe acha mesmo cara de morgado, e demais a mais mesmo assim de sujeito que quer casar? Pois ahi o tem todo inteiro: está ditto tudo. O Sr. seu pae, segundo consta, não gosta muito de *liberalidades*. Meu amo, que é mesmo liberal dos da gema, receava pedir abertamente a sua mão, o que sería aliás bem recebido, attendendo ás suas grandes *propriedades sem fundo*, e *fundos sem propriedade*. Mas achou melhor servir-se d'uma piedosa alicantina para facilitar o expediente do negocio. Ora, como lhe ia dizendo, formou-se este anno, e vem praticar

com o Sr. seu pae no seu escriptorio: já se sabe, finge-se corcunda com elle, e procurará ser sempre liberal com a menina; ficão-lhe as abertas para fallar com V. m. . . . (*aquidelrei* !) com V. S. . . . E o mais, deus o fará, ou o diabo lho ensinará.

CARLOTA.

Senhor, diga-me o que devo pensar do que diz o seu creado?

ELEUTHERIO.

Tudo aquillo é verdade, bella Carlota, são estes os innocentes, e desculpaveis arteficios, a que me obrigou a mais violenta paixão.

CARLOTA.

Mas como devo acredita-lo?

ELEUTHERIO. (*ajoelhando*)

Bella Carlota, as tuas graças. . . .

AUGUSTO. (*á parte, arremedando-o*)

O teu dinheiro. . . .

ELEUTHERIO.

A tua divina belleza. . . .

AUGUSTO.

A tua celestial riqueza. . . .

ELEUTHERIO.

Justificão. . . .

AUGUSTO.

Espanificão. . . .

ELEUTHERIO.

O meu atrevimento. . . .

AUGUSTO.

O meu descaramento. . . .

ELEUTHERIO.

E a avidez. . . .

AUGUSTO.

O desejo....

ELEUTHERIO,

De gosar dos teus encantos.

AUGUSTO.

De sangrar a burrinha do Sr. seu pae.

SCENA VIII,

AUGUSTO, ELEUTHERIO, CARLOTA, CARANGUEIJA.

CARANGUEIJA. (*de dentro*)

Carlota, Carlota?

CARLOTA.

Ai de mim, que ahi vem minha mãi!

AUGUSTO.

Não se assuste, menina, que eu aqui estou. Sr. amo, pegue naquelles feitos, e ponha-se assim em ar de quem anda a *pescar á chicana*. A senhora D. Carlota põe-se á janella com um désses cartapacios fingindo que lê; e eu aqui fico com esta cara de chicote. Vamos, a seus postos; deixem o medalhão da velha por minha conta.

CARANGUEIJA. (*sahindo*)

O' Carlota; Carlota! Irra! tenho as guelas esfrangalhadas de gritar por esta rapariga! Temos namorico fillado? Pois não; assoe-se; bem sabe quaes são as vistas de seu pae, e que o Dr. Pancracio.... (*dando com os olhos em Eleutherio e Augusto, estes a cortejão*) mas quem são estes melcatrefes? Que fazem elles aqui? Anjo bento! E a rapariga sosinha com dous homens, quando para a perder bastaria um; e então um dos da *tempra* de hoje, que vale por huma duzia desse

de algum dia, (*puchando a luneta, e encarando-os*) Ai meus peccados! E demais a mais um delles parece-me estudante. Que lambertimo que não ha de ser! De certo é peior que Satanaz, (*chega-se a elles*) O' lá, meus senhores? O que querem Vv. mm.? Quem procurão nesta casa?

ELEUTHERIO.

Eu, minha senhora, venho aqui para practicante do Sr. Dr. Lapafuncio,

CRRANGUEIJA.

Maroto! Insolente! *Traficante* o Sr. Dr. Lapafuncio, a honra da lettradice! O Benjamin do fôro! Meu marido *traficante*! Ponha-se-me já no ôlho da rua.

CARLOTA.

Minha mãe, este senhor entrou neste momento, e procura meu pae, que, segundo elle diz, lhe deu ordem de o esperar aqui.

AUGUSTO.

(Irra com a santopeia!) Minha senhora, não se allucine; meu amo vem apprender com o Sr. Dr. Lapafuncio a grande arte da *cabolla judicial.*

CARANGUEIJA.

Cavalla! . . . *Cavalla* será elle, grandessissimo mariolla. Patifes! Virem a minha casa procurar *Cavallas*, como se aqui fosse a ribeira do peixe! Insolentes!

SCENA IX.

CARANGUEIJA, CARLOTA, ELEUTHERIO, AUGUSTO, DOUTOR.

DOUTOR.

Que algazarra é esta?

CARANGUEIJA.

O que hade ser? São estes meliantes que te vierão insultar aqui mesmo ao teu escriptorio. Um chamou-te *traficante*; e o outro quer que eu lhe venda *cavallas*. Atrevidos....

DOUTOR.

Então que pertendem os senhores? Que é isto?

ELEUTHERIO.

Que ha de ser Sr. Doutor? E' esta senhora, que, sem nos ouvir, nos condemnou á revelia. Eu sou aquelle bacharel, por quem lhe fallou o seu amigo Barrigudo das Toupeiras; e elle é quem aqui me mandou, assegurando-me que estava admittido a praticar no seu escriptorio. A' vista do exposto, deferirá em termos.

DOUTOR.

Como pede; sim senhor, muito bem vindo, meu cáro Sr. Eleutherio. Já me dava muito cuidado a sua tardança. Julguei que tinha, por desgraça, cahido em alguma dessas enxovias de que ha tanta abundancia nesta capital: são humas verdadeiras ratoeiras de armadilha aos ignorantes pataus. Forte lastima seria, se depois de tão boas informações do meu amigo Barrigudo, tal infortunio lhe acontecesse! V. m. ficava perdidi-

nho de todo para nunca mais levantar cabeça! Em que mãos, meu deus! Em que mãos ia cahir! Rabulas, rabulas modernos, que apenas (e nem ainda apenas) sabem arranhar a ordenação! Olhe, Sr. Eleutherio, depois da vinda *dos do Porto*, entrou ahi huma matilha de garraios novos; que dão conselhos até por um copo de capilé! Porém... Senhora Carangueija tratte de prevenir Carlota do que lhe disse.

SCENA X.

DOUTOR, ELEUTHERIO, AUGUSTO.

DOUTOR.

O' Sr. Eleutherio, quem é este rapaz que vem na sua companhia?

ELEUTHERIO.

Este rapaz é um *garoto*, que tomei em Coimbra ao meu serviço. E' um pobre diabo, *orfão de pae*, e mãe, fiel, e capaz de se lhe confiar qualquer empreza, ou obra de desempenho.

AUGUSTO.

Sim senhor, sim senhor; é verdade Sr. Doutor. Sou garoto, sim senhor. O Sr. Eleutherio tambem, sim senhor. De Coimbra, sim senhor, de Coimbra...

(*para Eleutherio á parte.*)

Deixa estar patife, que logo to direi.

DOUTOR.

Parece-me um pobre selvagem. Isto de certo não tem malicia. Estes creados lá da provincia são melhores que os cá da cidade que são todos uma canalha; confiados, larapios, e muito liberaes das algibeiras alheias.

ELEUTHERIO.

Tem razão Sr. Doutor. Isto por cá está cada vez peior. Daqui a pouco ja não ha creados; todos são amos.

DOUTOR.

Que quer V., m. Sr. Eleutherio, se tudo é uma anarchia? Todos dão o seu conselho. todos mettem a sua colherada; e o que é mais serio, ja todos são lettrados, e decidem de cadeira, como se fossem doutores de capello. E' uma lástima: o melhor conselho da nossa profissão não vale hoje uma de doze. A proposito, Sr. Eleutherio, que novidades temos?

ELEUTHERIO.

Poucas, porêm boas. Dizem que vamos a ter outra *alliança angelica* nas margens do Sena. Tratta-se de abrir os olhos aos habitantes das trevas peninsulares. Acabará a escravatura, dando liberdade aos negros, e escravizando os brancos. Tolerancia absoluta, concedida pela nova refórma da sancta inquisição; segurança plena de propriedade affiançada por trezentos mil dos protectores da Italia, que querem arranjar as cousas como manda deus, e a igreja, sem derramar huma só gota de sangue, á excepção do de tres, ou quatro milhões de impios, e incredulositos, que não querem accreditar em suas bemfazejas intenções.

DOUTOR.

Isso é sancta gente, que ha de ensinar estes maganões. Diga-me, Sr. Eleutherio: leu a *Gazeta Universal de Europa*?

ELEUTHERIO.

Não senhor, não a li hoje; porque a não pude obter pela affluencia de compradores. Era

tanta a gaiatada á porta do distribuidor, que voou o tal papelucho. Verei logo se posso apanhar alguma ahi por essas lojas, ainda que o pague a pèzo. Não me admira a extracção: é papel universal, e basta. Consta-me que até em Constantinopla se gasta como canella. O gram turco é com que accende o seu cachimbo. Voltemos porèm ao ponto: que traz elle hoje interessante?

DOUTOR. (*com ar mysterioso.*)

Duas *conspirações e meia* descubertas a noute passada á luz da candeia. Metade d'um sermão sobre a instabilidade das cousas deste mundo, cá neste valle de lagrimas. E o que mais interessa; a marcha d'um exército de mais de quatrocentos mil bemfeitores da humanidade... Diz-se que em dias claros já da serra da Estrella se avistão as avançadas. Isto ainda não é nada. Olhe, Sr. Eleutherio, tambem se falla em quatro esquadras que se aprompţão a toda á pressa. De certo, tudo está combinado: o negocio decide-se por estes quinze dias. Ora diga-me: V. m. ouviu fallar nessas grandes desordens da provincia.

ELEUTHERIO.

Ouvi, sim, senhor; isso anda tudo revolto; e elles a teimarem com a gente; ninguem quer isto, á excepção de meia duzia de meliantes, que não tem que perder: elles se desenganarão. Veja, meu doutor, se isto agrada a ninguem: todos iguaes perante a lei; tolerancia; liberdade d'imprensa; segurança de propriedade; abolição da sancta Inquisição; extincção de candelarias; coitadas; direitos banaes, &c. &c.

DOUTOR.

E que me diz á das ordenanças? Homem,

Os capitães mores que erão a consolação e abrigo dos povos: veja se ha maior desafôro Está visto aonde tudo ia dar, se os do Norte se não lembrassem de vir arranjar as cousas. (*em segredo*) Ouvi dizer que os Turcos tambem dão o seu contigente de tropa?

ELEUTHERIO.

Se dão! Obrigarão-se por este ultimo trattado secreto: a dar 50 mil Assyrios, 50 mil Egypcios, 10 mil Janisaros, e 20 mil Medas; gente terrivél, e que fazem uma guerra assolladora. Servem-se de animaes ferozes, e trazem uma cáfila de leopardos, pantheras, ursos, tigres, elephantes, hyppopotamos, leões, onças, e camellos dos que mordem; além de uma quantidade de piruas, e gallinhas bravas, cuja picadura é venenosa.

AUGUSTO.

Oh Sr. meu amo, isso tudo será para o pateo dos bichos?

ELEUTHERIO.

Cala-te tolo; que entendes tu de politica? Altas combinações da negromancia, a que não pódes chegar com os teus rombos talentos.

DOUTOR.

Não faça caso, Sr. Eleutherio; hoje todos querem metter a sua colherada em politica em leis, em finanças, em commercio; todos fazem planos, projectos, e memorias; basta saberem ler as gazetas para se pôrem a decidir a sorte das Nações. Deixe, deixe estes amigos, não lhes tarda o seu S. Martinho; verá, Sr. Eleutherio, as noticias do primeiro paquete; leia a gazeta de França, o observador Austriaco; e deixe o mar

que ronca. Vamos porêm principiar o nosso trabalho, que são horas.

ELEUTHERIO.

Caro Sr. doutor, o meu desejo é ajuda-lo nas suas laboriosas tarefas. Diga em que me posso occupar?

DOUTOR.

Ainda que o rendimento é pouco, temos ahi obra de sobejo. Aqui não ha mãos a medir. Ha quinze dias que a grande affluencia de trabalho apenas me dá tempo de pedir os dias da lei, e jurar que estou doente. Se isto contimúa, vejo-me obrigado a dar parte de morto, bem entendido com o juramento do estylo, para não faltar á verdade. (*Chegando-se á banca.*) Veja esses autos, Sr. Eleuterio.

ELEUTHERIO.

Eu vou, Sr. doutor: permita-me dizer duas palavras ao meu rapaz. O' garoto; anda cá.

AUGUSTO.

Sim senhor; anda cá. Lá vou, sim senhor.

DOUTOR.

Sr. Eleutheiro, se lhe parece em quanto trabalhamos, póde ir lá para dentro sentar-se na cozinha.

ELEUTHERIO.

Acceito o offerecimento, até porque não gósto que elle ande só por essa cidade. (*á parte a Augusto.*) Ouves, Augusto? tratta de prevenir Carlota do que ajustámos. Esta noute tudo deve ficar arranjado. Não é assim, meu Augusto? (*affagando-o.*) Ora tu não ha-des deixar ficar mal o teu Eleutherio.

AUGUSTO.

Fallemos claro: levo, ou não levo rasca na assadura? Olha que a tua sorte depende de mim.

ELEUTHERIO.

Sim, meu querido Augusto; tudo quanto quizeres; anda, vai.

AUGUSTO.

Bom! nesse caso, conta que a pequena fica hoje mesmo disposta, e informada de tudo.

SCENA XI.

BARRIGUDO, DOUTOR.

DOUTOR.

(*Batem á porta*) Quem é póde entrar.

BARRIGUDO.

Deus seja nesta casa. Como passou o meu amigo? Sr. Eleutherio, fólgo de ve-lo já empapelado.

DOUTOR.

Bem vindo, Sr. Barrigudo, (*levantando-se*) Estou muito contente com o tal bacharel; parece-me um moço de muito proposito. (*Eleutherio folheando papeis.*)

BARRIGUDO.

Não lhe dizia eu, meu doutor; aquillo é huma joia.

DOUTOR.

Não há dúvida, meu cáro amigo; é bom moço; porem tem certa quezilia, que me desagrada. O' Sr. Barrigudo, porque não lhe diz V. m. que tire aquella catapla ma do chapeo?

BARRIGUDO

Ora Sr. doutor, essa não me parece sua, (*mostra-lhe o chapéo e aponta para o laço.*) Olhe para isto; não vê? Com isto é que nós o comêmos.

DOUTOR.

Então, tambem vou tratar de comprar um laço; que lhe parece Sr. Barrigudo? devo po-lo?

BARRIGUDO.

Sr. doutor, este sobre escripto é muito necessario cá aos da nossa opinião. Vamos porém ao que serve. Apanhei agora hum supplemento extraordinario: isto vem hoje muito bom, é papa fina. (*pucha pelo supplemento*)

DOUTOR. (*esfregando as mãos*)

Sim, vejamos, O' Sr. Eleutherio, chegue-se para cá; e oiça as noticias de hoje.

ELEUTHERIO.

Prompto. (*chega-se.*) Hão de ser boas por fôrça; a fonte é optima.

BARRIGUDO.

Se o é! (*pucha pelos oculos e le.*) « Napó-
» les 12 de Julho. A entrada dos *Estrikios*, foi
» renunciada com *repeniquios* de sinos; salvárão
» as fortalezas, e embarcações *surd is* no porto.
» Os habitantes manifestárão a maior alegria pa-
» ra com os seus libertadores. O espirito público
» é o melhor. Os nossos alliados, querendo dar
» uma decisiva prova das suas boas intenções,
» levantárão uma pequena contribuição de dois
» milhões de ducados.

DOUTOR. (*interrompendo-o*)

E' preciso dinheiro; sim, levárão lá muita gente, que deve ser sustentada pelos habitantes.

BARRIGUDO.

Pois que! (*continuando*) " Mandárão pren-
,, der cousa de sinco mil perversos, que contri-
,, buirão para as ideias *jacobinas*, proclamando a
,, constituição Hespanhola. ,,

Hem, Sr. doutor! que lhe parece? E' bico, ou cabeça? Ah bons tafues dos taes *estrilhos*! elles é que hão de ensinar esta canalha!

DOUTOR.

Oh lá! como canta. Sancta gente, deus os livre de alguma camada de febre amarella.

BARRIGUDO.

Meu doutor, continuemos; oiça este artigo da Galiza que está frisante. " *Fonte-verde* 2
,, de Julho. ,, " A Junta denominada *Apostoli-*
,, *ca* foi constrangida a fugir desta cidade; e
,, consta-nos acaba de se installar em *Tuy*, princi-
,, piando logo os seus trabalhos por um protes-
,, to contra a constituição. ,, (Bem bom!),, A
,, authoridade local julgou dever oppôr-se á se-
,, gunda reunião, e hontem forão presos:....
Presos! patifes sempre são Gallegos; prenderem tam sanctos varões!

ELEUTHERIO.

Eis ahi porque os bons temem de apparecer.

DOUTOR.

Mais claro. Qual será o homem de juizo, que queira fallar, ou escrever na presença de similhantes prepotencias? Basta, Sr. Barrigudo; não leia mais; o redactor asneou ahi nesse artigo.

BARRIGUDO.

Camellou, camellou. Pois olhe é contra o seu costume. Eu tenho este jornal em muito boa conta, é o unico que se póde ler.

DOUTOR.

Isso é verdade; é o unico que escreve bem! os mais, é uma corja sem moral, e sem religião; este, Sr. Barrigudo, este sabe o que diz.

ELEUTHERIO. (*á parte*)

Oh se sabe! Mas ignora o que dizem delle.

BARRIGUDO.

Meu doutor, é preciso trattar agora do util. Tenho certo arranjosinho, que vale a pena.

DOUTOR.

Diga la, Sr. Barrigudo: V. m. sabe que sou seu amigo.

BARRRIGUDO.

Necessito que me acompanhe á casa daquelle meu amigo, o conego. Deus tenha a sua alma em gloria. Espixou como sabe. e é preciso fazer-lhe o testamento para não dar trabalhos aos seus.... coitadinhos.... afilhados,... não sei se me percebe?

DOUTOR.

Optime! Percebo, e mais que percebo. E' justamente uma excellente occasião. Sr. Eleuterio, eu volto ja. Se vier o fiel desses autos de libello crime; diga-lhe que amanhã estão promptos, e que rendem pitança.

ELEUTHERIO.

Póde ir descançado.

SCENA XII.

ELEUTHERIO. *so'*

Augusto, O' Augusto? O maldito, está surdo! Querem Vv. mm. ver que o patife excedeu os podêres da procuração? Augusto, Augusto? O' excommungado, tu ouves?

SCENA XIII.

ELEUTHERIO, AUGUSTO.

AUGUSTO. (*de dentro*)

Eu vou, eu vou, Sr. bacharel; estou na ultima *ademão*; eu lhe fallo.

ELEUTHERIO.

Que tal é o lôgro? O maroto pregou-ma. Estou vendo que me assopra a dama, e eu fico chuchando no dedo como um pateta. Ah patife! eu te irei ao gallinheiro.

AUGUSTO. (*entrando*)

Que diabo de algazarra é esta? Então que temos?

ELEUTHERIO

Oh maldito! não ouvias? Esganei-me, gritei, berrei; e tu, nem palavra.

AUGUSTO.

Ouvi sim; e então que queria? não sabe, Sr. pateta, que estava occupado? Queria ver se arranjava tambem a creada para accompanhar o farrancho.

ELEUTHERIO,

Mais! Chalaça á parte, o caso é serio. O ginja sahiu, e é necessario pôr mãos á obra, e já.

AUGUSTO

Porêm como ha de isso ser? Carlota já está informada de tudo; mas logo me disse que antes da noute era impossivel.

ELEUTHERIO.

Qual impossivel! Aqui não ha tempo a perder, e devemos agora mesmo approveitar a occasião, que tão propicia se nos offerece. Anda, meu Augusto; chama Carlota.

AUGUSTO.

Vamos lá com mais essa, teimos maroteira; e eis-me disposto. Nunca tive coração de dizer que não, principalmente a obras pias. Senhora D. Carlota, senhora D. Carlota? O *papá* chama.

SCENA XIIII.

AUGUSTO, ELEUTHERIO; CARLOTA.

CARLOTA (*de dentro*)

Eu vou, eu vou. (*entrando na scena.*) Então aonde está meu pae?

ELEUTHERIO.

Bella, e adorada Carlota, perdoa a um amante por extremo apaixonado, este innocente estratagema. Sei que teu pae nunca consentirá na nossa alliança; e forçoso será o separar-nos para sempre. Um unico meio resta: é o consentires em seguir-me. Facil então será obter o consentimento de teu pae.

CARLOTA.

Eleutherio, eu amo-te: porém não devo annuir a tal proposta. Conheço os meus deveres; e se os devo infringir para possuir-te, prefiro renunciar a um louco, e inconsiderado amor, que faria o continuo tormento da minha existencia.

ELEUTHERIO.

Ah cruel, e fallas em amor! Tu o desconheces; o amor quando é verdadeiro, não deicha logar a frivolas considerações. Está bem; conheço agora a minha loucura em te ter amado; queres a minha morte? Pois sim, cruel; em breve

a verás; em breve saberás qual foi a triste sorte do mais infeliz dos amantes. (*finge querer partir.*)

CARLOTA.

Eleutherio, por piedade não me atormentes mais. Ouve-me....

AUGUSTO.

Meu amigo, constancia, e valor: não te deiches succumbir. Senhora D. Carlota.... (*fingindo que chora,*) tenha dó delle; o pobre meço vai-se enforcar: ou, pelo menos, deita-se do arco grande abaicho. Ora.... Ora.... por quem é? Faça o que lhe pede o rapaz. Isso e ter um coração de bronze. Eu já não posso,.... (*chorando*)

CARLOTA.

Eleutherio, um cruel pressentimento me deixa preplexa; não sei o que deva fazer. Tu conheces quanto é fragil uma desgraçada mulher, quando tem o infortunio de amar. Confio na tua honra, confio nos teus juramentos. Eis-me disposta a seguir-te, oxalá que algum dia não deva arrepender-me....

ELEUTHERIO.

Adorada Carlota; as minhas tenções são púras. Augusto te accompanhará a casa de minha tia, onde ficarás em todo o recato. Eu escrevo a teus paes; e elles, sabendo da tua fuga, por certo annuirão ao nosso casamento. No entanto convem que te disfarces com um capote, para evitar qualquer encontro.

CARLOTA.

Eu corro a buscar o da minha criada, e volto.

Eleutherio.

(beija-lhe a mão)

Augusto.

Vá, sim, minha senhora; e nada receie do seu Eleutherio, que é mesmo uma pomba sem fel. Alli não ha malicia. Nas nossas empresas Coimbrenses foi sempre o beijinho da patusca.

SCENA XV.

Augusto, Eleutherio, *e depois* Carlota.

Eleutherio.

Augusto, basta de caçoada, que o caso é serio. Gósto da pequena; e ha-de ser minha mulher, dê por onde der.

Augusto.

Pois não; isso ha de ter que ver! ah ah ah! (*rindo*) *go'sto da pequena*: e então das loiras do ginja nada? Hem? Não ajustão a conta, Sr. Eleutherio?

Eleutherio.

Toca a escrever ao ginja: deichemos-lhe a carta sobre esta carteira; e *mo'sca* quanto antes, (*Eleutherio escreve*.)

Augusto.

Approvo a politica; sempre me pareceu bem. O' Eleutherio, não te esqueças de lhe dar algumas boas noticias politicas na carta; consola o tal leopardo com quatro coreandiçes, se quer ao menos faz-lhe a boca doce com essas teleimas, já que lhe azedaste o estomago, empalmando-lhe a pequena. Ei-la que chega. Oh Eleutherio! como vem boa com o tal capote! Oh diabo! estou qua-

sì tentado a tirar-lha do lance. Digão o que quizerem: o tal trastinho do capote é chistoso, e está-lhe a matar: bom, se ha de estar? E' traje nacional, e basta. (*Eleutherio levanta-se, deicha a carta, e aproxima-se. Augusto, olhando, e mirando Carlota.*)

ELEUTHERIO.

Querida Carlota, eu sou o mais feliz de todos os mortaes; permitte que a teus pés....

CARLOTA.

Meu amado Eleutherio, convem não perder tempo, minha mãe não tarda.

AUGUSTO.

Vamos, vamos; nada de demoras.

ELEUTHERIO.

Oh dia venturoso!

AUGUSTO.

Ande, su camello.

SCENA. XVI.

CARANGUEIJA. (*entrando*)

Carlota, Carlota? Onde está o demonio da rapariga? Carlota, Carlota? (*procurando*) Sumiu-se. O' doutor, doutor? Menos. Sr. *traficante charamel*? Sr. *charamel*? Tambem não. Esta, casa está endemoninhada. Ninguem falla, ninguem responde, ninguem apparece. Hui! a porta está aberta! Querem Vv. mm. appostar que estes patetas forão ver as descargas ao Roc'o com aquella corja de tolos, que para lá vão gritar, viva a *construção*, viva o general *Sepulchro*, viva o diabo que os leve. Sim é o que foi... Porém Lapafuncio nunca tal fez na sua vida....

mas quem sabe?... O tal traficante metteu-lhe talvez isso na cabeça; e o doutor perdeu a bola... Não ha que duvidar, é o que foi... São rapazes *azougados*....."

SCENA XVII.

CARANGUEIJA, DOUTOR.

DOUTOR.

Que diabo de bulha é esta, senhora Carangueija? Então que temos? Onde está Eleutherio?

CARANGUEIJA.

Bonita pergunta! Eleutherio fugiu, desappareceu. Em cata delle ando eu; e sem dúvida Carlota seguio-o. Mulheres, mulheres! Sempre se agarrão ao peior. Está visto acceitou as *liberalidades* do tal matotão.

DOUTOR.

Que dizes mulher; Nada, nada: não posso acreditar tal. Eleutherio, que era uma mosca morta, incapaz de quebrar hum prato; um moço tam sizudo, de tam bons sentimentos! Nada, nada; com aquelle não me engano eu. Conheço-os pela pinta; não póde ser; está dito, *(chega-se á cadeira, e põe o chapeu em cima)* Oh lá! uma carta para mim! Vejamos,

(abre, e le)

,, Sr. doutor Lapafuncio Geba Simões da Boa-
,, morte. Sirvão-lhe estas duas regras de desen-
,, gano, e de ensino. Cá me safo com a senhora
,, sua filha, para lhe dar gôsto. — Fingi-me
,, cereunda para lhe cabular a moça. Agora já

,, sou liberal como dantes, e muito ao seu dis-
,, pôr. Desculpe esta pequena logração. Assim
,, quizera eu ensinar todos os corcundas: mas
,, não faltará quem o faça. — Se quizer remediar
,, o negocio, venha dinheiro, e far-se-ha o
,, casamento. — Cá me vou esgueirando com o
,, petisco para a hospedaria da Lacombe. Se se
,, resolver, endireite as costas e appareça! Seu
,, creado-*O Corcunda por amor* "

Ah patief! que me soubeste enrabichar!
Exaqui o que fazem as gazetinhas!

CARANGUEIJA.

Os periolicos ..... os periolicos! — E o outro bregeiro do creado? Apposto que tambem era estudante.

DOUTOR.

Pois você inda o duvida, grandessissima tola? Vamos, vamos; não ha outro remedio; vamos a essa maldita hospedaria. E' preciso casar a rapariga

CARANGUEIJA.

Casá-la! Essa é boa! casá-la com similhante velhaco?

DOUTOR.

Toleirona! Se o matrimonio a esta hora já está consummado; você inda quer demorar os esponsaes?

SCENA XVIII.

DOUTOR, CARANGUEIJA, BARRIGUDO.

BARRIGUDO.

Aqui estão estes feitos, Sr. doutor.

DOUTOR.

Quaes feitos, *su* procurador de causas perdidas; feitos tenho eu cá com que me divertir. Forte maroto me metteu você em casa. Vá-se c'os diabos despachar feitos para o inferno: que eu vou alli aviar uns ao Loureto.

BARRIGUDO.

Pois que é isso?

DOUTOR.

O que é? é o diabo que o carregue. Fugiu a rapariga com o tal patifão do praticante, que sem esperar pelo *accordão*, venceu a demanda, e casou-se. Ah maldita corcunda! agora é que eu fico desempennado. Mas pelo menos, na corcunda da burra não me hade elle metter a plaina.

BARRIGUDO.

Sr. doutor, ôlho vivo com estes liberaesinhos. Não ha melhor petisco para esta canalha, que a disfructa d'um corcunda.

DOUTOR.

Corcunda, sim, corcunda! Não quero se-lo mais: que tenho muito medo aos logros.

CARANGUEIJA.

Sim, meu Lapafuncio, construção, e mais construção.

BARRIGUDO.

Se a rapariga já lhe fez jurar as bases, que lhe hão-de V. mm. fazer?

DOUTOR.

Vamos, senhora Carangueija, antes que se faça mais pública a nossa vergonha. E que risadas, que risadas não terá dado o velhaco á minha custa!

SCENA XIX.

Hospedaria.

Augusto, Eleutherio, Carlota, (*sentados*)

Augusto.

Então que tal foi o moño, que pregámos ao ginja?

Eleutherio.

Augusto, sempre tens vontade de gracejar. Considera o estado de Carlota, e ve quanto soffre a sua timidez; quanto me tem arguido dêste passo.

Augusto.

Ora isso ha-de lhe passar: tudo faz o costume.

Carlota.

Não pense, senhor, que por ter tido a ligeireza de cometter uma imprudençia, eu não saiba quanto devo a mim mesma.

Eleuterio.

Tranquilisa-te bella, Carlota: de ora em diante, serei o amante o mais submisso, e o mais respeitoso. Não tarda que teu pae preste o seu consentimento; e a cada momento espero que... (*batem fortemente á porta*)

SCENA ULTIMA.

Augusto, Eleuterio, Carlota Carangneija, Doutor barrigudo. (*defora*)

Augusto.

Exahi sem dúvida a resposta acompanhada

com artilharia grossa, e cartuxame emballado.
(*continuão batendo*)
Quem diabo está ahi?

DOUTOR.

Abra essa porta, seu patifão, indigno, perfido, traidor; ou bem depresa lhe mostro quem é o doutor Lapafuncio Geba Simões da Boa-morte.

CARLOTA.

Meu pae! estou perdida.

ELEUTHERIO.

Não receies, Carlota; teu pae ha-de attender aos meus peditorios, aos meus rogos ha-de... (*batem com mais força*)

CARANGUEIJA.

Oh filha *matricidia*! Oh filha indigna! Sr. *traficante*, abra a porta, ou grito aqui del-rei.

AUGUSTO.

Esperem, meus senhores; mais prudencia. Ahi vai, ahi vai; eu vou, eu abro já
(*Abre-se; e entrão.*)

DOUTOR.

Com que, filha indigna, é este o fructo da educação, que, te dei? Ex-aqui o que produziu a minha condescendencia criminosa!

CARANGUEIJA.

Nada, nada, meu doutor; vamos embora. vamos buscar a policia para metter esta indigna em um recolhimento: e quanto ao Sr. *traficante*, e á boa joia do criado, ja ja para as galés.

CARLOTA.

Meu pae, minha mãe, a minha conducta,

é verdade, tem sido culpavel; mas a seus pés imploro o perdão. (*ajoelhando*)

ELEUTHERIO. (*ajoelhando*)

A minha conducta para o futuro lhe mostrará o meu arrependimento. Carlota me ama; é para completar a minha felicidade só falta o consentimento...

AUGUSTO.

Ora por quem são, não deichem ficar o rapaz no meio do caminho. Senhora D. Carangueija, olhe para aquella veronica de lamuria; ora abrande essa colera, por quem é.

BARRIGUDO.

Meu doutor, isto não tem outra cura; é preciso remediar o mal, que já está feito; e não sei se me percebe...quanto antes.

DOUTOR.

Levantem-se meus filhos; e de ora em diante, assim lhes chamarei; casem, e sejão felizes, servindo-me de consolação na minha avançada idade. Sr. Eleutherio, eu lhe entrego o meu cartorio: as minhas molestias ja não me permitem uma vida laboriosa. Saibão todos que de hoje em diante, nada mais de corcundices.

TODOS.

Viva o doutor Lapafuncio!

CARANGUEIJA.

E viva a carangueija das infuzas, que se até aqui carangueijou, foi por mais não entender; e protesta séria emenda.

ELEUTHERIO.

Seja este dia consagrado ao prazer: e faça um tal exemplo abrir os olhos a aquelles, que por ignorancia, ou perversidade querem ser

cegos á *verdadeira luz*, e surdos aos clamores da justiça.

BARRIGUDO.

Não ha que defferir. Toca a ser procurador *construcional*, e mesmo dos da gemma. Viva a *construção*! E ficão citados para a primeira audiencia deste juizo todos os que trazem marran, ou marreta *publica*, *ou emcuberta*.

TODOS.

Apoiado, apoiado !!!

Fim do Tomo primeiro.

BRUTO.

TRAGEDIA

DE

M.R DE VOLTAIRE.

BRUTO.

TRAGEDIA

DE

M.R DE VOLTAIRE,

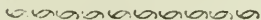
TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES.

POR ***

Naõ fazem damno as Musas aos Doutores,
Antes ajuda ás suas letras daõ;
E com ellas merecem mais louvores,
Que em tudo cabem, para tudo saõ.
Ferreira, Liv. 2. Epist. 2.

Nova Ediçaõ.

LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1821.

Vende-se na loja de Alexandre Monteiro da Silva Pina, Livreiro na travessa d'Assumpçaõ, N. 53, quasi á esquina da Rua do Ouro.

ADVERTENCIA.

Todo o Escripto que induz a nutrir Idéas liberaes, e um Amor de preferencia pela Patria he digno da leitura de um Povo livre, da leitura dos Portuguezes. A Tragedia de Bruto nos mostra a que ponto de enthusiasmo chegou a famosa Roma ciosa da sua liberdade: alli se vê callar-se a natureza, suffocando o amor Paternal para se ouvir unicamente a voz do interesse publico: mas por isso he que o tempo, que naõ perdoa aos marmores, e bronzes, respeitou o nome d'aquella que chegou a dar Leis ao mundo. Se substituirmos ás declamações contra a Realeza outras tantas exprobrações contra o despotismo, a superstiçaõ, e a ignorancia, a Tragedia de Bruto se tornará um modelo dignissimo de ser imitado por quem, reconhecendo os direitos do homem, protesta antes morrer livre do que viver escravo. Esta bellissima traducçaõ se acha nesta edicçaõ corregida de varios erros. Oxalá que os Portuguezes, respeitando o seu Rei Constitucional, e a Patria, tenhaõ a virtuosa ambiçaõ de surpassarem os antigos Romanos no afferro á sua Constituiçaõ Politica, que os pode, e deve immortalisar.

O Editor.

A C T O R E S.

BRUTO, VALERIO, } Consules, de Roma:
ARONTE, Embaixador de Roma:
ALBINO, seu Confidente:
MESSALA, Cidadaõ Romano:
PROCULO, Tribuno Militar:
TULLIA, Filha de Tarquinio:
ALGINA, sua Confidente:
SENADORES:
HUM ESCRAVO:
LICTORES.

A SCENA HE EM ROMA.

O Theatro representa huma parte das casas dos Consules, sobre o monte Tarpeio; o Templo do Capitolio se vê no fundo; os Senadores estaõ sentados em semicirculo, entre a casa, e o Templo, diante do Altar de Marte: os Lictores de pé, e com as fasces: Bruto, e Valerio presidem á Assemblea.

BRUTO.

TRAGEDIA DE M.R DE VOLTAIRE.

ACTO I.

SCENA I.

BRUTO, VALERIO, E O SENADO ROMANO.

BRUTO.

Senadores, que haveis exterminado,
D'entre nós os Tyrannos; que naó tendes,
Mais do que nossas leis, vossas virtudes,
De Numa as Divindades por Monarchas;
Nosso inimigo em fim já principia
A conhecer quem somos. Esse Etrusco,
Que orgulhoso até agora nos fallava,
Sempre com voz de imperio; esse Porsena,
Formidavel apoio de Tarquinio,
Tyranno Protector d'outro tyranno,
Cujas tropas do Tibre as margens cobrem,

A

Já sabe respeitar este Senado,
E já d'hum povo livre o poder teme:
Humilhando ante nós sua soberba,
Por hum Embaixador hoje vos roga,
Que sobre amiga paz queiraes ouvillo:
Aronte, que em seu nome vos envia,
Ao Senado Romano audiencia pede,
E no proximo Templo retirado,
Vossa resposta espera: cumpre agora,
Que decidaes vós outros, se devemos
Ouvir sua embaixada, ou despedillo.

VALERIO.

Sejaõ quaesquer que forem seus officios,
A pezar dos partidos vantajosos,
Que nos venha propôr, he necessario
Enviallo ao seu Rey, sem dar-lhe ouvidos.
He este o voto meu. Roma só trata
Com inimigos rotos He verdade,
Que Tito, filho teu vingando a Patria,
O Tyranno da Etruria, em dois encontros,
Já rechaçado tem: quanto se deve
Ao seu grande valor assaz conheço:
Imitador fiel do teu exemplo,
Os Romanos salvou, porém naõ basta:
Ainda Roma vê suas campinas
Cercadas dos tyrannos, que aborrece;
Cumpra Tarquinio as ordens do Senado;
Banido, pelas leis, longe se afaste
Das terras deste Imperio; naõ infeste
Com seu culpado aspecto as nossas raias;
Quando nos obedeça poderemos
Prestar ás suas supplicas ouvidos.
Este de Embaixador plausivel nome

Vos tem feito impressaõ, Tarquinio astuto,
Naõ podendo vencer, quer enganar-nos.
O Embaixador d'hum Rey sempre m'assusta;
Vejo nelle hum imigo disfarçado,
Com hum titulo honroso, que, ou soberbo,
Vem dentro em nossos muros insultar-nos,
Ou tramar, com ardil, traições impune.
Acautela-te, ó Roma, naõ escutes
Sua voz seductora: saõ-te estranhas
De enredadora intriga as subtis artes;
Sabes só combater; e assim sem susto,
Confunde huns inimigos, que indignados
A tua gloria supportar naõ podem;
Os Tyrannos castiga, ou cahe por terra;
Eis aqui os tratados, que te restaõ.

BRUTO

Roma toda bem sabe, até que ponto
Da sua liberdade o amor me abraza;
Temos o mesmo espirito; com tudo,
Do voto, que tens dado, o meu differe,
Eu contemplo, Valerio, esta Embaixada,
Em nome de Soberanos dirigida,
Como a primeira mostra de homenagem,
Que aos Cidadãos Romanos se tributa,
Vamos acostumando, desde agora,
O despotico orgulho dos Monarchas,
A tratar, como igual em Magestade,
A Republica nossa; até que assome
Hum dia finalmente em que dos Deozes
Cumprindo-se os decretos, Roma os trate,
Como Monarchas naõ como vassallos.
Aronte, como espia, vem de Roma,
Examinar o estado vacillante;

As bases descobrir, em que se estriba
A recente grandeza, a que se eleva;
O seu genio sondar, sondar-lhe as forças:
He por isto que eu julgo necessario,
Se lhe facultе, logo, franca entrada:
O soberbo inimigo do Senado
Conhecerá quem somos: esse escravo,
D'hum Rey agora, em fim, venha ver homens:
Veja Aronte o seu gosto, observe tudo;
Estenda os olhos seus por toda a Roma;
Achará Roma em vós; vós sois seus muros:
Venha, e respeite o Deos, em cujo nome
Congregados estamos: appareça
Diante do Senado; escute, e trema.

Os Senadores se arranjaõ todos da parte de Bruto.

VALERIO.

O Senado o teu voto approva, e segue;
Roma, e Bruto assim manda; e eu constrangido
Subscrevo a dicizaõ. Hide, Lictores,
Parti a conduzillo. Aos Ceos apraza,
Que naõ seja fatal para os Romanos
Apresença, de Aronte.

BRUTO.

Roma inteira.
Em ti só tem agora os olhos fitos:
Tu has sido o primeiro, que rompeste,
Da nossa escravidaõ os duros ferros;
Toma pois a teu cargo o defenderes
Da nossa liberdade a grande causa,
Como Bruto he seu pay; falle em seu nome.

SCENA II.

Entra Aronte, precedido de Albino, e dos Lictores: corteja os Consules, e Senado, e se assenta em hum lugar, Que lhe estará preparado na frente do Theatro.

ARONTE, ALBINO, E OS PRECEDENTES.

ARONTE.

Consules, e Senado, que doçura,
Sinto ao ver-me n'hum ajuntamento,
Que de inimigos sabios he composto;
Ao ver tantos heroes, que sempre inteiros
Hum só erro até agora commeteraõ,
De que possaõ sentir n'alma remorsos!
Quanto, quanto me he grato neste dia,
Tendo sido no campo testemunha
Do vosso grande esforço, vir com pasmo
Presenciar aqui vossas virtudes;
E poder finalmente ouvir agora,
Pella boca de Bruto, a voz de Roma.
Longe da confusaõ, e do tumulto
Desse barbaro povo, povo indocil,
Aquem une o furor, separa, e guia,
Cego no seu amor, cego em seu odio,
Que ora manda, ora serve, agora ameaça,

E pouco depois treme; que arrogante,
Com soberba, ousadia....

BRUTO.

Aronte, espera;
E sabe que tratar he necessario
Romanos Cidadaõs com mais respeito:
A gloria que o Senado mais estima
He de representar a auctoridade
Do justo povo, que insultar te atreves:
Pōem de parte entre nós arte, e lisonjas:
Este subtil veneno, que na Corte
De Etruria se prepara, naõ tem ainda
inficionado a Curia dos Romanos.
Podes continuar.

ARONTE.

Sentindo menos
Esse altivo discurso que as desgraças,
A que o Romano Estado vejo exposto,
Voo, como seu filho, em seu socorro:
Vós vedes a medonha tempestade,
Que por todos os lados vos rodea:
Cança-se Tito em vaõ por desvialla;
O seu grande valor, seu fiel zelo
Só servem de fazer (com magoa o digo)
Mais pomposo, e brilhante o vosso estrago;
Sua mesma victoria está taõ longe
De augmentar-vos as forças, que ao contrario
O derramado sangue, de que Tito
Inundou vossos muros, me parece
Minar-lhes surdamente os alicerces.
Ah! Naõ mais recuseis a paz precisa.
Se este grande Senado he Pay de Roma,
Dos Reys, que perseguis he Pay Porsena.

Mas vós, que respeitados; e temidos
Sois do nome Romano os víngadores;
Vós, que julgais da sorte dos Monarchas,
E que sois dos direitos dos humanos
Illustrados interpretes, lembrai-vos
Do sagrado lugar, em que vos vejo.
Eis alli o soberbo Capitolio:
Eis o tremendo altar, onde invocando
Os Deozes immortaes por testemunhas,
Eu vos vi n'outro tempo jurar todos,
Inflamados de hum zelo bem diverso,
Ao vosso Rey Tranquinio fé constante.
Que Deozes pois mudáraõ dos Monarchas
Os sagrados Direitos? ou que forças
Tem podido romper taõ santos laços?
Que temeraria maõ arrancar ousa
Da frente de Tarquinio a Regia Coroa?
Quem, quem ha que podesse desligai-vos
Dos juramentos vossos?

BRUTO.

Elle mesmo.

Naõ te lembres, Aronte, desses laços,
Que seu crime rompeu, das Divindades,
Que impiamente ultrajou; nem dos direitos,
De que elle proprio a si se ha despojado.
Quando por vosso Rey o recebemos,
Juramos ser fieis, e naõ escravos.
E já que te recordas de ter visto
O Senado a seus pés aqui prosrrado,
Mandando ao Ceo por elle ardentes votos;
Naõ te esqueça tambem; foi aqui mesmo
Diante destas aras, destes Deozes,
Que elle fez juramento de ser justo.

Taes de Traquinio, e Roma os laços eraõ.
Logo que elle quebranta o juramento,
Do nosso nos absolve, e na mesma hora,
Em que ousa ser traidor ás leis de Roma,
Roma deixa de ser subdita sua;
E Tarquinio somente he que he rebelde.

ARONTE.

Inda quando, o Senado, fora certo,
Que Tarquinio excedesse as justas raias,
Do Supremo poder, e que o brilhante,
Esplendor do Diadema o deslumbrasse;
Qual de vós, me dizei, jámais tem visto
Monarcha sem fraqueza, homem sem erro,
Quem vos deu o poder de castigallo,
A vós, que sois seus subditos, nascidos
Para cumprir fieis os seus Decretos?
Jámais castiga hum filho a hum Pay culpado,
Do criminoso aspecto affasta os olhos,
Triste o lamenta, e respeitoso o adora.
Os Direitos dos Reys naõ valem tanto:
Nós somos os seus filhos, e na terra
Julgallos ninguem póde; aos Deozes toca.
Se alguma vez colerico, irritado
O Ceo, em vez de hum Rey, cria hum tyranno,
Devemos suportallo, trabalhando
Por merecer do Ceo, que nos naõ mande
Algum dom mais funesto, Ha! naõ, naõ vades
Calcar perfidamente as leys mais santas,
A' sombra do pretexto de vingallas;
Nem, em vez de mudar-lhe a forma antiga,
Appresseis a ruina deste Imperio.
Pelas suas desgraças instruido,
Que saõ do mundo todo o melhor mestre,

Aprenderá Tarquinio a ser mais justo,
A ser digno de vós, digno de Roma.
Vós podeis enlaçar ditosamente
C'os direitos do Povo os do Monarcha,
E conseguir que em Roma inda floreça
A liberdade pública, abrigada
Do Monarchico mando, á sacra sombra.

B R U T O.

Naõ, Aronte, he já tarde: cada Povo
Tem suas proprias Leys, ou derivadas
Da sua natureza, ou que elle muda,
Como melhor lhe apraz. Da Etruria os Povos
Escravos dos seus Reys, e Sacerdotes,
Ter nascido parecem destinados
Para viverem sempre ao jugo prezos;
Adorando felizes os seus ferros,
Quereriaõ tambem, que o mundo inteiro
Fosse igualmente escravo: a Grecia toda
Respira em liberdade, e a molle Jonia
Opprimida d'hum jugo aborrecido,
De dia em dia as suas forças perde:
Roma teve Monarchas; he verdade,
Porém despostas naõ: Romulo mesmo
Entre os seus Cidadãos era o primeiro;
Com elles da Suprema auctoridade,
O pezo repartia; e o proprio Numa,
Auctor das nossas leys foi-lhes sujeito,
Roma em fim, naõ o nego, errou o arbitrio,
Quando foi escolher d'entre os Toscanos,
Dentre vós os seus Reys, que nos trouxeraõ
Lá do fundo da Etruria corrompida
Com os vicios da Corte a tyrannia.

(*Levanta-se.*)

Perdoai, grandes Deozes, se os Romanos
Tardáraõ tanto tempo sem ousárem
A condemnar Tarquinio: o puro sangue,
Em que as mãos homicidas tem banhado,
Da nossa escravidaõ os ferros quebra:
Todo o Povo Romano, que gemia,
Debaixo de hum pezado, ferreo sceptro,
A' força de desgraças finalmente,
Sua virtude antiga recupera.
Outra vez nos tornou Tarquinio mesmo
Ligitimos direitos, que eraõ nossos;
E do barbaro excesso dos seus crimes,
Tem nascido o bem público de Roma.
Se algum dia os Etruscos se cançárem
Da pezada oppressaõ dos seus tyrannos,
Podem aproveitar o nosso exemplo.

(*Os Consules se chegaõ para o altar, e o Senado se Levanta.*)

O' Marte, Deos d'heroes, e das batalhas,
Deos protector de Roma, que combates
Sempre em nosso favor, e nos defendes;
Sobre as tremendas aras sacro-sanctas,
Recebe os juramentos, que te fazem
Teus dignos filhos, o Senado e Povo.
Se no seio de Roma, por desgraça,
Algum perfido houver, que com saudade
Se recorde dos Reys, e que deseje
Tornar segunda vez a ser escravo,
De tormentos cercado o traidor morra;
E a cinza criminosa, solta aos ventos,
Hum nome entre nós deixe mais odioso.

ARONTE.

(*Chegando-se ao Altar.*)

Eu sobre as mesmas aras profanadas
Juro em nome do Rey, que abandonastes,
Em nome de Porsena, que o protege,
A vós, e a vossos Filhos guerra eterna.

(*O Senado dá alguns passos.*)

Demoraivos, Senado: inda me restaõ
Por dizer outros muitos attentados,
Que commettido haveis: Por que motivo
A filha de Tarquinio em vossos muros,
Captiva demorais? E sem respeito
As suas Regias maõs prendeis em ferros,
Para insultar seu Pay, e os Reys da terra?
Que digo! Esses Thesouros, e riquezas,
Que com prodiga maõ sempre espalháraõ
Os Tarquinios em Roma, seraõ vossos
Por direito da guerra, ou vo-los deraõ?
Destronado tereis vosso Monarcha,
A fim de lhos roubar? Fallai Romanos;
E se a vossa ousadia chega a tanto,
Mandai que em vosso nome Bruto os negue.

BRUTO.

Mal conheces a Roma, e mal seu genio:
Estes Pays dos Romanos, vingadores
Severos da justiça, encanecêraõ
No regaço da purpura, e pobreza,
Fazendo baixa estima dos thesouros,
Que sem pezar te cedem, tem por gloria,
Subjugarem os Reys, que em ouro abundaõ.
Recebe pois, Aronte, essa riqueza,
Para nós despresivel Do Tyranno
A desgraçada filha ao meu cuidado,

O Senado entregou, inda a despeito,
Da mortal aversaõ, que nutro n'alma,
Contra toda a familia de Tarquinio:
Ella na minha casa naõ recebe
Os obsequios servis, e lisonjeiros,
Que dos Principes moços envenenaõ
Os brandos corações; alli naõ acha
Avoluptuosa pompa, o molle fasto,
Que na estragada Côrte dos Tarquinios
Os seus incautos annos corrompia.
Mas naõ lhe tem faltado aquellas honras
E respeitoso trato, que se devem
A' sua idade, sexo, e mais que tudo,
Aos infortunios seus. Já desde agora
Pode Tullia ausentar-se em liberdade,
Pode hir para seu Pay; ninguem a estorva;
Antes meu coraçaõ com sua ausencia
D'hum secreto prazer sinto inflamar-se;
Aos tyrannos só fique em nossos muros
A colera do Ceo, odio de Roma:
E para que transportes ao teu campo
Esse ouro, que lá deve conduzir-se,
Hum dia, se te apraza; he quanto basta;
Entre tanto terás na minha casa
Hum asilo seguro, onde sem susto,
Gozarás dos direitos da hospedagem.
Eis-aqui tudo quanto este Senado
Te manda annunciar por minha boca:
Hoje mesmo a Porsena levar podes
Com a minha resposta, viva guerra,
E contar francamente ao Rey Tarquinio
Quanto viste na Curia dos Romanos:
E nós vamos d'aqui ao Capitolio

Enramar as abobedas sagradas
Do louro, que a meu filho a frente adorna:
Dos seus muros soberbos se pendurem
As armas, e os tropheos ensanguentados,
Que aos Toscanos ganhou feliz seu braço:
Oxalá que o meu sangue de vós digno,
Cheio do mesmo esforço em toda a idade,
Possa por vós obrar iguaes serviços.
Protegei sempre assim, benignos Deozes,
Contra os nossos tyrannos inimigos,
Consulado do Pay, armas do Filho.

SCENA. III.

A scena representa huma sala da Caza de Bruto proxima ao Capitolio.

ARONTE, E ALBINO.

ARONTE.

Tens, Albino, observado esta soberba,
Este genio inflexivel d'hum Senado,
Que invencivel se crê, e que invencivel
Sem duvida será, se acaso Roma
Tiver tempo bastante, com que possa
Arraigar esta intrepida ousadia
Nos peitos de seus filhos? Crê-me, amigo,
A liberdede, que os mortaes adoraõ,

Que eu mesmo prézo, e que roubar lhe intento,
Inspira aos homens todos tal esforço,
Huma grandeza tal, qual elles mesmos
Jamais dentro em si proprios achariaõ,
Quando em Roma os Tarquinios imperavaõ,
A escravidaõ: e a Côrte effeminava
Os costumes do Povo, elle abatia
O natural valor: os seus Monarchas
Em continuos cuidados, trabalhando
Por sopear o orgulho dos vassallos,
Da Etruria a feliz paz naõ pertubavaõ:
Mas se o fero Senado, em fim, consegue
Fazellos dispertar do seu lethargo,
Se Roma livre fôr, perdeo-se a Italia.
Estes bravos leões, cuja fereza
Fóra pelos seus Reys domesticada,
Tornando á natural ferocidade,
Vaõ cahir sobre nós com furia horrenda:
Suffoquemos nas ondas do seu sangue
A semente fecunda, que, a seu tempo,
Ha de os males brotar da nossa Italia,
As desordens brotar do mundo inteiro.
Da Escravidaõ a terra se liberte;
E lancemos a Roma os mesmos ferros,
Que ao resto dos mortaes Roma prepara.
Que he feito de Messala; Esperar posso,
Que se affoute a falar-me nesta casa?

A L B I N O

Elle, Senhor, naõ tarda: livre entrada
Se lhe permitte aqui; Tito o protege.

A R O N T E.

E tu já lhe falaste; Crês, que possa
Contar com seu soccorro?

ALBINO.

Se eu naõ erro,
Messala, contra Roma conspirando,
Leva em vista mudar sua fortuna,
Importando-lhe pouco o bem do Estado:
Elle constancia tem, tem affouteza,
Como se honra, ou se amor da Patria sua,
O generoso peito lhe esforçára:
Senhor do seu segredo, e de si mesmo,
Impenetravel he nos seus projectos;
E inda quando mais arde em furia aceso,
Mostra serena paz, no falso aspecto.

ARONTE.

Esse mesmo conceito formei delle,
Quando em Roma, imperando inda Tarquinio,
Pela primeira vez pude falar-lhe:
Suas cartas depois.... Mas elle chega.

SCENA IV.

ARONTE, ALBINO, MESSALA.

ARONTE.

Generoso Messala, firme apoio,
Em que o teu Rey confia, que me dizes?
De Tarquinio os riquissimos thesouros,
Os dons do meu Monarcha naõ podéraõ,
Despertar a cobiça do Senado,

Tentar a fé Romana. D'huma Côrte,
Os suaves deleites, attractivos,
Esperança, ou temor, nada em fim pode
Nos duros corações abrir-lhes brecha?
Será cada Patricio hum Deos tremendo.
Que julga dos mortaes, e que os naõ teme?
Saõ elles de paixões; de vicio isentos?
A's vozes d'ambiçaõ todos saõ surdos?

MESSALA.

Tal se julga o Senado, e assim se gaba:
Porém esta inteireza simulada,
Esta severidade incontestavel,
He nos seus corações imperioso
Ambiçaõ de reinar, e naõ virtude.
Sua feroz soberba piza, calca
A soberba do sceptro; hum jugo quebraõ
Para por suas mãos outro tecerem:
Pretextando vingar a liberdade,
E para defendella sempre armados.
Saõ della os mais tyrannos oppressores;
Chamaõ-se Pays do Povo, seus patronos;
E á sombra destes nomes seductores
Procedem, á maneira de Monarchas.

ARONTE.

E naõ ha entre vós hum varaõ sabio,
Que em silencio deteste a indignidade
De taõ vil servidaõ?

MESSALA.

Raros conhecem
O seu misero estado: allucinados
Esta grande mudança os enfatua:
De Roma o Cidadaõ mais vil, e abjecto
No seio da miseria, quando pensa

Que os seus Reys destronou, Rey se acredita;
Mas eu por minhas cartas já te disse
Que em Roma tenho amigos, que indignados
Soffrem com impaciencia o novo jugo;
Que naõ deixaõ guiar-se pelos erros
Dos Povos imbecis, e que no meio
Da rapida corrente immoveis ficaõ;
Homens de experiencia consummada,
Cuja cabeça, e braços foraõ feitos
Para fazer a sorte dos Imperios.

ARONTE.

E que posso esperar d'homens taõ bravos?
Seguiraõ do seu Principe o partido?

MESSALA.

Promptos a tudo estaõ; he teu seu sangue;
Mas naõ presumas, naõ, que como escravos
Vaõ servir cegamente a hum amo ingrato:
Nenhum delles fanatico brasona
De immolar-se ao furor do despotismo;
Nem d'hum zelo insensato arrebatados
Hiraõ expor-se á morte, sem mais lucro
Que vingarem a causa d'hum tyranno,
Que até mesmo os seus nomes desconheçe:
Tarquinio tem-lhes feito altas promessas,
Mas logo que subir ao throno antigo
Se esquecerá de todas; ou (quem sabe)
Os temerá talves. Assaz conheço
A conducta dos Grandes: na desgraça
Mostraõ-se amigos, na fortuna ingratos,
Logo depois de ingratos inimigos:
Somos da gloria sua, em todo o tempo,
Hum servil instrumento, que desprezaõ
Com fria indifferença, em sendo inutil

E sem piedade alguma o despedaçaõ,
Quando temem lhe seja perigoso.
Com certas condições, a quanto ordenas
Promptos nos has-de achar: o que pedimos
He do nosso valor hum digno chefe,
Cujo nome sómente conter possa
Os animos d'hum Povo incerto, e vario:
Hum chefe de poder taõ respeitavel,
Qne inda mesmo depois d'ampla victoria
Possa obrigar o Rey a que nos cumpra
Fielmente as promessas, que tem feito;
Ou se a nossa tençaõ fôr descoberta
Hum intrepido chefe, que nos vingue.

A R O N T E.

Pois tu naõ me escreveste, e me a affirmaste
Que era Tito....

M E S S A L A.

De Roma he Tito o amparo,
Tito de Bruto he Filho; e a pezar disto.....

A R O N T E.

Com que aspecto vê Tito as injustiças?
Com que tem premiado os seus serviços
O Soberbo Senado? Roma deve
A Tito a liberdade, e ainda assim mesmo,
Nem todo o seu valor póde alcançar-lhe
Do Consulado as honras: sei de certo
Que se lhe tem negado.

M E S S A L A.

Que murmura,
Tambem eu sei, Senhor, seu genio altivo
Está mui resentido desta injuria:
De taõ bellas acções em recompensa
Conseguio taõ sómente huns vaôs aplausos,

Hum esteril, e frivolo triumpho,
Hum brilhante esplendor de pouca dura.
Eu tenho, de mui perto, contemplado
Da sua alma elevada os sentimentos,
E o fogo do furor, em que se abraza,
Heroe moço, que trilha, ha pouco tempo,
Os caminhos da gloria, como cego
Marcha por esta estrada, e facilmente
Podem extraviallo da carreira:
A mocidade fervida impetuosa
He facil de enganar, porém primeiro
Que grandes prejuizos naõ teremos
De arrancar-lhe da idéa? Roma, hum Consul,
Hum Pay, o odio aos Reys, o horror á infamia
E sobre tudo, em fim, suas victorias:
Sabe pois quem he Tito; entra em sua alma;
Conhece a indignaçaõ, que o desespera,
E o secreto veneno, em que se abraza:
Morre de amor por Tullia....

A R O N T E.

Isso he posssivel?

M E S S A L A

Do fundo do seu peito, a muito custo,
Pude arrancar, Senhor, este segredo:
Deste amor Tito mesmo se envergonha;
A sua alma indomavel naõ se atreve,
Nem mesmo a dizer que ama: até medroso
Recea ser sensivel, e na luta
De taõ grandes paixões, que a alma lhe agitaõ,
O furor de ser livre abafa todas.

A R O N T E.

Que, Messala? o destino dos Romanos
Neste dia a pezar dos meus esforços

Penderá das paixões, e sentimentos
D'hum unico mortal? Naõ desmaiemos;
He necessario, Albino, que te apromptes
Para marchar ao campo de Tarquinio;
E nós vamos ao quarto da Princeza:
A Longa experiencia dos meus annos
Algum conhecimento me tem dado
Dos coraçóes humanos; ler espero
No fundo da sua alma: talvez Tullia
Teça com suas maõs o fiel laço,
Em que espero hoje ver cahida Roma.

ACTO II.

SCENA I.

TITO, E MESSALA.

MESSALA.

Hum sensivel amigo muito offendes.
Quem do segredo seu me diz metade,
Diz-me muito, e diz pouco; duvidosa
Suspeita a minha fé, e me injuria.

TITO.

Deixa de criminar-me: toda inteira

A' tua fé minha alma se abandona.

MESSALA.

Que, Senhor? tu que dantes pesaroso
Comigo em liberdade, te queixavas
Do rigor inflexivel do Senado;
Tu, que tens derramado no meu peito
O Segredo maior, que Roma teve,
E de hum heroe as lagrimas queixosas;
Como possivel he que tanto tempo
Em silencio até agora conservasses
Hum mais pungente mal, dor mais sensivel?
O Teu amor me encobres com cautela?
Tanto imperio terá dentro em tua alma
A violenta ambiçaõ, que abafar possa
Taõ caros sentimentos? A repulsa,
Que o Senado te fez, he dos teus males
O que mais te atormenta. Por ventura
Aborreces-lo mais do que amas Tullia?

TITO.

Eu aborreço muito; eu amo muito;
Sou extremoso em tudo; naõ o nego:
O meu erro conheço, e desejára
Meu triste coraçaõ poder vencer-se.

MESSALA.

Mas para que, Senhor, abres tu mesmo
Com tuas proprias mãos tuas feridas?
Para que he encobrir o amor, em que ardes;
E naõ tuas injurias?

TITO.

Ah! Messala;
Que queres tu que eu faça? Inda a despeito
D'aversaõ, que lhe tenho, a todo o risco
A minha vida expuz, vertí meu sangue

A favor de hum Senado, que me inveja:
Tu bem o sabes, sim, por que o teu braço,
Teve em minhas victorias grande parte:
De mim grato prazer se apoderava
Ao falar do meu nome, e gloria minha:
Meu coraçaõ vaidoso dos tirumphos,
Que o meu valor ganhára, reputava
Por huma grande acçaõ servir a ingratos:
Facilmente fallamos das desgraças,
Quando o nosso valor dellas triumpha;
Porém fallar de acções, que nos infamaõ,
Quanto, charo Messala, quanto custa!

MESSALA.

Mas que grande pezar, que infamia he essa?
Quaes saõ os sentimentos da tua alma,
De que deva jámais corar teu rosto?

TITO.

De mim proprio, Messala, me envergonho:
Corro-me de hum Amor, que he temerario,
Vaõ, imprudente, e ao meu dever opposto.

MESSALA.

Pois ambiçaõ, Amor, e os seus transportes,
Saõ indignas paixões das almas grandes?

TITO.

Sim, amigo; ambiçaõ, ira, ternura
Tudo me opprime pois. O grande orgulho
Dessa Curia de Reys insupportavel
Faz dos meus verdes annos baixa estima;
E me nega hum lugar, que o meu esforço
Tinha solicitado, e que era a paga,
Que ao meu sangue espalhado se devia.
No meio do furor, que me transporta,
Perco tambem o objecto, que mais amo;

Roubaõ-me Tullia, ah Ceos! roubaõ-me Tullia!
Ah! Que cego furor! Misero Tito,
Tu naõ tinhas ousado pertendella,
E ao furor do ciume assim te entregas!
Naõ o posso encobrir; o grande fogo,
Que eu podéra até agora tanto tempo
Dentro d'alma abafar desesperado
Levanta viva chama, quando estava
A ponto de apagar-se, e me naõ deixa
Esperança alguma de apagallo hum dia.
Tudo estava, Messala, concluido;
Auzentava-se Tullia; o teu amigo
Do seu funesto amor já triumphava;
Restaurava os direitos, que perdêra;
Rompia os seus grilhões, naõ era escravo;
Mas o Ceo por ventura assignalado
Teria ao meu valor esta baliza?
Eu o filho de Bruto, que foi sempre
Inimigo dos Reys, aceitaria
Da Filha de Tarquinio as Leys em Roma?
E até mesmo recusa a ingrata impôr-mas;
Tito em fim, desprezado em toda a parte,
Comsigo a toda a parte o opprobrio leva.
O furor, a vingança, amor, vergonha,
Saõ as fortes paixões, que huma apoz outra
Dos revoltos sentidos se apoderaõ.

MESSALA.

Poderei sem receio, em liberdade,
Descobrir-te, Senhor, meus sentimentos?

TITO.

Sempre dos teus conselhos a prudencia
Eu tive em grande preço; falla, amigo,
Faze-me envergonhar, lança-me em rosto

Meus loucos desvarios.

MESSALA.

Pois attende.

Aprovo o teu amor, e naõ crimino
O teu resentimento. Por ventura
Necessario será que sempre Tito
Autorise hum Senado de tyrannos,
Cuja féra altivez nos torna escravos.
Ah! Se tu deves hoje envergonhar-te,
Naõ he do teu amor, he da paciencia,
Com que tens supportado estes soberbos:
Do teu honesto amor, em recompensa,
Em premio das victorias, que alcançaste,
Te verei feito victima da Patria,
Consumir os teus dias desditosos;
Obscuro Cidadaõ, sem dignidade,
Amante desesperado, supportando
Desprezos da Princeza, por quem morres?
Ultrajes do Senado, que proteges?
Quando talvez huma alma como a tua,
Poderia vingar-se do Senado,
E conseguir de Tullia o terno affecto.

TITO.

Com que falsa esperança lisonjeas
Minha alma perturbada. Por ventura
Eu dobrar finalmente poderia
O seu odio, ou virtude? Naõ, amigo,
Naõ fallemos em tal: assaz conheces
As barreiras fataes, que levantáraõ
Nosso dever, e Pays entre nós ambos:
Igual ao meu amor he neste dia
Sem duvida o seu odio: e com effeito,
Tullia vai já partir?

MESSALA.

Sim, hoje mesmo.

TITO.

Naõ murmuro do Ceo, faz-lhe justiça,
Elle para reinar criado a tinha.

MESSALA.

A Tullia o Ceo propicio destinava
Outro imperio, talvez mais agradavel,
Se naõ fora a soberba do Senado:
Esta guerra feliz se tu naõ foras,
(Perdoa-me, Senhor,) tu bem conheces
A sua grande herança qual seria.
Seu Irmaõ já naõ vive, e Roma toda
A Tullia pertencia. Eu me arrebato
Talvez a hum grande execesso; mas adverte,
Que se, para fazer-te affortunado,
Naõ for preciso mais que a minha morte,
Se todo o sangue meu . . . . .

TITO.

Ah! Naõ amigo;
O meu dever somente he quem me rege:
Hum mortal, que de amor arrasta os ferros,
Apenas queira, he livre; o seu veneno,
He verdade, Messala, eu to confesso,
Turbou minha razaõ alguns momentos:
Porem hum coraçaõ affeito ás armas
D'huma branda paixaõ sabe livrar-se:
Por sermos fracos he que amor he forte.

MESSALA.

Aronte para aqui já se encaminha:
Esta honra singular . . . . .

TITO.

Que honra funesta!

Aronte que me quer? Que vem dizer-me?
Elle me rouba Tullia. Aronte acaba
De fazer desgraçados os meus dias.

SCENA II.

TITO, ARONTE, E MESSALA.

ARONTE.

Depois de inutilmente haver tentado,
Ante o Senado vosso, quanto pude,
Para o salvar da proxima ruina;
Permitte-me, Senhor, que tributando
Devidas homenagens á virtude,
Admire, em liberdade, o illustre esforço
D'hum braço, que hoje vinga a patria sua,
E que a suspende á borda dos abismos,
Em que o mesmo Senado a precipita.
Quanto, quanto, Senhor, eras mais digno
D'outra mais justa causa! Que diversa
Fora do teu esforço a recompensa,
Se no Serviço d'outrem delle usaras!
Ha Reis, ha Reis no mundo, (ouso affirmallo)
Que a sorte dos seus Reinos entregado
Nas tuas mãos teriaõ, sem temerem
As virtudes, que em ti os Reis admiraõ,
De que Roma se espanta, e que o Senado

Com ciume te inveja. Enternecido
Me condoo de ti, quando te vejo
Servir hum Senhor duro, insupportavel,
Que do merito alheio se enfurece,
E que ingrato naõ deixa commover se
Dos mesmos beneficios, que recebe;
Hum Senhor, que nascido para escravo,
Com fraqueza cobarde, tem por honra
Carregar sua maõ pesada, e dura
Sobre os mesmos, que o jugo lhe quebráraõ;
Hum Senhor, que se acaso naõ tivera
Usurpado os direitos do diadema,
Deveria de ti aceitar hoje
Aquellas mesmas Leis, que delle aceitas.

TITO.

Teu cuidado agradeço, e das bondades,
Com que tanto me tens lisonjeado,
Os motivos respeito: Eu naõ pertendo
Agora examinar, se com destreza
Pensa a tua politica servir-se
Dos meus grandes desgostos para armar-me
Contra a minha Republica, arrastando
Com arte lisonjeira as minhas iras
As fataes imprudencias, que costumaõ
Acompanhar da colera os furores.
Poupa os vãos artificios, com que intentas
Sorprender minha nua singleza:
Meu coraçaõ aberto nada encobre:
O Senado me ultraja, e sei que tenho
Para ter-lhe aversaõ motivo justo;
Com effeito lha tenho; mas meu braço
Prompto sempre estará para servillo.
Quando o publico bem nos chama ás armas,

Roma extingue nos peitos de seus filhos,
Qualquer particular resentimento.
Triumphando primeiro de nós mesmos,
Reunidos marchamos ao combate,
Tendo só por imigos os Toscanos:
Eis aqui qual eu sou, e qual ser quero;
Ou seja por grandeza, ou por virtude,
Ou seja (pode ser) vaõ prejuizo,
Nasci entre os Romanos, e por elles
A vida perderei: este Senado
Assim mesmo invejoso, austero, injusto
Tem no meu coraçaõ mais alta estima
Do que o Sceptro d'hum Rey, da Corte o fasto:
Sou filho em fim de Bruto; e trago impressa
Dentro em meu coraçaõ a liberdade,
Horror eterno aos Reis.

ARONTE.

E naõ he falso
Esse encanto, que assim te lisonjea!
Bem como ati me he chara a liberdade;
Eu vassalo d'hum Rey colho os seus fructos;
Tu te perdes por ella sem gozalla.
Que coiza mais despotica ha no mundo
Do que hum Reino em Republica mudado?
Naõ tendes outra Ley mais que o capricho
Dos severos tyrannos, que vos regem;
Seu barbaro rigor he surdo ás vozes
Do sangue, do favor, e dos servicos:
O Senado vos vexa, o Povo insulta:
Ou haveis trabalhar por que vos temaõ,
Ou haveis aviltar-vos como escravos.
De Roma o Cidadaõ cheio de inveja,
Ou de insolente orgulho te aborrece,

Sem poder supportar tua grandeza,
Ou hombrea comtigo : esplendor grande
Os seus olhos espanta, e vê severo
No bem, que se lhe faz, o mal, que teme
Se lhe possa fazer: por fim de tudo
Decreto odioso de desterro injusto
O premio vem a ser do sangue honrado,
Que em seu favor se verte. Eu bem conheço
Que tambem ha na Corte seus escolhos,
Porém alli os dias saõ mais ledos,
Respiramos alli huma aura doce,
Menos sujeita ás horridas procellas:
Muitas vezes a grata liberdade,
De que tanto as Republicas brazonaõ,
Melhor junto d'hum Rey seus dons ostenta.
Elle ama, recompensa, e generoso
Aos serviços os premios antecipa:
A gloria he compativel, ao seu lado,
C'os suaves encantos dos prazeres:
Charos ao nosso Rey, e defendidos
Pelos raios da sua auctoridade,
Servimos hum Senhor, e os mais nos servem.
O vulgo deslumbrado por hum fasto,
Que respeita, e que estima cegamente,
Até dos nossos erros nos aplaude;
Hum Senado invejoso naõ tememos;
Calcaõ-se á nossa vista as Leis severas.
Ah Senhor! Tu nascido para a Côrte,
Bem como para as armas, que favores,
Que graças haverias alcançado
Da maõ do Rey Tarquinio! Eu já to disse,
Tarquinio ama-te muito; e repartido
Comtigo já teria grande parte

Do seu poder supremo; a vãa soberba
Do Senado abatida ás plantas tuas.....

TITO.

Eu já vi sua Côrte, e desprezei-a.
Conheço que sem custo poderia
Alcançar com Tarquinio alta privança;
Sendo dos seus escravos o primeiro,
Do resto dos escravos ser tyranno;
Porém graças aos Ceos dentro em minha alma ...
Taõ indigna fraqueza entrar naõ pode.
Eu quero-me elevar, mas sem opprobrio.
Tito em fim naõ nasceo para vassalo;
Contra os Monarchas teus sempre esforçado
Combater saberei, tu vai servillos.

ARONTE.

Dessa tua constancia louvo o excesso;
Mas lembre-te, Senhor, que foi Tarquinio,
Quem te educou na infancia, elle inda agora
Disto bastante vezes se recorda:
Inda ha bem pouco tempo (foi, foi hontem)
Que chorando comigo amargamente
A morte de seu filho, e seus desastres,
Com frequentes soluços, me dizia:
» Tito seria o amparo do meu sangue;
» Só Tito achava em Roma, que podesse
» Ser digno do meu throno, e minha filha.

TITO.

De sua filha! oh Ceos! da bella Tullia!
Infelizes desejos.

ARONTE.

Neste instante
Vou conduzilla ao Rey, que abandonaste,
Tullia, longe de ti, da patria longe,

Vai do Rey da Liguria ser esposa:
Tu prosegue a servir ao teu Senado,
A perseguir seu Pay, vexar seu Povo;
Que antes de muito tempo vêr espero
De Roma as altas torres abatidas;
O Capitolio a cinzas reduzido;
Estas vastas abobedas em chamas,
Allumiando os tumulos horrendos
Do Senado, e do Povo as tochas serem,
Que se accendaõ de Tullia no consorcio.

SCENA III.

TITO, E MESSALA.

TITO.

Ah meu charo Messala! em que desordem
Aronte me deixou o Rey Tarquinio
Me teria escolhido! oh dôr violenta!
Eu teria podido. . . . Tal naõ creio;
Naõ, temivel Ministro; tu só vinhas
O segredo sondar do amor, em que ardo:
E possivel será que algum me veja,
E o meu segredo ignore! nos meus olhos
Aronte o fogo leo, que me devora;
E certo da fraqueza da minha alma
A' sua Côrte volta, onde insolente

Zombará dos projectos, que me inspira
Hum amor temerario: Por esposa
Eu poderia obtella! E consagrar-lhe
A minha vida toda! Reservado
Teria para mim Tullia o destino!
Quanto sou desditoso!

MESSALA.

A culpa he tua;
Podias ser feliz, podia Aronte
Ser do teu justo amor apto instrumento;
Acredita-me, Tito.

TITO.

Desterremos
Essa esperança futil. Roma inteira
Por mim ao Capitolio está chamando:
A' sombra dos seus arcos de triumpho,
Cheios da minha gloria, e meus trabalhos,
Congregado me espera o Povo todo,
Para darmos principio aos juramentos,
Que tremendos seraõ penhor seguro
Da nossa liberdade.

MESSALA.

Vai, amigo,
Vai servir esses Reis.

TITO.

Quero servillos.
O meu dever he este; hei de cumprillo.

MESSALA.

Porem que! Tu suspiras?

TITO.

Meu triumpho.
He mui cruel.

MESSALA

Com tudo o compras caro.

TITO.

Será muito mais bello: vem Messala;
No estado, em que me ves naõ me abandones.

MESSALA.

Vamos, he necessario acompanhallo,
A fim de irritar mais os seus desgostos,
E cravar bem no centro do seu peito
O ferro, que o lacera.

SCENA IV.

BRUTO, MESSALA.

BRUTO.

Naõ te ausentes,
Tenho duas palavras, que dizer-te.

MESSALA.

A mim, Senhor?

BRUTO.

A ti, ouve-me attento;
Hum funesto veneno se derrama,
Por toda a minha casa occultamente:
Tiberino, meu filho, enfurecido,
Contra seu propio irmaõ já claras mostras,
De ciume invejoso nos tem dado;

Tito por outra parte todo entregue
A diversa paixaõ; segue os transportes
Do furor, que sua alma resentida
Chegou a conceber contra o Senado;
O Embaixador Toscano, testemunha
Desta sua fraqueza, alegre, e astuto
Quer d'ella aproveitar-se. Eu sei, Messalla,
Que Aronte lhe fallou; e Bruto teme
As seductoras vozes d'hum Ministro,
Nas intrigas da Côrte encanecido.
Elle ao campo á manhãa voltar devia;
Porem para hum traidor hum dia, ás vezes,
He tempo de sobejo: descansado
Os sustos que me causa afastar quero.
Vai pois da minha parte annunciar-lhe;
Que de Roma hoje mesmo se retire;
Que assim lho manda Bruto

MESSALA.

Com prudencia
Obras, Senhor, sem duvida, e contente
Espero ficarás da brevidade,
Com que parto a cumprir o seu preceito.

BRUTO.

Naõ te disse inda tudo, escuta o resto;
Sei que unido comtigo está meu filho;
Sei o grande ascendente, com que impera
Em sua alma amizade, elle he sincero,
E crê que os mais o saõ: seus verdes annos
Tem á tua experiencia abandonado:
Porém quanto elle mais em ti confia,
Tanto devo esperar, que cuidadoso
O saibas dirigir, naõ consentindo
Que do recto caminho se desvie;

E que naõ quererás infielmente,
Abusando da idade d'hum mancebo,
Tirar dos erros seus hum lucro indigno;
Inspirar-lhe dezejos ambiciosos,
E o caraçaõ incauto corromper-lhe.

MESSALA.

Disso mesmo, Senhor, neste momento
Acabo de fallar-lhe. Tito sabe
Imitar a seu Pay, servir a Roma:
Elle ama cegamente o Pay, e a Patria.

BRUTO.

Assim deve fazer; mas sobre tudo,
Deve amar Tito as leis, ser seu escravo:
Supportar o seu pezo: todo aquelle,
Que violar pertende alguma dellas,
Naõ ama a Patria sua.

MESSALA.

Ambos já vimos
O como o seu valor sabe servilla.

BRUTO.

Cumprio o seu dever.

MESSALA.

Roma cumprira
O seu dever tambem, se concedera
A taõ bom Cidadaõ mais claras honras.

BRUTO.

Naõ, Messala: de Tito os verdes annos
D'hum Consulado as honras lhe desviaõ;
A meu filho neguei meu voto eu mesmo:
Se a fortuna tivera protegido
Sua louca ambiçaõ; dado teria,
Para a depravaçaõ dos seus costumes,
Roma o primeiro passo; hereditaria

Seria da virtude a recompensa;
Do mais honesto Pay o indigno filho
No regaço do luxo, e da molleza
Esperaria as honras, e os empregos
Tanto mais confiado, quanto menos
Fosse digno de obtêllos: em Tarquinio
Temos desta verdade a grande prova.
Quem na purpura nasce, raras vezes
He da purpura digno: o Ceo nos livre
De abuso taõ fatal que he berço d'ocio,
Tumulo da virtude. Se he verdade,
Como folgo de crer, que amas a Tito
Ensina-lhe milhor, qual seja o trilho
Da verdadeira gloria; e lhe suffoca
Dentro do coraçaõ o louco orgulho.
Meu filho deve dar hum nobre exemplo
De todas as virtudes; vejo nelle
Dos Romanos o amparo, e estemido
Quanto mais tem obrado em seu soccorro;
Tanto mais delle exijo neste dia:
Por estes meus dezejos facilmente
Podes conjecturar que amor lhe tenho;
Modera-lhe da incauta mocidadade
O violento ardor: lizonjeallo
He Messaala perdello, e ultrajar Roma.

MESSALA.

Até agora, Senhor, mais naõ fazia
Que seguillo aos combates, procurava
Imitar seu valor, sem que atrevido
Quizesse intrometer-me a aconselhallo:
A minha auctoridade naõ he grande
Mas se elle se dignar acreditarme,
Antes de muito tempo verá Roma

Como Tito ama a gloria.

BRUTO.

Vai, Messala;
E jámais os seus erros lisongees:
Pois se Bruto os tyrannos aborrece,
Inda mais aborrece os lisonjeiros.

SCENA V.

MESSALA.

Naõ ha tyranno algum mais detestavel,
Nem mais duro do que essa auctoridade
Da tua alma intratavel: Vai, soberbo;
Que talvez a meus pés, em breve tempo,
Dessas falsas virtudes abatida
Verei a presumpçaõ jactanciosa;
Colosso formidavel, que hum vil Povo
Sobre as nossas cabeças tem alçado,
Pode ser que eu te abata: o raio he prompto.

ACTO III.

SCENA I.

ARONTE, ALBINO, E MESSALA.

ARONTE.

Com huma carta na maõ.

Já começa a raiar-me a luz brilhante
D'huma justa esperança: a diligencia,
Com que me tens servido, me foi util:
Sim, Albino; contem-se nesta carta
O destino de Roma, e o de Tarquinio,
Tens tu assignalado já no campo
O momento fatal de aprompṫar tudo?
Tem-se com attençaõ examinado
A Porta Quirinal? A nossa gente
Para assaltar os muros será prompta,
Se a caso os conjurados esta noute
A prometida entrega naõ fizerem?
Tarquinio está contente? E tu que pensas?
Elle entrará em Roma destroçada,
Ou em Roma sugeita sem ruina?

ALBINO.

Na segunda vigilia a nossa gente
Posta em armas, Senhor, ha de estar prompta:
Tarquinio satisfeito antecipados
Já dos projectos teus os fructos gosta;
Julga dever-te o Sceptro; e abertamente
Lhe ouvi dizer, eu mesmo, que te deve
Inda mais beneficios que a Porsena.

ARONTE.

Se os Deozes formidaveis inimigos
D'hum Principe infeliz, naõ malograrem
Os meus grandes projectos do Ceo dignos,
A's suas Leis sujeita ámanhãa mesmo,
Tarquinio verá Roma, ou talvez antes
A verá fomegar tornada em cinza,
E no seu proprio sangue submergida:
Hum Rey ao throno seu restituido
Deve mais desejar ter por vassalos
Hum Povo miseravel, mas sujeito;
Do qne ter de enfrear sempre assustado
D'hum Povo mui feliz o orgulho indocil:
Deixa-me agora Albino, que em segredo
Pela Princeza espero: Tu detem-te.

SCENA II.

ARONTE, MESSALA.

A R O N T E.

Que tens feito, Messala? conseguiste
Dobrar o fero Tito? Acaso pensas
Que o partido dos Reys abraçar queira?
M E S S A L A.
Sobejamente credulo o julgava;
Ama Tito inflexivel muito a patria;
Tem muito em fim de Bruto; de continuo
Se queixa do Senado; arde por Tullia:
Altivez, ambiçaõ, amor, ciume,
O fogo das paixões, os verdes annos,
Tudo me parecia abrir entrada
A's minhas seducções dentro em sua alma:
Com tudo (quem tal crêra) a liberdade
He de tantas paixões a que triumpha:
Tem por Tullia, he verdade amor sobejo:
Mas o que tem á Patria inda he mais forte.
Eu tentei pouco a poueo hir apagando
Esta grande aversaõ, que imprimio Roma
Contra o nome de Rey, dentro em seu peito;
Mas tudo foi baldado; já mais pude
Da sua prevençaõ desabusallo:

Dos Tarquinios o nome he quanto basta
Para accender-lhe a colera: até mesmo
No meio do discurso de improviso
Dos meus olhos fugio; e me teria
Aventurado a muito se tivera,
Concluido o discurso começado.

A R O N T E.

Naõ tens logo esperança de dobrallo?

M E S S A L A.

Confesso que a perdi; porém naõ tenho
Encontrado taõ grandes embaraços
Em atrahir o Irmaõ ao teu partido:
Ao menos seduzi de Bruto hum filho.

A R O N T E.

Que, Messala! ganhaste a Siberino?
Declara-me qual foi o meio occulto,
Qual a feliz intriga de que usaste?

M E S S A L A.

Foi a sua ambiçaõ. Ha muito tempo
Que Tiberino vê com grande inveja
As honras differentes, com que em Roma
Seu Irmaõ se distingue. Os estandartes
Dessas fataes abobedas pendentes,
A pompa triumphal, os verdes louros,
Os coraçóes em fim de Roma inteira,
E até mesmo o de Bruto, que voando
Nos publicos festejos o precedem,
Saõ para Tiberino affrontas graves,
Que atiçaõ na sua alma exasperada
D'huma secreta inveja o voraz fogo:
Em quanto sem rancor o brando Tito,
Muito assima do Irmaõ para envejallo,
Do carro triumphal lhe estende os braços;

Mas neste mesmo abraço Tiberino
Deixava perceber que gloria tanta
Era ao seu coraçaõ pezo importuno.
Logo me aproveitei destes momentos;
Aos seus olhos pintei com vivas côres
N'huma Còrte magnifica, e brilhante
Hum mais glorioso emprego: a instancia dobro;
Em nome do Rey mesmo lhe prometo
Em Roma as honras todas, que dar pode,
A' excepçaõ do Throno, hum Rey poderoso.
Em fim minhas promessas o abaláraõ;
Nosso partido abraça, e quer fallar-te.

ARONTE.

E com effeito crês, que Siberino
A porta Quirinal possa entregar-nos?

MESSALA.

Está de Tito a cargo o defendella,
Cuja fatal virtude embaraçado
Tem dos vossos destinos a carreira:
He hum Deos, que prezide nestes muros
A' salvaçaõ de Roma: naõ devemos
Arriscar hum assalto de improviso;
A soccorrer-nos Tito era seguro,
Mas sem o seu auxilio he muito incerto.

ARONTE.

Se Tito com instancia tem pedido
Do Consulado as honras, he possivel
Que possa desdenhar a maõ de Tullia,
Que por dote lhe traz hum grande Throno?

MESSALA.

Para a sua virtude aspera, e rude
He o throno huma affronta.

ARONTE.

Porém Tito
Deveras ama a Tullia?

MESSALA.

Tito a adora:
Sua grande paixaõ tanto mais cresce,
Quanto forceja mais por subjugalla:
Pela filha se abraza, e o pay detesta;
Teme fallar-lhe, e com violencia calla;
Ora corre apoz ella, ora lhe foge;
E sem queixar se as lagrimas devora:
Naõ tem inda de amor mais que os furores,
N'agitaçaõ cruel desta tormenta
He bastante hum momento, algumas vezes,
Para lançar por terra hum varaõ forte:
O caracter de Tito assaz conheço:
Arrebatado, e fervido se chega
Huma vez a tomar nosso partido
Irá muito mais longe do que eu quero.
Talvez do amor, em que arde, a viva chama
D'ambicaõ, que o devora, o fogo ateie
Tenho toda a certeza de que alegre
Abatida veria ás plantas suas
Do tremulo Senado a frente humilde.
Mas eu te enganaria se promessa
Me atrevesse a fazer-te de que Tito
A taõ fatal amor queira render-se.
Eu posso inda fallar-lhe, e neste dia....

ARONTE.

Como Tito ama a Tullia, inda, Messala,
De podello dobrar naõ desconfio:
Hum móver d'olhos só, huma palavra,
Que Tullia pronuncie, mais depressa,

Sua feroz virtude amançar pode,
Do que todas as artes seductoras,
D'hum chefe de traiçaõ, ou d'hum Ministro.
Nada espremos dos homens, senaõ forem
Pela sua fraqueza acometidos:
D'hum a grande ambiçaõ, d'outro a ternura
Neste dia seraõ os conjurados,
Que haõ-de ao meu Rey servir: d'elles espero
Conseguir em fim tudo, por que podem
Muito mais do que eu posso.

SCENA III.

TULLIA, ALGINA, E ARONTE.

(*ao entrar Tullia Messala se retire*)

ARONTE.

Neste instante
Esta carta, Senhora, me enviáraõ
Da parte de Tarquinio, o qual ordena
Que em tuas maõs augustas seja entregue.

TULLIA

Ceos, protegei meu Pay, mudai-lhe a sorte.

(Lé.)

» O throno dos Romanos inda pode
» Das cinzas levantar-se: quem valente
» O derribou por terra, pode erguello.

» Hum grande heroe he Tito, e lhe pertence
» A defensa d'hum Throno, a que pertendo
» Comigo associallo: naõ te esqueças
» De que he teu Pay Tarquinio, e de que pende
» De ti o meu destino: inda estás livre,
» A maõ do Rey de Ligurio engeitar podes
» Serás de Tito Espoza, se o desejas
Que h! Tito, Senhor! será possivel! ....
Tarquinio, que atégora em seus desastres
Sempre huma alma inflexivel tem mostrado
Poderá consentir.... Mas quem lhe disse...
De que modo.... Ah! Senhor virás acaso
Só a fim de sondar os meus segredos?
D'huma triste Princeza as magoas poupa.
Ah! naõ venhas tecer hum laço astuto
A' minha incauta idade.

A R O N T E.

Naõ, Princeza:
Fiel ao Rey Tarquinio eu sei sómente
Cumprir o meu dever, calar, servirte.
Naõ me toca indagar esses segredos,
Que temes confiar-me; nem eu quero
Erguer com maõ ousada o véo sagrado,
Que os segredos encobre da tua alma:
Sómente a meu dever manda dizerte,
Que o Ceo quer que por ti do abatimento
Dos Romanos o Throno se levante;
Que das tuas virtudes premio seja.

T U L L I A.

A Tito ganharei, quando ao pay sirvo!
Como, como, Senhor será possivel.....

A R O N T E.

Naõ duvides, Princeza: este alto heroe

A favor dos seus Reys já se interessa.
Destes Republicanos desabridos
A triste austeridade da sua alma
A nobre elevaçaõ tem revoltado;
Do Consulado as honras lhe negáraõ;
E com esta repulsa de tal sorte
A sua grande colera enfurecem;
Que já para os seus Principes de grado
O coraçaõ de Tito está propenço.
Acaba tu, Princeza, esta obra grande.
Eu naõ tenho ate agora pertendido
Sondar os seus occultos sentimentos;
Mas, como te conhece, deve amar-te.
Quem ha que possa ver, sem deslumbrar-se,
Hum sceptro por maõ tua offerecido,
E tornado por ti muito mais bello?
Falla-lhe só, Princeza, que isto basta;
Do inimigo dos Reis triumpha hum dia,
Rouba, rouba ao Senado, e a teu Pay torna
Este Deos tutelar, que a Roma ampara.
A incomparavel honra em fim merece
De ter de tua maõ pendente agora
A sorte de teu Pay, e a dos Romanos,

SCENA IV.

TULLIA, ALGINA.

TULLIA.

Oh Ceos! que grato incenso vos naõ devo!
Desarmou vossas iras o meu pranto:
Tudo mudado está vossa justiça,
Naõ só torna innocente hum amor puro,
De que eu propria ate agora me corria;
Mas ate opremeia, consentindo
Que deste meu amor solte o segredo.
Vai procurallo, Algina; corre, voa.
Oh Deoses: Inda Tito a Tullia foge!
Hade elle ser feliz, e hade ignorallo!
E tu que sabes, Tullia? Esta esperança
Naõ poderá talvez ser mintirosa?
Tito contra o Senado concebido
Terá tanta aversaõ? Mas ah! que digo!
Deverei ao furor, em que se abraza,
Hum bem, que ao seu amos dever quizera!

ALGINA.

Sei qne contra o Senado em furias arde;
Sei que tem ambiçaõ, e sei que te ama.

TULLIA.

Elle tudo fará por meu respeito:

Naõ duvides, Algina. pois me adora.
Parte, naõ te demores. (*vai-se Algina*)
Todavia
Esta grande mudança inopinada.....
Esta carta que Aronte.... Ah! que cuidados
O coraçaõ me assaltaõ! Deixa, Tullia,
Deixa agora brilhar em liberdade
Teu amor, e virtude: assim to ordena
A razaõ, o dever, agloria, tudo.
Que! meu Pay deverá o seu diadema
Ao fogo, em que me abrazo! E será Tullia
Quem de Tito, e Tarquinio enlace as almas!
A fortunado Estado neste dia,
Vai renascer da minha! Ah doce objecto,
A quem já posso amar, quando explicar-te
Poderei esta subita mudança,
A quem nem tu, nem eu timidamente
Aspirar se atrevia? Quando, Tito,
Nos meus justos, e placidos transportes
Poderei escutar-te sem desgosto,
Fallar-te sem remorsos. Os meus males
Acabáraõ-se em fim: eu te perdoo,
O' Roma, quantos sustos me causaste;
Se te abandona Tito, em breve tempo
Escrava te verei: e tu, Senado,
Se Tito me despoza, estás perdido;
O Teu heroe me adora; Ah! treme treme;
E reconhece nelle o teu Monarcha.

SCENA V.

TITO, E TULLIA.

TITO.

He verdade, Senhora, que te dignas
D'inda ver outra vez o aspecto odioso
D'hum Romano culpado em tantos crimes,
Contra ti cometidos! D'hum imigo
Pelo teu coraçaõ aborrecido
Com taõ justa razaõ!

TULLIA.

Senhor, já tudo,
Entre nós se mudou, já meu destino
Me permittio, em fim.... Tito, he preciso
Que me digas, se tenho na tua alma
Hum verdadeiro imperio.

TITO.

E tu, Senhora,
Deste imperio fatal duvidar podes?
Como possivel he, que desconheças
O fogo, em que me abrazo? que encoberto
Te seja o meu delicto, e o triste estado,
Da desesperaçaõ, em que me vejo.
Ah! Tu mandas assaz sobre a minha alma:
A vida, que eu respiro, e que aborreço

He tua, fez-te amor Senhora della.
Falla pois, Tullia, manda, as justas iras
Acaba de esgotar, que o meu destino
Nas tuas mãos está.

TULLIA.

E o meu depende
Taõ somente de ti.

TITO.

De mim! Que escuto
Meu coraçaõ tremendo de alvoroço,
Mal pode acreditar-te. Que já Tito
Naõ será do teu odio triste objecto!
Dize, Princeza; acaba. Que suave
Encantadora esperança n'hum momento
Ao cume de fortuna me levanta!

TULLIA.

(entregando-lhe a carta)
Lê Tito este papel; e felicita
A sorte de meu Pay, a minha, e a tua;
(em quanto Tito lê)
Lisongear-me pois agora posso.....
Mas que severos olhos! Donde nasce
Hum taõ triste sombrio acolhimento!
Por que causa este aspecto consternado?
Oh Ceos!

TITO.

Naõ ha na terra, em toda a terra
Mortal mais infeliz; o fado adverso,
Que com furia teimosa me persegue,
Apresenta-me aos olhos a ventura,
E com avara maõ logo ma esconde:
E para se agravarem mais meus males,
O deploravel Tito, que te adora,

Podia possuir-te, e em fim te perde.

TULLIA.

Tu me perdes?

TITO.

Sim, Tullia: este momento
Me condemna a passar da vida o resto
Ou no seio do horror, ou da ignominia;
A ser traidor a ti, ou sê-lo a Roma:
Ja naõ posso escolher outro partido;
Hei de ser infeliz, ou criminoso.

TULLIA.

Que dizes? Quando eu venho dar-te hum sceptro,
Quando podes obter-me, e vês que te amo;
Sim, quando vês que te amo; pois naõ quero
Por mais tempo encobrir-me, o poder patrio,
Que os meus ternos desejos authoriza,
A fallar-te me obriga desta sorte:
Ah! Contente eu julgava que este dia
Fosse da minha vida o mais ditoso,
Mas o primeiro instante, em que te pude
Sem corar descobrir meus sentimentos,
Hum instante será, do qual, ingrato,
Terei de arrepender-me eternamente?
Como, como te atreves a fallar-me
De desgraças, ou crimes? Ah tyranno!
Servir contra o teu Rey a hum Povo ingrato;
Opprimir-me, adorar-me, e desdenhoso
Regeitar os meus dons; eisaqui Tito,
Quaes saõ minhas desgracas, e teus crimes.
Observa-os, e peza na balança
D'huma parte as repulsas do Senado,
E d'outra parte o Throno, que te offerto:
Escolhe dar as Leis, ou recebellas

D'hum vil Povo, ou d'hu Rey; deTullia ; ou Roma:
Oh Deozes ! Inspirai-lhe a justa escolha.

TITO.

(entregando-lhe a carta.)

Minha escolha está feita.

TULLIA.

E que resolves?
Tens acaso receio de dizer-mo?
Ah! Falla sem temor, faze-te digno
Do teu perdaõ em fim, ou do meu odio.
Qual será tua sorte?

TITO.

A de ser digno
De ti, e até Senhora, de mim proprio;
De ser fiel a Roma combatendo
Sempre em sua defença, inda a despeito
Do grande amor, em que por ti me abrazo,
De adorar as virtudes, que te adornaõ;
De imitallas taõbem; n'uma palavra
De ser digno de ti, e de perder-te.

TULLIA.

Logo assim para sempre....

TITO.

Ah! Sim, perdoa,
Perdoa-me Princeza, e da memoria
Apaga o meu furor; attende ao menos
A' fraqueza de Tito: Ah! Naõ, naõ queiras
A fim de me perder servir-te della:
Compassiva piedade te mereça
Hum triste coraçaõ, que he de si mesmo
O mais fero inimigo, e que mil vezes
Foi menos desgraçado, quando irada
Em vez de ter-me amor, odio me tinhas.

Ah ! Perdoa , perdoa , que eu naõ posso
Deixar-te , nem seguir-te : o meu destino
Nem sem ti , nem comtigo me permite
Que possa respirar ; e inda assim mesmo
Primeiro morrerei , que ver-te alheia.

T U L L I A.

Eu tudo te perdoo , inda sou tua.

T I T O.

Pois bem ; se tu es minha , sê Romana ;
Ama a nossa Republica ; sê Tullia,
Sê mais do que Rainha. Sim por dote
Traze-me , em vez da Regia authoridade,
O amor do meu Paiz , e das Leys minhas ;
Hoje por tua May recebe a Roma,
O seu libertador por teu espozo,
E Bruto por teu Pay. Roma excedida
Por ti em sentimentos generosos
Deva á Filha dos Reys a liberdade.

T U L L I A.

Que dizes ? Eu havia ser traidora !

T I T O.

A dezesperaçaõ louco me torna.
Naõ , Tullia , naõ : toda a perfidia he feia ;
Toda a perfidia he barbara : eu conheço
Assaz o que he ser Pay , sei quanto podem ;
Sei taõbem... Sei que te amo, e que a mim proprio
Alheio do que fui me desconheço.

T U L L I A.

Hum só favor te rogo : attende , Tito,
Ao menos ao meu sangue.

T I T O.

E devo eu menos
Ao meu sangue attender, e á Patria minha?

TULLIA.

A' tua Patria ! Ah barbaro ! Sem Tullia
Tua Patria qual he ?

TITO.

Somos imigos.
A natureza, e as Leis nos impozeraõ
Este dever terrivel.

TULLIA.

Nós imigos !
Pronunciar tal nome tu podeste !

TITO.

A minha lingua o disse ; mas ca dentro
Todo o meu coraçaõ diz o contrario.

TULLIA.

Pois anima-te ; ajuda os meus intentos,
Vinga-me, se me adoras.

SCENA VI.

BRUTO, ARONTE, TITO, MESSALA, ALBINO, PROCULO, E LICTORES.

BRUTO.

He preciso
Partir prestes, Princeza ; no principio
Das tempestades publicas naõ pode
Restituir-me Roma aos teus Penates.

Tarquinio mesmo entaõ todo occupado
Dos injustos cuidados de opprimir-nos,
Esquecido de ti, e confundindo
No desastre geral toda a familia,
De sua propria Filha a liberdade
A Roma naõ pedio: benigna soffre;
Que d'huma triste idea te recorde:
Eu te privei d'hum Pay, mas fui eu mesmo
Quem te servio de Pay neste abandono.
Vai agora Princeza, o Ceo te chama,
A reinar na Liguria; elle permita
Que seja guarda eterna do teu Throno
Inteireza inflexivel: se pertendes
Ser dos vassalos teus obedecida,
Da-lhe primeiro o exemplo; as Leis naõ quebres:
Treme de frio susto comtemplando
Os deveres dos Reys; e se algum dia
A malicia fatal dos lisongeiros
Conseguir, que em tua alma duvidosa
A justiça vacille; no momento
Em que proxima ao risco te contemples
De abusar da Suprema authoridade,
Recorda-te de Roma, e de Tarquinio:
Este famoso exemplo, em que se funda
Minha esperança toda, seja o mestre.
Que os Monarchas ensine a serem justos,
E qne faça feliz o mundo inteiro.
O Senado, Senhor manda entregar-te:
A seu Espozo, e Pay; guialla podes;
E Proculo tambem por ordem sua
Te deve acompanhar á Sacra porta.

TITO.

(*hum pouco afastado*)

Oh furiosa paixaõ desesperada!

)*chega-se a Aronte*)

Naõ, consentir naõ posso em tal partida,
Permitte-me, Senhor.... Ah! Como oh Deoses!
Como o tormento meu, e a minha infamia
A vida me naõ tira!

(*Sahem todos excepto Tito Aronte e Messalla*)

Aronte, espera,
Fallar-te poderei?

ARONTE.

O Tempo aperta:
E tu bem vês, Senhor, que seguir devo
A teu Pay; e a Princeza; posso apenas
Demorar-lhe a partida huma só hora.
Teme-se por mais tempo te dilates:
No seu quarto te espero: alli podemos
Livremente fallar dos seus destinos;
E talvez dos destinos, que te esperaõ.

SCENA VII.

TITO, E MESSALA.

TITO.

Fado, que nos uniste, e nos separas;
Fado cruel, que ordenas? Tullia, e Tito
Viraõ a luz do dia para serem

Mutuamente inimigos? Ah! Se podes
Encobre o teu furor, esconde o pranto.

MESSALA.

Doe-se o meu coraçaõ de vêr frustradas
Tantas virtudes, tanto amor, e encantos:
Huma alma taõ illustre, como aquella,
Devia só ser tua.

TITO.

Essa esperança
Já de todo, Messala está perdida;
Tito naõ ha-de ser de Tullia esposo.

MESSALA.

E porque naõ, Senhor? Os teus dezejos
Que escrupulosa idéa acha contraria?

TITO.

Que abominaveis Leis me impõem a fera?
Tyrannos, que eu venci, eu mesmo agora
Vos havia servir, e defender-vos?
Povos, que libertei de grilhões duros,
Tito havia ao Tyranno abondonar-vos?
E ser-vos infiel? O amor violento,
Que eu pude subjugar por tanto tempo,
Teria neste dia hum tal imperio,
Que fizesse abater-me a tanto opprobrio?
Hum velho Pay, eu mesmo entregaria
Ao barbaro furor dos seus tyrannos?
E que Pay! Hum Heroe, o digno exemplo
De todos os mortaes; o firme apoio,
Em que a Patria descança; que ensinado
Me tem a deffendella; e a quem podera
Talvez inda igualar eu mesmo hum dia!
Ah! De tantas virtudes, que horroroso
O destino seria;

MESSALA.

Tu mostraste
Atégora as virtudes, que saõ proprias
D'hum Cidadaõ Romano; e se quizeres,
Podes ter as virtudes d'hum Monarcha.
Sim, Tito, Rey serás apenas queiras;
O Ceo neste momento afortunado
Tem posto em tuas maõs vingança, imperio,
E o digno objecto desse amor, em que ardes;
Mas que digo, Senhor? O mesmo Consul,
Aquele mesmo heroe, que hoje de Roma
Fundador, Pay, e amparo se appellida:
Que vaidoso recebe ante os teus olhos
Adulador incenso, por ter sido
Quem pelo teu valor auxiliado
Lançou por terra hum Throno, se naõ fôra
Por benigna fortuna protegido,
Se pelas tuas armas naõ vencera,
Bruto, em vez d'hum heroe, fora hum rebelde;
Tu tens de vencedor o grande nome;
Mais glorioso o torna, e lhe acrescenta
De pacificador o nome illustre:
Traze-nos outra vez os claros dias,
Em que nossos avós nesta Cidade
Vivendo afortunados, mas vassallos,
Com liberdade, e Throno, e quilibravaõ
A grandeza dos Reys, e o bem do Povo:
Roma naõ lhe jurou rancor eterno,
Se Tito for seu Rey. A authoridade
Do Governo Real, que eu tenho visto
Ora atrahir o amor do Povo incerto,
Ora a cega aversaõ, que aborrecida
Nos Estados Monarchicos he tanto,

Quanto nas outras partes dezejada,
He de todas as formas de governo
Ou a mais proveitosa, ou mais funesta;
He horrivel no jugo d'hum tyranno;
Mas he divina s'hum bom Rey governa.

TITO.

Tu sabes com quem fallas? Naõ advertes
Que Tito neste instante só contempla
Em Messala hum traidor? E que deixando
De acusar-te ao Senado, principio
Eu mesmo a ser traidor?

MESSALA.

Pois bem, adverte
Que outrem vai n'hum momento aproveitar-se
Da inestimavel honra, que regeitas.
Outrem fará o que fazer podias.

TITO.

Outrem! suspende: oh Ceos! Quem he Messala?

MESSALA.

Teu Irmaõ.

TITO.

Meu Irmaõ!

MESSALA.

Já fez promessa
De proteger fiel o Rey Tarquinio.

TITO.

Meu Irmaõ he traidor á Patria sua?

MESSALA.

Teu Irmaõ serve a Roma, e ao seu Monarcha;
E sabe que a despeito de ti proprio
Escolherá Tarquinio para genro
Só aquelle Romano, que animoso
O souber segurar sobre o seu Throno.

TITO.

Oh! Ceos! .... Messala escuta: allucinado
Eu naõ vi muito tempo o grande abismo,
A que tu me arrastavas pertendendo
Reduzir-me á desgraça necessaria
De accusar meu Irmaõ, ou ser eu mesmo
Complice em seu delicto; mas primeiro
Todo o teu sangue, . . .

MESSALA.

Sim, podes punir-me
Fere sem susto; fere, que eu mereço,
Por te querer servir, este suplicio;
Depois com o mesmo ferro ensanguentado,
Verte o sangue do Irmaõ, verte o da amada;
As cabeças dos corpos lhes separa;
Com ellas dos cabellos penduradas
Te vai apresentar ante o Senado;
E por premio de acções taõ virtuosas
Do Consulado as honras lhe suplica:
Quando naõ daqui mesmo neste instante
Vou acusando os Reos, dar em mim mesmo
Principio aos horrorosos sacrificios.

(*quer partir*)

TITO

Suspende-te infeliz; ou se te ausentas,
Teme o furor d'huma alma desesperada.

SCENA VIII.

TITO, MESSALA, E ALBINO.

ALBINO.

Podes, Senhor, agora, se o desejas,
Com Aronte fallar; neste momento
O deixei co a Princeza

TITO.

Sim; já parto,
A Tullia vou buscar.
(*vai-se Albino*)
Deozes de Roma,
Deozes da minha Patria, venha hum golpe,
Parta-me o coraçaõ todo espantado
Do vergonhoso opprobrio, em que me vejo:
Infeliz coraçaõ, que se naõ fôra
Huma paixaõ de amor, fôra innocente.
E o desditoso Tito a vós Senado
Tanto amor sacrifica! A vós ingratos!
Mas por que tardo ... vamos: tu, Messala.
Bem vês do Capitolio pendurados
Da minha lealdade os munumentos.

MESSALA.

Mas tambem naõ te esqueça, que está cheio
D'hum Senado odioso.

TITO.

Sim, Messala,
Eu sei o que me dizes. Mas que escuto?
Trovejaõ sobre nós os Ceos irados;
Eu ouço a sua voz, que temerosa
Me está gritando: Espera, ingrato, espera;
« Tu vas atraiçoar a Patria tua »
Ah Roma! Ah Bruto! Naõ, naõ te atraiçoo;
Deoses, que me amparais, inda sou Tito:
Ategora tem sempre acompanhado
Gloria illustre os meus dias; do meu sangue
Inda naõ deslustrei a nobre origem;
Vossa victima he pura, e se he precizo
Que Tito a seu pezar seja arrastado
A perpetrar hum crime neste dia;
Se he preciso que misero succumba
Ao destino fatal, que tanto o opprime,
Salvai, Deoses piedosos, salvai Roma;
Antes que eu seja Reo, tirai-me a vida.

ACTO IV.

SCENA I.

TITO, ARONTE, E MESSALA.

TITO.

Sim resoluto estou; de mim te aparta,
Basta de porfiar: desesperado,
De mim proprio corrido, já naõ quero
Escutar por mais tempo o que me dizes,
Seja embora infeliz, mas naõ culpado:
Contra as tuas razões valor me sobra,
Mas o pranto de Tullia me acobarda;
Nunca mais a verei, minha constancia,
Alheia do que foi, menos receia
O barbaro furor dos teus tyrannos,
Do que hum só movimento dos seus olhos:
Nunca mais a verei, sim parta. Oh Deoses!

ARONTE.

O prazo, que o Senado a muito custo
Permitido me tinha, e que tu mesmo
Me pediras, Senhor, he já passado;
E só por teu respeito dentro em Roma

Demorado me tenho.

TITO.

Que eu pedira?

ARONTE.

Ah! Que sorte, Senhor, mais venturosa
Presumia que fosse a de vós ambos;
Que segura esperança era a que eu tinha
De pôr a tanto amor feliz remate?
Porém pensar em tal já naõ devemos.

TITO.

Quanto, Aronte, és cruel! Tu já tens visto
O meu abatimento, a minha infamia:
Viste o misero Tito hum só momento
Entre a virtude, e o crime vacillante;
Testemunha sagaz dos desvarios
Do meu cobarde amor, vai sem demora
Contar aos teus dous Reys minha fraqueza;
Dirás aos dous tyrannos atterrados,
Pelos valentes golpes do meu braço,
Que na tua presença amargo pranto
Chegou a derramar de Bruto o filho:
Mas dize-lhe taõbem (naõ, te esqueça)
Que a pezar do meu pranto, e teus esforços,
Que inda a pezar de Tullia, e seus encantos,
Triumphando de mim, livre, e Romano
Me naõ sujeito ao sangue de Tarquinio;
Que nada em fim me vence, e que inda juro
Eterna guerra ao mesmo sangue, que amo.

ARONTE.

Desculpo a grande dôr, em que te abismas;
E de ti me separo, respeitando
Os tristes prejuizos, que te cercaõ;
Bem longe de insultar-te na desgraça,

Comtigo me lastimo, e quanto posso
Finalmente dizer-te, he que de magoa
Ha-de Tullia morrer. Adeos.

MESSALA.

Oh Deoses!

SCENA II.

TILO, E MESSALA.

TITO.

Naõ; supportar naõ posso, que se ausente:
Hei-de a risco da vida suspendella.

MESSALA.

Ah! Que fazes, Senhor?

TITO.

O meu intento
Naõ he de ser traidor á patria minha;
Roma vencerá sempre; mas naõ posso,
Separar dos de Tullia os meus destinos:
Respiro, vivo, e morrerei por ella:
Compadece-te, amigo, dos meus males;
Corramos sem demora, dobra o zelo;
Os amigos revolta; une os soldados;
A pezar do Senado; antes que parta
Demorarei seus passos: fique em Roma,
Como em refens, detida: assim o quero.

MESSALA.

Que intenta o teu amor? Que empenho he esse?
Repara que este passo perigoso
Irá sem fruto algum fazer patente
O desgraçado amor, em que te abrazas.

TITO.

Pois bem, he necessario que ao Senado
Meus rogos se encaminhem; vai, Messala;
Vê se podes tornar mais branda, e docil
Destes Reys dos Romanos a aspereza:
Dir-lhe-has, que o bem do Estado, e Roma ..:
Mas, ah! Que vãos cuidados me tansportaõ!

MESSALA.

Na grande, e justa dor; que te consterna,
Para poder servir-te, he necessario ...

TITO.

He necessario, sim, vêlla, e fallar-lhe:
Ella por aqui hade encaminhar-se,
Ao menos lhe direi hum adeos eterno.

MESSALA.

Sim, Tito, he necessario que lhe falles.

TITO.

Messala, estou perdido: Tullia chega.

SCENA III.

TITO, MESSALA, TULLIA, E ALGINA.

ALGINA.

Só se espera por ti, para a partida.

TULLIA.

Ah tyranno decreto! Inda este ingrato
O coraçaõ me toca, e seu Pay Bruto
Aos meus olhos parece hum Deos terrivel
Armado de furor contra nós ambos.
Eu amo, temo, choro, e perturbado
Tenho o meu coraçaõ, todo em desordem:
Vamos, Algina, vamos.

TITO.

Naõ, detem-te.

TULLIA.

Barbaro, que me queres? Vens de novo
Illudir-me, ultrajar-me?

TITO.

Ah! Neste dia,
Dia de tanto horror, tanta disgraça,
Sei que devo, e o que quero ignoro:
Já naõ tenho razaõ, tu ma roubaste:
Guia pois os meus passos vacillantes;
Dirige o meu furor, como hum tyranno;

Manda sobre a minha alma consternada;
E dicta, se te atreves, os meus crimes:
Porem, antes que entregue ao fogo, á morte
Estes muros, e Povo, que ategora
O valor do meu braço defendera;
Antes que hum velho Pay abandonado
Por hum Filho furioso ás cegas iras
Da espada de Tarquinio....

TULLIA.

Os Ceos me livrem
De taõ grande desastre: a natureza
Ao terno coraçaõ te está fallando;
A sua voz me he chara, bem o sabes,
Porque com teu exemplo me ensinaste
A tremer por hum Pay: socega, Tito;
Pois meu Pay desde agora será Bruto;
O meu sangue, que he teu; em todo o tempo
Te será por seu sangue responsavel;
Nosso amor, minhas nupcias, os meus dias,
Te servem de pinhor; ati me entrego;
Como filha, e refens do mesmo Bruto;
Podes inda hesitar? Acaso pensas,
Que com pezar secreto da sua alma
Bruto verá seu filho alçado ao Throno?
Elle naõ cinge a frente com diadema;
Mas com diverso nome disfarçado,
Naõ he Bruto hum Monarcha poderoso?
Dura hum anno sómente o seu governo
Este termo depressa.... Mas que digo!
Ah! Que fracas razões, se naõ me adoras!
Mais, te naõ digo, em fim, que huma palavra;
Tullia se ausenta... e te ama... Que, tu choras!
Tu estremeces, Tito? Inda tens tempo;

Acaba, falla, ingrato; se isto he pouco,
De que mais necessitas?

TITO.

Do teu odio;
Só me falta por fim esta desgraça.

TULLIA.

Já basta de soffrer queixas indignas,
Promessas vãas, injurias, e lamentos,
Deixa-me ingrato; mais de amor naõ falles,
Porque do teu amor já me envergonho;
Comtigo leva os falsos juramentos
Mais crueis para mim, que os teus desprezos:
Porém naõ penses, naõ, que por vingança,
Buscarei na Liguria estas grandezas,
Funestas, que hoje aqui te sacrifico;
Nem que longe de ti vá pezarosa
Lamentar entre os braços d'hum Monarcha
O desgraçado amor, que me deveste:
Regulado já tenho o meu destino:
Tu Romano intratavel, que só sabes
Virtudes affectar contra quem te ama,
Forte em vexar-me, timido em servir-me;
Perplexo, e sempre incerto em teus desejos
Vem aprender comigo o que he constancia:
Verás que huma mulher, que desprezivel
Se figura aos teus olhos, sabe ao menos
Nos seus projectos ser invariavel;
E pela fortaleza, de que vires
Meu coraçaõ armado, verás, Tito,
O modo, com que amado te haveria:
Ao pé destas muralhas levantadas,
Dos meus antepassados Throno antigo,
Ao pé destas muralhas, que animoso

Contra os seus justos Principes defendes,
Onde traidor me foste, e me ultrajaste,
Como tens ultrajado os teus Monarchas;
Onde me vi por credula enganada,
Onde em fim meu amor tanto illudiste,
Juro a todos os Deoses, que severos
Os perjurios castigaõ, que o meu braço
Mais justo do que o teu mais animoso,
Affogando em meu sangue a minha affronta,
Me ha-de punir, ingrato, da desgraça
De naõ ter bem sabido conhecer-te:
Já parto....

TITO.

(Demorando-a)

Naõ, Senhora. He necessario
Em fim satisfazer-te, eu mesmo o quero.
Que me horrorizo, he certo; mas já prompto
Para agradar-te corro; e a tanto chega,
Nesta grande paixaõ, que me transporta,
A minha desventura, que nem tenho
Pretexto de illusaõ, que me desculpe;
Nesta extrema desordem t- me falta
O praser triste de enganar-me eu mesmo:
Sei que a tanta maldade amor me arrasta;
Podeste-me vencer, mas naõ cegar-me:
Contra o meu proprio amor enfurecido,
Amo a virtude, mas abraço o crime:
Ah Tullia! Por piedade me aborrece,
Foge d'hum desgraçado, que se sente
Morrer por ti de amor, e que detesta
O criminoso amor; em que se abraza:
Foge d'hum infeliz, que, sem respeito,
A horrorosos, e lugubres agouros,

Se vai unir comtigo, rodeado
De perjurios, de crimes, e de mortes.

TULLIA.

Ao meu funesto amor insultas tanto,
Certo do quanto imperas na minha alma;
Sim, por ti só respiro, eu to confesso;
Mas apezar do amor, que me consagras,
E da minha fraqueza, saber deves
Que menos me horroriza a feia morte,
Do que a maõ d'hum espozo, que assustado
Tremesse de ser meu; que pezaroso,
Se podesse mostrar de haver servido
Ao seu proprio Monarcha: e que aceitando
Da minha maõ hum sceptro, envergonhado
Se acreditasse infame em recebello.
O momento horroroso da partida
Se vai avizinhando; naõ te esqueças
De que podes reinar, e de que te amo:
O Embaixador me espera a todo instante;
Pensa pois, e resolve: demorar-me
Naõ posso por mais tempo; mas depressa
Me verás de Tarquinio acompanhada
Assaltar estes muros odiosos,
Para nelles entrar como Rainha,
Ou morrer a teus olhos.

TITO.

Naõ, Princeza;
Tu naõ has de morrer; eu vou comtigo....

TULLIA.

Suspende-te; Senhor: se mais me segues,
Pões tua vida em risco; porque podem
De ti desconfiar: fica, e resolve,
Ou ser meu homicida, ou meu espozo.

SCENA IV.

TITO *só.*

Tu triunphas, cruel: escrava he Roma:
Vem sobre ella a exercer o mesmo imperio,
Que exerces sobre mim; naõ te dilates;
Que eu tambem já me apresso, e destimido,
Ou vou morrer, ou vou alçar-te ao Throno;
Pois meu crime maior fòra o deixar-te.
Procurar entretanto vou Messala;
Sua grande amizade já se cança
Da fogosa inprudencia do meu genio,
Amante, amigos, Roma, quanto tenho
Tudo n'hum dia perco.

SCENA V.

TITO, E MESSALA.

TITO.

Ah charo amigo!
Vem ajudar em fim os meus furores,

E o meu amor fatal; segue-me vamos.

MESSALA.

Já tudo está disposto; mandar podes:
No monte Quirinal os meus soldados,
Para entregar as Portas, estaõ promptos;
Nossos bravos amigos já comigo
Successor de Tarquinio vaõ jurar-te.
Naõ percamos o tempo; vamos Tito;
A noute mais sombria, e taciturna
Nosso grande projecto em treva esconde.

TITO.

Já se apressa veloz a fatal hora
Tullia conta os instantes. Que duvido!
Antes que a Roma, fé jurei primeiro
Ser vassalo fiel do Rey Tarquinio:
A sorte está lançada: mas que vejo!
Será; illusaõ minha! He meu Pay mesmo.

SCENA VI.

BRUTO, TITO, MESSALA, E LICTORES.

BRUTO.

Acode, filho meu, acode a Roma,
Que está em grande risco, e do teu braço
He que o socorro espera. Hum grande assalto
Na segunda vigilia se prepara

Contra os muros de Roma: esta noticia
Por hum secreto aviso a Curia sabe.
Para o meu caro heroe, para o meu sangue
Pedi com grande instancia a honra illustre
Do commando das armas neste aperto:
Concede-ta o Senado; arma-te, filho,
Vai salvar outra vez a Patria tua;
Vai pela liberdade expôr a vida,
Que triumphante, ou morto serás sempre
Das invejas de Bruto o digno objecto.

TITO.

Oh Ceos!

BRUTO.

Entaõ, meu filho, que respondes!

TITO.

Eu te rogo Senhor, que deposites
N'outras maõs essas graças do Senado,
E a sorte dos Romanos.

MESSALA.

(Que desordem
De sua alma turbada se apodera!)

BRUTO.

Tu podes regeitar honra taõ grande!

TITO.

Quem? Eu, Senhor?

BRUTO.

Ah! Que, meu filho? Acaso
Teu coraçaõ turbado inda se doe
Das antigas repulsas do Senado?
Vejo dos teus intentos a injustiça;
Olha o que fazes, Tito, agora he tempo
De escutares a voz dos teus caprichos?
Ditoso te naõ crês, salvando a Roma?

Esta gloria immortal naõ he bastante
Para encher os desejos da tua alma?
Meu filho he taõ ousado, que pertenda
Lhe confiraõ as honras Consulares,
Sem ter aquella idade, que as Leis mandaõ?
Deixa, deixa de instar por huma graça,
Que só com injustiça obter poderás:
Este grande lugar, a que te envio,
He o teu posto de honra: enfrea as iras,
E só contra os tyrannos as reserva:
Sou teu Pay, mas taõbem sou Pay do Estado,
Em soccorro da Patria o sangue verte;
E nada mais lhe peças, que isto basta:
Sê, Tito, sempre heroe, sê mais que heroe
Sê Cidadaõ Romano. Eu já, meu filho,
Estou proximo ao termo dos meus dias,
Tuas maõs triumphantes brevemente
Meus olhos cerraraõ; porém meu nome
Sobre o teu grande nome sustentado
Triumphará da morte; para Roma
Tornarei a naseer vivendo em Tito:
Que digo! Vamos filho, eu te acompanho,
Bem que os Deoses naõ tenhaõ concedido,
A' minha já cançada enferma idade,
Mais que o que huma bravura, e esforço inutil,
Irei vêr teu triumpho; ou se os destinos
O quizerem assim, irei sem susto
Morrer do mesmo modo que morreres,
De Roma vingador, e em liberdade.

TITO.

Ah Messala!

SCENA VII.

BRUTO, VALERIO, TITO, E MESSALA.

VALERIO.

Senhor, he necessario
Que mandes se retirem.

BRUTO.

Corre, voâ.
(*Vaõ-se Tito, e Meseala.*)

VALERIO.

Contra Roma ha traiçaõ.

BRUTO.

Traiçaõ! Que escuto!

VALERIO.

Temos conspiraçaõ, temos traidores,
Duvidallo naõ posso: Eu inda ignoro
Desta perfidia horrenda o author qual seja,
Mas no proscripto nome de Tranquinio
Se falla agora em Roma; e alguns indignos
D'entre os mesmos Romanos affirmáraõ
Que franquear-lhe as portas he preciso.

BRUTO.

Os Cidadaõs Romanos pedem ferros!

VALERIO.

Por diversos caminhos os traidores

Se affastaraõ de mim: mandei seguillos:
As suspeitas, que tenho concebido,
Recaem sobre Lelio, e sobre Menas.
Partidistas dos Reys, e tyrannia;
Do bem publico imigos encobertos,
Que sempre fomentáraõ cuidadosos
Discordias entre o Povo, e o Senado.
Messala os favorece; e neste apêrto
De taõ grande desordem, se naõ fòra
Huma estreita amizade, com que Tito
Honrado sempre o tem, eu me atrevera
A suspeitar traidor taõ bem Mesala.

B R U T O.

Vigiar os seus passos com cautela
He quanto neste caso obrar podemos:
As santas Leis de Roma, e a Liberdade
De que somos os Pays, nos naõ consentem
Usar d'algum rigor talvez preciso.
Hum Romano prender só por suspeitas
Seria proceder como os tyrannos:
Nós, que os aborrecemos, e os punimos
Vamos fallar ao Povo; dar alento
Aos que timidos forem; dos constantes
O valor inflamar, encher de assombro
Os perfidos traidores; naõ tardemos:
Os Pays da Liberdade, os Pays de Roma
Marchem a suscitar com seu esforço
O valor dos Romanos; e qual delles
Deixará de cobrar animo grande,
Quando nos vir marchar á testa sua?
Dai-nos antes, ó Deoses, prompta morte,
Que indigna escravidaõ. Vamos, Valerio;
E se avise o Senado, que nos siga.

SCENA VIII.

BRUTO, VALERIO, E PROCULO.

PROCULO.

Hum escravo, Senhor, pede licença
Para poder fallar-te occultamente.

BRUTO.

Que! De noute! E a tal hora!

PROCULO.

O escravo afirma,
Que traz huma noticia interessante,
E que demanda pressa.

BRUTO.

Deste aviso
Talvez dependa a salvaçaõ de Roma:
Se hum momento eu tardara, traidor fôra:
(*A Proculo*)
Vamos ouvillo, pois, busca a meu filho,
E dize-lhe, que nesta fatal hora
Ponha o maior cuidado na defensa
Da Porta Quirinal, para que a terra
Escutando espantada os seus triunphos,
Reconheça, e confesse, que o meu sangue
Para vencer os Reys foi destinado.

ACTO V.

SCENA I.

BRUTO, SENADORES, LICTORES, E HUM ESCRAVO.

BRUTO.

Roma perdida estava: a Liberdade,
A Liberdade augusta aniquilada
Dos tyrannos ao jugo se rendia;
As vossas sepulturas se cavavaõ,
Tudo estava perdido. Já Tarquinio,
Vingança respirando, se dispunha
Para entrar esta noute dentro em Roma:
Foi desse Embaixaidor o ardil astuto,
Quem debaixo dos passos dos Romanos
Taõ horrivel abismo tinha aberto:
Em fim (podereis crêllo) Roma tinha
Filhos, que contra a Patria conspiravaõ,
E que os tyrannos seus favoreciaõ:
Messala dirigia o furor cego
Dos infames rebeldes, e vendia
Ao fraudulento Aronte a Patria sua.

Mas a favor de Roma, e vossas vidas
Vigiavaõ beneficios os Deoses:
Este escravo escondido ouvio de Aronte
As perfidas tenções; prevendo o crime,
Tudo me revelou, e dispertando
Seu aviso fiel os meus temores,
Animando o meu zelo, mandei logo
Que a Messala prendessem; n'hum momento
Hia perante vós ser conduzido:
Eu esperava ao menos, que a presença
Do medonho apparato dos tormentos
Da sua fiel boca arrancaria
A confissaõ dos socios do seu crime:
Já por todos os lados os Lictores
O cercavaõ; mas eis que de improviso
Arrancando Messala afoutamente
Hum punhal, que no seio tinha occulto,
Para talvez com elle assassinar-vos;
» Os segredos, (lhe diz) que de Messala
» Procurais arrancar com tanto empenho,
» Sepultados estaõ dentro em seu peito;
» He necessario pois que, nelle roto
» Os venhaes descobrir; d'outra maneira,
» Quem sabe destimido conspirar-se,
» Tombem sabe affrontar calado a morte.
Acaba de dizer; neste momento
Hum grita, aquella corre, elle se mata;
E morreu o traidor, como hum Romano,
Sendo indigno de o ser. Já neste tempo
Tinha partido Aronte para o campo:
Seguiraõ-no os soldados largo espaço;
E com Tullia o trouxeraõ prezo a Roma.
Da sacrilega trama em breves horas

Vai o Ceo revelar todo o segredo:
Valerio cuidadoso em toda a parte
Procura descobrir os seus authores:
Porem logo que forem conhecidos
Os nomes dos infames parricidas,
Acautelai-vos todos, e naõ haja
Piedosa compaixaõ para os traidores,
Inda que seja o amigo, irmaõ, ou filho;
Esqueicei-vos de tudo; só vos lembre
O vosso juramento, o seu delicto:
A liberdade, e Roma, em altas vozes
Clamaõ por seu castigo; quem perdoa
Ao criminoso, he complice do crime.

(*Ao Escravo.*)

E tu, que por cegueira do destino,
Ou por hum desgraçado nascimento
Devendo ser Romano foste escravo;
Tu, por cuja razaõ vive o Senado;
Tu, que da escravidaõ salvaste a Roma,
Aceita, em recompença, a liberdade,
Que por teu dom conservo, e desde agora
De nobres sentimentos inflamado
Hombrea com meu filho; e dos tyrannos
Sê temeroso assombro. Mas que escuto!
Que subito ruido!

SCENA II.

PROCULO, ARONTE, LICTORES, E OS ANTECEDENTES.

PROCULO.

Aronte preso
Aqui trago, Senhor.

BRUTO.

Com que semblante
Poderá este perfido!....

ARONTE.

Athe quando
Querereis, oh Romanos, desatentos
Profanar os direitos dos humanos?
Conselheiros sinistros, e arriscados
D'hum Povo rebellado: o vosso intento
He de abater os Reys nos seus Ministros?
Estes vossos Lictores insolentes
Acabaõ de prender-me: ah! Respondei-me,
Este insulto, esta affronta he dirigida
Contra o meu Rey, ou só contra mim proprio?
De Embaixador a sacra Dignidade
Que inviolavel foi sempre entre os Povos....

BRUTO.

Quanto mais he sagrado o teu caracter,

Tanto mais he teu crime indesculpavel;
Deixa pois, deixa, Aronte, de lembrar-me
Neste lugar huns titulos inuteis.

A R O N T E.

O Embaixador d'hum Rey....

B R U T O.

Tégora o foste,
Já perfido o naõ es: em ti só vejo
Hum conjurado infame, disfarçado,
Com hum titulo honroso, a quem só serve
Do caracter illustre a immunidade,
Para o fazer aos crimes mais afouto.
O bom Embaixador (attende, Aronte)
He das Leis hum interperte prudente,
Que sem as profanar ao seu Rey serve;
He da fé dos humanos hum discreto
Fiel depositario; e a paz somente
He do seu Ministerio o sancto fruto;
He o sagrado vinculo, que enlaça
Os Principes do mundo, e bem fazejo
Em toda a parte, em toda a parte o adoraõ:
Reflecte bem, Aronte, e vê se podes
Achar nesta pintura o teu retrato:
Mas se ao menos pertendes ir dar conta
Ao teu Amo das Leis, que nos governaõ,
Das virtudes, e forças deste Imperio,
A conhecer primeiro o genio aprende,
Que vivifica Roma, e o seu Senado.
Este Povo Romano, Augusto, e Santo,
Sabe inda respeitar as Leis das Gentes,
Que o teu vil proceder desacredita:
Quanto mais insolente as atropellas,
Zelosos tanto mais as protegemos.

Por unico supplicio do teu crime
Roma só quer que vejas com teus olhos,
Com teus perfidos olhos, expirarem
Os falsos Cidadaõs, que se ligaraõ
Comtigo nesta trama, parricida;
Todo tinto no sangue criminoso,
Derramado a teus olhos, corre, voa
A dar parte ao Rey d'hum crime inutil;
E na tua pessoa á Italia mostra
De Roma a santidade, e a tua infamia.
Lictores, conduzi-o.

SCENA III.

BRUTO, VALERIO, PROCULO, E SENADO.

BRUTO.

Entaõ, Valerio,
Já presos estaõ todos? Ou seus nomes
Sabido tens ao menos? Mas que observo!
Que sombrio pezar te cobre o rosto,
Que parece agourar maior desgraça!
Ah! Tu tremes!

VALERIO.

Recorda-te, que es Bruto.

BRUTO.

Explica-te Valerio.

VALERIO.

Ah Bruto! Eu tremo
De dizerte o resto. Eis-aqui; toma,
(*Da-lhe hum papel.*)
Lé, Senhor; e conhece os delinquentes.

BRUTO.

Oh, Ceos! Que tenho lido! Dos meus olhos
Será talvez engano! Oh vida odiosa!
Oh Pay desventurado! Tiberino!
Meu filho! .... Senadores, perdoai-me....
O perfido está preso?

VALERIO

Combatendo
Salvar-se pertendeo com dois rebeldes;
Quizeraõ morrer antes, que render-se:
Traspassado de golpes penetrantes
Com elles expirou; mas inda resta
Por dizer hum desastre mais horrendo
Para ti, para Roma, e mais sensivel
Para mim proprio.

BRUTO.

Que ouço!

VALERIO.

Aqui tens, Bruto,
Esta horrorosa lista, foi achada
Entre os outros despojos de Messala.

BRUTO.

Vejamos. Ah! Que eu tremo, e me horroriso
Oh Ceos! Pois taõbem Tito!
(*Cahe nos braços de Proculo.*)

VALERIO

Daqui perto
Sem armas o encontrei parado,

Cheio de horror, e susto andava errante,
Detestando talvez o crime horrendo.

BRUTO.

Voltai, Padres Conscriptos, ao Senado:
Ao desditoso Bruto, já naõ toca
Sentar-se a par de vós; dentre os humanos
Minha malvada extirpe se extermine:
Puni, puni o Pay, estancar vinde
Dentro em meu proprio peito sem piedade,
A origem do seu sangue; naõ vos quero
Ao Senado seguir, por que receio
Que a vingança de Roma se demore,
Ou se aplaque talvez, se eu for presente.

SCENA IV.

BRUTO *SÓ*.

Aos decretos do Ceo minha vontade
Toda está resignada. Grandes Deoses,
Que vingais nossas Leis, e a Patria minha;
Vós, que minha maõ principiaveis
A fundar sobre as bases da justiça
Da nossa liberdade a immortal obra,
Intentareis agora enfurecidos
Destruir taõ sagrados fundamentos,
Armando o traidor braço de meus filhos
Contra a vossa obra mesmo? Que arrastado
Por hum furia cega, e vergonhosa,

Tiberino se armasse contra a Patria;
Que perfido lhe fosse combatendo
A favor dos tyrannos; este golpe
He hum golpe cruel, hum golpe horrivel;
Por que em fim o traidor sempre he meu filho:
Porém Tito! Hum heroe! O amor da Patria!
Que hoje mesmo feliz tem visto honradas
Com pompa triumphal suas victorias!
Tito! A quem no Romano Capitolio
Eu mesmo a fronte ornei do sacro louro!
Tito! Doce esperança dos meus annos!
A esperança de Roma! Tito! Oh Deoses!

SCENA V.

BRUTO, VALERIO, DOUS SENADORES, E LICTORES.

VALERIO.

A vontade suprema do Senado
He, que tu sentencees a teu filho.

BRUTO.

Eu?

VALERIO.

Tu só.

BRUTO.

Que dispoz dos mais rebeldes?

VALERIO.

Condemnados, Senhor, já foraõ todos;
E talvez no momento, em que te fallo
Nenhum exista já.

BRUTO.

Faz-me o Senado
Arbitro do destino de meu filho?

VALERIO.

He honra singular, que elle acredita
Ser devida ás virtudes, que te adornaõ.

BRUTO.

Oh Patria!

VALERIO.

Entaõ, Senhor, que hei dizer-lhe?

BRUTO.

Dir lhe-has, que o triste Bruto reconhece
Deste insigne favor o grande preço:
Que o naõ solicitava.... Mas que digno
Hei-de mostrar-me delle a todo o custo.
Mas dize-me, Valerio, antes que partas,
Tito sem resistir deixou prender-se?
Meu filho poderia facilmente....
Ah! Perdoa estas duvidas, Valerio,
Era Tito de Roma o firme apoio;
E naõ posso encobrir que inda me he caro.

VALERIO.

Tullia, Senhor....

BRUTO.

Que fez?

VALERIO.

Tem Confirmado
Esta suspeita odiosa a gora mesmo,

BRUTO.

Por que modo?

VALERIO.

Mal entra em nossos muros,
E mal vê dos castigos o apparato,
Sua maõ resoluta, consummando,
O triste sacrificio, empunha hum ferro,
No peito o crava, cahe por terra, e expira,
Sacrificando assim ás Leis de Roma.
Dos seus indignos Reys o infeliz resto:
Se Tito for traidor, foi della a culpa:
Eu conheço que és Pay, de ti me dôo;
Porem Tullia voltando a Roma os olhos,
Com as sombras da morte já cobertos,
O derradeiro nome, que lhe escapa
Da amortecida boca, foi de Tito.

BRUTO.

Justos Deozes!

VALERIO.

Senhor, ati pertence
Sentencear seu crime: pune, absolve,
Condemna, faze em fim quanto te antoge;
Tudo quanto obrar, Bruto, approva Roma.

BRUTO.

Lictores, sem demora seja logo
Tito á minha presença conduzido.

VALERIO.

Penetrado dos grandes. sentimentos,
Que me inspira, Senhor, tua virtude,
Com assombro, e com magoa me retiro:
Vou dar parte ao Senado da grandeza,
Da tua justa dor, e da tua alma.

SCENA VI.

BRUTO, E PROCULO.

BRUTO.

Quanto mais nisto penso, tanto menos
Posso crer, que meu filho tenha sido,
Quem tramasse a ruina dos Romanos:
Amava muito o Pay, e a Patria sua:
E naõ era possivel se esquecesse,
Na apressada carreira d'hum só dia,
De taõ fortes paixões: naõ, tal naõ creio;
Meu filho naõ he reo.

PROCULO.

Talvez, Messala,
Que foi quem maquinou a trama horrenda,
A' sombra do seu nome respeitavel,
Salvar-se pertendesse, ou talvez haja
Algum, que sua gloria aborrecendo,
offuscalla invejoso assim pertenda.

BRUTO.

Provera aos justos Ceos, que isso assim fora.

PROCULO.

Tito dos filhos teus unico resta;
Seja culpado, ou naõ desta perfidia,
O Senado indulgente o seu destino

Nas tuas maõs entrega: a vida sua
Como de ti depende, está segura:
Conservarás a Roma este homem grande,
Porque, Senhor, em fim, és Pay.

BRUTO.

Sou Consul.

SCENA VII.

BRUTO, PROCULO, TITO, E LICTORES.

PROCULO.

Eilo, Senhor.

TITO.

He Bruto: Oh fatal dia!
Horroroso momento! Abre-te, oh terra!
Debaixo dos meus passos vacillantes.
Permitte-me, Senhor, permitte a hum filho...

BRUTO.

Temerario, suspende, naõ prosigas,
De dous filhos, que o Ceo me concedera,
E que eu sempre atégora tinha amado,
Sei, que hum perdido está: porém que digo,
Ah desgraçado Tito! Falla, dize,
Inda me resta hum filho?

TITO.

Nenhum delles,
Nemhum delles te resta, ambos perdeste.

BRUTO.

Responde ao teu Juiz: Dize-me agora,
Opprobrio dos meus dias, intentavas
Opprimir aleivoso a Patria tua?
Abandonar teu Pay á tyrannia?
Violar infiel teus juramentos?

TITO.

Nada intentei, Senhor, de quanto dizes;
Hum veneno mortal que de mim todo,
Se tinha apoderado, de que sinto,
Inda hum secreto horror, que me devora,
Chegou-me a tal estado, que a mim proprio,
Eu me naõ conhecia, e mesmo agora,
Em mim procuro a Tito, e naõ o encontro:
Meu triste coraçaõ inda assombrado,
Dos errados funestos desvarios,
Que taõ longe de si o arrebataraõ,
Foi culpado hum momento; este momento
O meu nome cobrio de opprobrio eterno,
Elle me fez traidor á Patria, que amo:
O momento voou, e meus remorsos,
Igualando o meu crime tem vingado,
Da minha Patria a injuria. Pronuncia,
Senhor, minha sentença, Roma toda
Em ti tem posto os olhos; necessita,
Lhe dês com a minha morte hum grande exemplo:
Com meu justo castigo he necessasio,
Amedronteis, Senhor, os mais Romanos.
Se houver alguns, que meu exemplo sigaõ,
A Roma ha de ser util minha morte;
Bem como lho seria a minha vida,
E meu sangue, que sempre tem corrido
Em beneficio seu, cuja pureza

Huma só vez manchei, só derramado
Terá sido em favor da liberdade.

BRUTO.

Ah! Com tanta perfidia valor tanto!
Complexo horrendo de virtude, e crime!
A' sombra destes louros, e estandartes,
Que o teu valor ganhou, e que o teu sangue
Aos meus olhos tornava mais formosos,
Que Genio malfazejo, ou negra Furia
Te inspirou inscontancia taõ horrivel?

TITO.

A Furia das paixões, que acometer-me
Vieraõ de tropel; a grande sede,
Que tinha de vingar-me, ambiçaõ, odio,
Hum momento de colera impaciente....

BRUTO.

Acaba, desgraçado.

TITO.

Hum maior erro,
Hum amor, que agora me domina,
Foi da minha maldade a origem toda,
E quem a faz talvez mais detestavel.
Bem sei, Senhor, bem sei que tu te offendes
Da minha confissaõ, que vergonhosa
He indigna de nós, e a Roma inutil.
Minha desgraça, e furia saõ extremas
Acaba, põem já termo aos meus dilictos,
A' desesperaçaõ, que me atormenta;
Termina d'huma vez a minha vida,
O meu opprobrio, o teu. Mas se ategora
Trilhei sempre na guerra sanguinosa
As veredas, que tu me assignalaste;
Se imitei fielmente os teus exemplos

Se a minha Patria amei, se do meu erro
Hum violento remorso me atormenta....

(*Prosta-se aos pés de Bruto.*)

Ah! Digna-te, Senhor, de abrir-me os braços;
De apertar ao teu peito hum desgraçado:
Dize-me huma só vez, huma sómente:
« Bruto meu filho, naõ, naõ te aborrece »
Esta palavra só, minhas virtudes,
E minha gloria antiga restaurando
Da vergonhosa infamia, que me cobre,
Deffenderá, Senhor, minha memoria.
Dirá Roma nos seculos vindouros,
Que Tito no momento, que baixava
A' lugubre morada dos Infernos,
Em premio conseguio do seu remorso,
Que Bruto os olhos seus nelle fitasse:
Dirá, que amor me tinhas inda mesmo
Neste instante fatal; e que a despeito
Do seu feio delicto, inda teu filho
Pôde levar comsigo á sepultura
De Bruto a honrosa estima.

BRUTO.

Tu m'arrancas
Com esse teu remorso. Oh Patria! Oh Roma!
Proculo... Oh Ceos! Levem meu filho á morte.
Levanta-te da terra, triste objecto,
D'horror, e de ternura; ergue-te, filho,
Caro arrimo, em que a longa idade minha
A mais doce esperança tinha posto;
Vem abraçar teu Pay; teu Pay severo
Condemnar-te devia: porém sabe,
Que se eu Bruto naõ fôra, te absolvêra:
Ao fallar-te em meus olhos nada o pranto;

Mas tu leva, meu filho, ao teu supplicio
Constancia mais viril; naõ te enterneças;
Sê inda mais Romano do que he Bruto;
De maneira que Roma ao mesmo tempo,
Que se vinga de ti, de ti se espante.

TITO.

De meu Pay ainda digno a morrer parto.
Adeos.

(*Vai-se com os Lictores.*)

SCENA VIII.

BRUTO, E PROCULO.

PROCULO.

Todo o Senado enternecido,
E tremendo de horror por este golpe,
Que te deve aterrar....

BRUTO.

Proculo, basta;
Tu sabes quem he Bruto, e nos seus males,
Intentas consolallo! Ah! Só te lembre,
Que para hum novo assalto contra a Patria,
Tudo está preparado; os meus cuidados
Saõ todos para Roma; ella sómente
Me occupa o coraçaõ. Vamos, amigo,
Nestes tristes momentos, os Romanos,

Me serviraõ de filhos, occupando,
Na minha alma, o lugar, que tinha antes
O filho, que por elles hei perdido,
Minha vida infeliz, acabe ao menos,
Como Tito acabar devêra a sua,
Defendendo, e vingando a Patria minha.

SCENA IX.

BRUTO, PROCULO, E HUM SENADOR.

SENADOR.

Senhor....

BRUTO.

Morreo meu filho?

SENADOR.

Neste instante
Acaba de expirar: meus tristes olhos....

BRUTO.

Roma está livre. Basta.... Naõ tardemos
Vamos as graças dar aos Sacros Deoses.

FIM.

Depois de termos lançado maõ da presente Ediçaõ, e termos o Original na Impressaõ corregido dos erros mais essenciaes, (até em versificaçaõ) entre os muitos que no mesmo Original havia, soubemos havia quem principiando depois de nós se nos queria anticipar, publicando outra Ediçaõ, exemplar cópia do mesmo Original errado, talvez por ser impresso em Calcuta: e naõ duvindando nós que este em tudo segundo Editor conseguiria o seu intento, por circumstancias particulares, nos resolvemos a dar alguma pressa na presente; e por isso nos escapáraõ varias emendas de orthografia, que o sabio Leitor emendará, e desculpará benigno.